

CAMILO CASTELO BRANCO

CORAÇÃO, CABEÇA
E ESTÔMAGO

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

CORAÇÃO, CABEÇA E ESTÔMAGO

CAMILO CASTELO BRANCO
CORACÃO, CABEÇA
E ESTÔMAGO



Edição de Cristina Sobral e Ariadne Nunes

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

LISBOA - 2019

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.

Av. de António José de Almeida

1000-042 Lisboa

www.incm.pt

www.facebook.com/ImprensaNacional

editorial.apoiocliente@incm.pt

Design da coleção: Undo

Paginação e capa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Impressão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Papéis: Chromocard, 260 g, e Coral Book Ivory, 90 g

Tipos de letra: Znikomit e Minion Pro

1.ª edição: maio de 2019

ISBN: 978-972-27-2758-7

Depósito legal: 451 691/19

Edição n.º 1023187

(rosto da 2.^a edição)

CORAÇÃO, CABEÇA E ESTÔMAGO

ROMANCE

por

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

SEGUNDA EDIÇÃO MELHORADA

(PRECEDIDA DE UMA CRITICA DO SR. A. A. TEIXEIRA
DE VASCONCELLOS)

LISBOA

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA

50, Rua Augusta, 52

1864

DA SEGUNDA EDIÇÃO

A rapidez com que foi consumida a primeira edição deste romance é um dos raros exemplos que, infelizmente para as letras de Portugal, podemos citar.

Não se há de atribuir ao esmero do trabalho, nem aos dotes de fantasia deste romance, a aceitação que o público lhe deu. Muitos outros livros do mesmo autor, reputados superiormente pela crítica, esperaram muito maior espaço de tempo o triunfo — verdadeiro triunfo entre nós — da republicação. Seria, pois, a diferença que vai deste aos outros em matéria de resguardo, moralização, honestidade, e melindre? Decidam os leitores duns e outros, que a nós é indiferente o parecer, logo que o supremo juiz de gosto decidiu, bem ou mal, a questão.

A imprensa deu seu juízo favorável: não sabemos, porém, se a imprensa mística do país condenou o livro: quer-nos parecer que a religiosidade dos baluartes da fé não se intrometeria por estes pântanos pestilenciais do romance. Isto é bom e deleitoso para espíritos que se não receiam de convizinhar com os abismos. Mal vai ao leitor que se teme de ser desmoralizado pelo romance: não se deve fiar muito da sua virtude. O romance livre só tem mau sestro de estragar quem já estava mais estragado de exemplos vivos que de exemplos escritos. A inocência não vê a serpente debaixo das flores; o vício o mais que pode é espantar-se e zangar-se de ver-se retratado. A sincera virtude, essa o que deseja é que o ro-

mancista não ponha o crime glorificado em exemplo de folgada vida e quieta consciência.

Dentre os diversos juízos que saíram a louvar este livro, o trabalho que vimos mais completo é um folhetim do Sr. António Augusto Teixeira de Vasconcelos. Reproduzimo-lo com licença de seu autor. E, posto que ele encerre censuras, que o autor achou justas, os relanços censurados são ainda reimpressos, não por contumácia, ou amor-próprio; mas porque o máximo número de leitores se afeçoaram a eles, e levariam a mal que lhos mutilassem, sob pretexto de aperfeiçoar a obra. Um escritor tem que respeitar a crítica, sem desagradar a uma certa coisa, que há, chamada o *senso-público*, entidade importantíssima na popularidade dum livro.

O EDITOR

BIBLIOGRAFIA

CORAÇÃO, CABEÇA ESTÔMAGO

Romance por Camilo Castelo-Branco

Dizia o nosso mui celebrado poeta, Nicolau Tolentino de Almeida, escrevendo acerca de um padre, que fora mestre de retórica:

«Se em retórico exercício
Já soubeste as regras dar,
Eu também posso falar,
Porque sou do mesmo ofício.»

Pois apesar da incontestável autoridade do grande satírico português, é raro, raríssimo, que homens do mesmo ofício se louvem ou se critiquem. Vai cada qual no seu caminho, e os outros que apreciem como lhes parecer. É certo que às vezes se encontram e se cortejam com benevolência. Tem acontecido, mas por acaso.

Abona-se esta abstenção alegando que anda muito suspeita a sinceridade do louvor e o desinteresse da crítica, quando o autor do livro e o crítico exercem igual mister. Parece valiosa a razão, e não presta. Bem servida estava a crítica se tinha de esperar que houvesse um português, que acreditasse na boa-fé do seu semelhante! Aqui é necessário remar contra a maré. Pois rema-se.

Ora eu sempre estive às ordens da minha razão e mal sujeito às opiniões alheias. Então em havendo coisa de que os outros se acautelem, já lavra em mim o desejo de a tomar como encargo, e por mais que faça, não lhe sei resistir.

Foi o que me aconteceu com o romance do Sr. Camilo Castelo Branco. Nunca tinha lido este volume. Li o *Coração, Cabeça e Estômago*, de uma assentada. Gostei, peguei na pena, e resolvi escrever o que sentia a tal respeito.

Bem sei que o Sr. Camilo Castelo Branco é romancista, e eu também. Não ignoro que publica romances n' *O Comércio do Porto*, e eu também. E vi e notei em França, que os escritores do mesmo género não exercem a crítica escrita acerca das obras dos seus colegas. Pois por isso mesmo. Eles apreciam de língua em conversação particular. Eu gosto mais de o fazer por escrito, em público, e do seguinte modo:

A obra do Sr. Camilo Castelo Branco tem três partes, como revela o título. A primeira diz respeito ao *coração* de Silvestre da Silva, que não era dos peiores. A segunda trata da *cabeça* do tal sujeito, que não seria de invejar. A terceira e última, é com o *estômago*, víscera infeliz desde a malfadada maçã do paraíso até às alicantinas gastronómicas das respeitáveis casas de pasto, que honram a pátria e o século.

Começa a primeira parte com a história de sete mulheres. O número foi bem escolhido porque, segundo as melhores estatísticas, é aquele em que o sexo feminino excede o recenseamento universal do masculino, coisa que tem dado que pensar a meio mundo, e que rir à outra metade. Sete mulheres para cada homem, segundo a produção espontânea da natureza, santo breve da marca! seria pior que na Turquia, onde a generosa lei do profeta apenas concede a cinco o título de legítimas!

Eu já agora não trato das tais sete mulheres. A pintura é fiel, mas as figuras do quadro foram delineadas pelo artista sem atenção a regras que não fossem de arte. A folha de parra está mal segura, e se lhe bulo, pode cair. Neste ponto declaro o livro perigoso, e

aprovo a piedosa intenção com que no Porto compraram logo mais de quinhentos exemplares, decerto para os queimarem em holocausto à moral. Ainda bem que há gente zelosa dos costumes, senão ficava o reino envenenado!

Há dois capítulos nesta primeira parte, dos quais um se intitula *A mulher que o mundo respeita*, e o outro *A mulher que o mundo despreza*. Já se vê que o mundo respeita uma desaforadíssima criatura, e despreza uma infeliz, lançada por mão alheia no abismo da miséria. Tem-se visto.

O mundo respeita muito o dinheiro e a grandeza. Não lhes pergunta pelo sexo. Se acertam cair em homem, viva o homem, ainda que seja o mais descarado malandro. Se incarnam em mulher, viva a mulher, ainda que seja a mais deslavada marafona. Querem saber a causa? Perguntem-a ao mundo. O Sr. Camilo afiança a existência do facto, e eu ofereço-me para testemunha abonatória.

E a virtude? Ora eu lhes conto. Era uma vez uma senhora francesa, que no fim do inverno presidia ao seu último sarau antes de partir para o campo. Havia grande roda de senhoras e de homens, e cada qual gabava os prazeres da aldeia. Lembro-me que um tal Mr. de Paravere, que lia a todos certa obra manuscrita acerca das vindimas do arroz ou não sei de que outra tolice semelhante, citou *Beatus ille qui procul a negotiis* e o *sua si bona norint*.

A dona da casa, excelente pessoa e extremamente sociável, ouvia e suspirava, até que, por entre um ai mais desafogado, exclamou: *Eu também adoro a solidão, mas com muita gente à roda de mim!* — J'adore la solitude avec beaucoup de monde!

Pois assim diz o público. Gosta da virtude, mas com muito dinheiro. Então sim. Não há caridade de dezoito tostões que não venha na gazeta, nem bodo aos pobres que não mereça comenda.

Eu conheci um homem que empenhou o relógio para socorrer uma família pobre, e também sei onde está um garoto que de um dinheiro roubado a uns órfãos dotou algumas donzelas. Este fez de santo em quantos noticiários se imprimiram então. Da caridade

do outro nem os protegidos falam, porque não souberam nunca donde lhes veio o socorro.

De tudo isto se deduz que o Sr. Camilo Castelo Branco pôs o dedo em uma chaga social. Fez o seu dever de romancista. Lave a mão porque o pus é sujo e venenoso, e siga no seu caminho. Nesta parte do romance há originalidade na forma. Na essência não a podia haver, porque o assunto está estafadete. O coração é a víscera mais discutida do corpo humano. Andamos todos com a mão sobre o nosso, e a outra sobre os alheios a contar-lhes as pancadas para escrevermos a respeito disto resmas de papel. Não repetir os outros, nem a si próprio em tal assunto, já é um bom milagre.

E o Sr. Camilo escreve com tanto chiste, com sabor tão nacional, e com tão profunda ciência dos sentimentos portugueses, que a ideia mais conhecida toma nos seus escritos formas inteiramente originais.

Vamos à segunda parte para não ter de me queixar de falta de espaço, que é a mais safada desculpa de redatores.

À cabeça do Sr. Silvestre da Silva faltava principalmente juízo, e por isso principiou em correspondente d'O *Periódico dos Pobres do Porto*, e acabou na cadeia por sentença do meritíssimo juiz da polícia correcional.

Pois vai-se meter com a vida do Sr. Anselmo Sanches, o advogado mais desavergonhadamente honrado dos auditórios do norte! Que lhe importava a ele a pureza de costumes do nosso querido doutor? Por isso malhou com os ossos na Relação, e foi muito bem feito.

Quantos Anselmos Sanches não há por esse mundo vivendo muito desafortadamente com geral reputação de santinhos! E chovem-lhes as procurações no escritório, e em casa convites para jantar e para baile, à mistura com presentes ricos e recados das meninas nas cartas do pai! E os Silvestres da Silva fazem que não percebem. Por isso o doutor, quando fala deles, diz que são bons rapazes, e até lhes ajuda a arranjar um casamento rico com qualquer das tais meninas...! Bom serviço!!

O Silvestre do Sr. Camilo exclamava que há casos em que o silêncio é um crime: pobre mancebo! Até uma vendedora de melões lhe está dando quinau quando diz: — *O calado é o melhor.* — Pertence o mundo aos Anselmos Sanches. É escusado andar-lho a disputar. E com isto não digo que não há gente honrada. Isso há. Mas vive muito caladinha e humilde, senão desonram-a e apedrejam-a sem misericórdia.

Quanto diz respeito à cabeça de Silvestre da Silva é escrito com muita habilidade. Compreende grande número de assuntos, sobre cada um dos quais o autor ou já escreveu um livro ou ainda o há de escrever. Quis-me parecer assim quando li. Deus me perdoe, e o meu colega também, se me enganei.

O Porto leva por ali seus piparotes para ensino, e suas meiguices para que a correção tenha caráter mais paternal. Não se queixem. Assim o querem, assim o tenham. Um escritor em uma cidade grave e comercial, como é a minha querida pátria, não vale meio guarda-livros. Não acha duzentos mil réis a crédito, nem casa com a filha do proprietário do jornal, se ela tem dote. A sua maior glória é saber que o assinante ao ler o artigo acerca da enfermidade das vinhas ou a respeito da abundância da beterraba, disse bocejando: *Este pelintra não escreve mal às vezes.*

Mas o tal rabiscador de papel lembra-se um dia do crítico, e estampa-o, por dentro e por fora, nas páginas de um romance. Ri à custa do zote a rua inteira. Em casa a família esconde-lhe o livro que já mandou comprar, e faz quanto pode para lhe poupar a vergonha de ver a própria caricatura e não dar por ela. É a desforra do talento. Quem for dorido, respeite-o ainda que o não aprecie.

Eu tenho pena quando vejo os meus portuenses chasqueados por algum homem de génio. Mas que hei de eu fazer a uma gente que não quis para seu representante o Garrett? É o caso de lhes repetir: *Assim o querem, assim o tenham.* Se eu tivesse autoridade para dar um conselho aos meus patrícios, recomendava-lhes que não assanhassem os escritores. Mais hoje, mais amanhã, eles pregam-lha na menina dos olhos, como se diz vulgarmente. A Praça do

Comércio uiva de indignação, os pais de família gritam, os Anselmos Sanches fungam maior número de pitadas, e declamam contra a corrupção geral, mas as raparigas e os rapazes... o público, enfim, ri, e a coisa fica, e às duas por três sobe ao tablado do teatro, o que ainda é peor!

Vale mais pôr na rua dois caixeiros dos que sabem inglês e alemão do que enraivecer um redator. Olhem que lhes falo com o coração nas mãos.

O tal Silvestre da Silva aqui para nós tinha aduela de menos, mas os patuscos que na assembleia portuense se reuniam no palheiro tinham sem dúvida... aduela de mais. Ora a experiência mostra que, com aduela de mais ou aduela de menos, não dura muito o tonel, e ao primeiro murro de mão certa — zás — vão os tampos dentro.

Tudo isto lhes digo com amor. Cada gargalhada, que por aqui estou ouvindo à custa do Porto, me aquece as orelhas, porque também de lá sou, mas... aqui não há mas nem meio mas — o ridículo é como o inferno. Quem lá caiu, ficou. *Nulla est redemptio*.

Encantou-me a terceira parte do romance, não pelo desenlace filosófico, mas pela admirável fidelidade com que o Sr. Camilo Castelo Branco copiou da natureza as cenas e linguagem da casa do sargento-mor de Soutelo. Tomásia na cozinha, na eira, a coser, à mesa, na despedida, e na volta da igreja no dia do casamento, não tem rival em nenhum romance português que eu conheça. Aquele trecho do livro parece-se com o *quatuor* do Rigoletto em bastar para constituir a reputação de um artista.

É mui difícil pintar bem os costumes portugueses. A primeira dificuldade está em conhecê-los. Cumpre ir estudá-los nas terras mais afastadas do sertão, onde o chá é remédio para dores de barriga. Depois entra connosco a dúvida, se o quadro agrada aos leitores da cidade, desviados da primitiva singeleza nacional pela invasão dos usos franceses, e se a civilização não exige que se dê aos pastores cajado de cana da Índia, e surrão de *moiré antique*. Nestas incertezas vamos desfigurando a verdade sem darmos por

tal, e ao cabo os costumes que meditávamos fossem portugueses, saem-nos franceses legítimos.

Já nem há portugueses. Essa gente que por aí anda, que elege e é eleita, que faz leis no parlamento, e que as cumpre ou se insurge contra elas, é gente estrangeira.

Pois são lá portugueses estes senhores que dormem em camas de molas, cobertos com *édredon*, que almoçam chá *peko* e *uchon*, que *luncham paté de foie gras* e sardinhas de Nantes, que jantam sopa *à la julienne*, *bœuf à la mode*, *salmis de perdreaux aux truffes*, e não sei quantas outras francesices; que aboliram a ceia doméstica e que só a admitem na casa de pasto com má companhia? Onde procuraremos a nacionalidade dos que nunca leram Frei Luís de Sousa nem Diogo Bernardes, e sabem de cor Teófilo Gautier e Alfredo de Musset? Estes portugueses que dizem *deboche* e *assortimento*, *tomar a palavra* e *saltar aos olhos* são de Paris ou de Bordéus; de Lisboa ou do Porto decerto não, e ainda menos da Beira ou de Trás-os-Montes.

Por mais tolerância que haja com as inovações, não se pode negar que o tipo nacional se vai modificando de maneira que em breve encontraremos parisienses entre os janotas da Freixeneda e de Vila Real de Santo António. Bom é que os costumes nacionais se arquivem nos escritos contemporâneos. Bem haja o Sr. Camilo em lhes dar os seus romances para Torre do Tombo.

Agora devo também dizer o que me não agradou no romance — *Coração, Cabeça e Estômago*. Foram algumas liberdades da primeira parte, e certas palavras desusadas, que se encontram espalhadas no livro, verdade seja com discreta parcimónia.

As tais liberdades parecem-me inúteis. Quem possui tão rica provisão de sal ático, porque há de salgar com outro? Mas desse é que o público gosta. Pois deixá-lo gostar. O Sr. Camilo, que prima no valor e ousadia de afrontar as opiniões dos caturras, despreze mais uma, e ajude a reformar o gosto voltando as costas a essa popularidade. Qualquer sandeu lhe deitará a barra adiante nas pinturas desenvoltas. Nos primores de arte não, e esta é a sua elevada missão.

Pelo que pertence às palavras antiquadas, é certo que de algumas se pode dizer que nos seriam úteis, e que aformoseariam a boa linguagem portuguesa, porém não me parece que sejam os romances os escritos mais próprios para essa renovação. Comece nas obras académicas, apareça nos tratados de ciência, invada os livros de história, e mostre-se nos artigos literários dos periódicos. Daí entrará no uso comum, e então poderá o romancista servir-se do restaurado instrumento.

Obrigar uma senhora a ler um romance com os dois volumes de Moraes ao lado é um desamor para com o belo sexo, que desdiz — *si vera est fama* — das propensões mais conhecidas do Sr. Camilo Castelo Branco. E depois não sabe o ilustre escritor que sem o cuidar vai obrigando os seus numerosos imitadores a lerem do princípio ao fim o Santa Rosa de Viterbo e o Moraes para escreverem trechos de prosa que ninguém entende? Destes se pode dizer com um poeta espanhol:

«Entendes, Fábio, o que te estou dizendo?

Decerto que o entendo.

Tu mentes, Fábio!

Que eu próprio que to digo, o não entendo.»

Já vi, na mão de um cadete de literatura, uma lista de termos obsoletos colhidos no dicionário para condimentar vários artigos de política, que o bom do mancebo tencionava escrever.

Eu tenho dito e não me canso de repetir que os bons escritores do século décimo sexto usavam da linguagem do seu tempo, e que nesse discreto empenho os devemos imitar, usando da que mais geralmente é adotada pelos contemporâneos autorizados.

Pois se alguém pode sujeitar-se a este preceito do bom gosto, e salutar conselho meu, é o Sr. Camilo Castelo Branco, cuja riqueza de estilo e de linguagem não carece de ornatos comprados nas lojas dos ferros-velhos quinhentistas. A sua natural propensão é para a dicção contemporânea mais apurada e culta. Não a contrarie, que

há de ter em breve na mão o bastão de marechal dos prosadores portugueses. A prova está nas primeiras vinte páginas das *Memórias do Cárcere*, e não sei se no resto porque ainda não tive tempo de concluir a leitura.

À Tomásia do *Coração, Cabeça e Estômago*, devo o que li das *Memórias do Cárcere*. Gostei tanto, que fui procurar outra obra do Sr. Camilo, e fiquei a ler até às 4 horas da manhã. Daí me resultou uma inflamação de olhos que ainda agora me aflige desde o dia 18 de outubro. Bem me dizia um portuense meu conhecido que o não ler, nem os letrados nas ruas, era a melhor coisa de que ele tinha notícia, tanto para a alma como para o corpo.

Já agora não tomo língua. Se não morrer lendo, a escrever decerto morro. Muito matreira será a morte, se me pilhar sem a pena entre os dedos. Pois quando eu concluir a leitura das *Memórias do Cárcere*, direi desses dois volumes e do seu autor o muito que me fica por dizer agora.

O Sr. Camilo Castelo Branco é o nosso primeiro romancista e há de ser por certo, se o quiser ser, um dos mais discretos prosadores portugueses. O voto não admite suspeição, porque é de homem do mesmo ofício.

24 de outubro de 1862.

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELOS

ADVERTÊNCIA DO AUTOR

Folheando novamente os manuscritos de Silvestre da Silva, encontrei algumas páginas que merecem ser intercaladas nesta segunda edição de suas memórias.

A simpatia, que o meu defunto amigo granjeou postumamente na república das letras e das tretas, impõe-me o dever de empurrar portas dentro da imortalidade tudo que lhe diz respeito.

O meu amigo António Augusto Teixeira de Vasconcelos achou que Silvestre algumas vezes abusava do vocabulário dos eufemismos. Também me parece que sim. Mas já agora deixemos o defunto com a sua responsabilidade, e tenhamos esperanças de que ele se salvará primeiro que o autor da *Fanny*, livro tão querido das famílias!

Aqui vem a ponto dizer como Lopo de Vega, na ARTE NUEVA DE HACER COMEDIAS:

*«Sustento en fin lo que escribi y conozco
Que aunque fuera mejor de otra manera,
No tuvieran el gusto que han tenido
Porque às veces lo que és contra el justo
Por la misma razón deleita el gusto.»*

O AUTOR

PREÂMBULO¹

— O meu amigo Faustino Xavier de Novais conheceu perfeitamente aquele nosso amigo Silvestre da Silva...

— Ora, se conheci!... Como está ele?

— Está bem: está enterrado há seis meses.

— Morreu?!

— Não morreu, meu caro Novais. Um filósofo não deve aceitar no seu vocabulário a palavra *morte*, senão convencionalmente. Não há morte. O que há é metamorfose, transformação, mudança de feitio. Pergunta tu ao doutíssimo poeta José Feliciano de Castilho o destino que tem a matéria. Dir-te-á a teu respeito o que disse de Ovídio, sujeito que não era mais material que tu, e que o nosso amigo Silvestre da Silva. «Ovídio cadáver», pergunta o sábio, «onde é que para? Tudo isso corre fados misteriosos, como Adão, como Noé, como Rómulo, como nossos pais, como nós, como nossos filhos, rolando pelos oceanos, flutuando nos ares, manando nas fontes, correndo nos rios, agregado nas pedras, sumido nas minas, misturado nos solos, viçando nas ervas, rindo nas flores, rescendendo nos frutos, cantando nos bosques, rugindo nas matas, rojando dos vulcões, *etc.*»^{*} Isto, a meu ver, é exato, e, sobretudo,

^{*} *Grinalda de Ovídio.*

consolador. O nosso amigo Silvestre da Silva, a esta hora, anda repartido em partículas. Aqui, faz parte da garganta dum rouxinol; além, é pétala duma tulipa; acolá, está consubstanciado num olho de alface; pode ser até que eu o esteja bebendo neste copo d'água, que tenho à minha beira,² e que tu o encontres nos sertões da América, alguma vez, transfigurado em cobra-cascavel, disposto a comer-te, meu Faustino.

O que te eu assevero é que ele deixou de ser Silvestre da Silva, há seis meses, posto que os parentes teimam em lhe ter uma lousa sobre o chão, onde o estiraram, com esta mentira: AQUI JAZ SILVESTRE DA SILVA.

Pois é verdade. O nosso amigo começou a queixar-se, há de haver um ano, de falta de apetite, e frialdade de estômago, efeito das indigestões. Foi a banhos de mar à Póvoa de Varzim, e só tomou três, porque perdeu o dinheiro em duas cartas da sua paixão, e voltou para casa a castigar-se do vício, tomando banhos de chuva, e leites quinados. Foi de mal a pior. Desconfiou que passava a outra metamorfose, e deu ordem aos seus negócios da alma com a eternidade. Dos bens terrenos não fez deituação, porque lá estavam os credores, seus presuntivos herdeiros, ainda que alguns deles declinaram a herança a benefício de inventário, lamentando que em Portugal não fosse lei a prisão por dívidas: parece que os irritou a certeza de que o cadáver insolvente não podia ser preso. Em outro ponto, te darei mais detida notícia desta catástrofe.³

Eu fui o herdeiro dos seus «papéis». Alguns credores quiseram disputar-mos, cuidando que eram *papéis de crédito*. Fiz-lhes entender que eram pedaços dum romance; e eles, renunciando à posse, disseram que tais pataratices deviam chamar-se *papelada*, e não *papéis*.

Aceitei a distinção como necessária, e retirei com a papelada, resolvido a dá-la à estampa, e com o produto dela ir resgatando a palavra do nosso defunto amigo, embolsando os credores. Fiz um cálculo aproximado, que me anima a asseverar aos credores de

Silvestre da Silva que hão de ser plenamente pagos, feita a décima edição deste romance.

Aqui tens tu uma ação, que deve ser extremamente agradável às moléculas circunfusadas⁴ do nosso amigo. Espero que Silvestre ainda venha agradecer-me o culto que assim dou à memória dele, convertido em aroma de flor, em linfa de cristalina fonte, ou em ambrósia de vinho do Porto, metamorfose mais que muito honrosa, mas pouco admirativa nele, que foi deste mundo já saturado em bom vinho. É opinião minha⁵ que o nosso amigo, a esta hora, é uma folhuda parreira.

Vamos à papelada, como dizem os outros.

Tenho debaixo dos olhos, mal enxutos da saudade, três volumes escritos da mão de Silvestre.

O primeiro, na lauda, que serve de capa, tem a seguinte inscrição em letras maiúsculas: CORAÇÃO.

O segundo, menos volumoso, diz: CABEÇA.

O título do terceiro, e maior volume, é: ESTÔMAGO.

Nenhum deles designa época; mas quem tiver, como eu, particular conhecimento do indivíduo, pode, sem grande erro cronológico, datar os três manuscritos.

O *Coração* reina desde 1844 até 1854. São aqueles dez anos em que nós vimos Silvestre fazer tolice brava.

Em 1855 notámos a transfiguração do nosso amigo, que durou até 1860, época em que tu já tinhas trocado o património da estima dos teus conterrâneos pelas lentilhas do Novo Mundo. Não viste, pois, a transição que o homem fez para o estômago, sepultura indigna das santas quimeras, que o entonteceram na mocidade, e consequência funesta da má direção que ele deu aos projetos, raciocínios, e sistemas da cabeça. Podemos assinar tempo ao terceiro volume, desde 1860 até fim de 61, em que o autobiógrafo se desmanchou do que era para se arranjar doutro feitio.

Silvestre, como sabes, tinha muita lição de maus livros. Olha se te lembras que os seus folhetins eram um viveiro de imoralidades vestidas, ou nuas, à francesa. Jornal em que ele escrevesse, morria

ao fim do primeiro trimestre, depois de ter matado muitas ilusões. Quem hoje desembrolha um queijo flamengo, e lê no envólucro um folhetim de Silvestre, mal pensará que tem entre mãos o passaporte de muita gente para o inferno. Não há muito que eu, despejando uma quarta de mostarda num banho de pés, li o papel, que a contivera, e achei o seguinte período de um folhetim do meu saudoso amigo:

«Diz Petrônio que fora o medo que inventara as divindades.

«Deus é o que é. O homem é o pequeníssimo bicho da terra, de que fala o Camões.

«Entre Deus e o homem, só a soberba estúpida do homem podia inventar convenções, concordatas, obrigações e alianças.

«O sagui é muito menos estúpido, e mais modesto. Come, bebe, dá cabriolas, faz caretas ao mau tempo, coça-se ao sol, retouça-se à sombra, vive, e acaba feliz, porque se não receia de vir a ser homem.

«A estolidez do homem! Diz ele, empapado de vaidade tola: — ‘Deus tem os olhos em mim!’ — Que importância! Deus tem os olhos nele! Se assim fosse, havia de ver bonitas coisas o criador do homem que mata seu irmão!

«Os olhos nele, para quê⁶? Para envergonhar-se a cada hora da sua obra!...

«É a blasfémia em todo o seu asco!

«Rebalsa-te em sangue, miserável vampiro! Emperla os teus cabelos, meretriz, que deixas morrer tua mãe de fome! Mãe infame, come aí em toalhas de Flandres o preço da desonra de tua filha! Ostentai-vos, vermes, aos olhos de Deus, que estão pasmados em vós!...»

Ainda bem que o fragmento findava nisto, senão eu teria a imprudência de to dar inteiro nesta cópia, em que senti as repugnâncias do pulso. Vê tu que missionário era aquele Silvestre! Que ceifa de almas fez o empreiteiro das trevas inferiores naqueles anos!

Eu de mim pude salvar-me, estudando, como sabes, a teologia a fundo. Tu também te salvaste, penso eu, justamente porque não sabias coisa nenhuma de teologia, e acreditavas na religião de teus pais, visto que a base fundamental da tua crença era a caridade. Acertou de ser isto⁷ num tempo em que tu pedias esmola para as freiras de Lorvão, e eu, também contigo, pedia esmola no teatro de S. João, para o poeta Bingre.

Recorda-te, Novais; mas não chores. Faz como eu: ergue o peito de sobre a banca do trabalho, e sacode a lájea que te está pesando nas costas... Olha a vaidade! Teremos nós sepultura com lájea!? Conta com um comarozinho de terra, e umas papoulas na primavera, e uma tábua preta com um número branco. A aritmética há de perseguir-me além da morte!

Atemos o fio.

Os manuscritos de Silvestre careciam de serem adulterados para merecerem a qualificação de romance. É coisa que eu não faria, se pudesse. Acho aqui em páginas correntemente numeradas sucessos sem ligação nem contingência. Umás histórias em princípio, outras que começam pelo fim, e outras que não têm fim nem princípio. Pode ser que eu, alguma vez, em notas, elucide as escuridades do texto, ou ajunte às histórias incompletas a catástrofe, que sucedeu em tempo que o meu amigo se retirara da sociedade, onde deixara a víscera dos afetos.

No volume denominado CORACÃO encontro algumas poesias, que não traslado, por desmerecerem publicidade, sobre serem imprestáveis ao contexto da obra. Não designam as pessoas a quem foram dedicadas, nem me parecem coisa de grande inspiração. Silvestre, em poesia, era vulgar; e a poesia vulgar, mormente na pátria dos Junqueiros, dos Álvares de Azevedo, dos Casimiros d'Abreu, e dos Gonçalves Dias, é um pecado publicá-la. Sonego, pois, as poesias, em abono da reputação literária do nosso amigo.*

Basta de preâmbulo⁸.

* Este prólogo foi escrito designadamente para ser impresso no Rio de Janeiro.

PRIMEIRA PARTE

CORAÇÃO

Coisas há i, que passam sem ser cridas,
E coisas cridas há sem ser passadas...
Mas o melhor de tudo é crer em Cristo.

CAMÕES (Soneto)⁹

SETE MULHERES

I

O meu noviciado de amor passei-o em Lisboa. Amei as primeiras sete mulheres que vi, e que me viram.

A primeira era uma órfã, que vivia da caridade de um ourives, amigo do seu defunto pai. Chamava-se Leontina. Fiz versos a Leontina, sonetos em rima fácil, e muito errados, como tive ocasião de verificar, quando os quis dedicar a outra, dois anos depois.

Leontina não tinha caligrafia nem ideias; mas os olhos eram bonitos, e o jeito de encostar a face à mão tinha encantos.

Era minha vizinha. Por desgraça também era meu vizinho um algibebe que morria d'amores por ela, e, à conta deste amor, se ia arruinando, por descuidar-se em chamar freguesia, como os seus rivais, que saíam à rua a puxar pelos indivíduos suspeitos de quererem comprar. Aristocratizara-o o amor: envergonhava-se ele de tais alicantinas, debaixo do olhar distraído da mulher amada.

Odiava-me o algibebe. Recebi uma carta anónima, que devia ser sua. Era lacónica e sumária: «Se não muda de casa, qualquer noite é assassinado.» Pouco mais dizia.

Contei a Leontina, em estilo alegre, com presunçoso desprezo da morte, o perigo em que estava minha vida, por amor dela. Indiquei o algibebe como autor da carta. A menina, que tivera o desfazio de lhe receber noutro tempo algumas, conheceu a letra mal disfarçada.

Tomou-lhe raiva, fez-lhe arremessos, e induziu a criada a atirar-lhe com uma casca de melão, que lhe sujou um colete de veludinho amarelo e verde com listas encarnadas e pintas roxas. Que colete!

Passados tempos, Leontina desapareceu com a família; e, ao outro dia, recebi dela um bilhete, escrito em Almada. Dizia-me que o algibebe escrevera ao seu padrinho uma carta anónima, denunciando o namoro comigo. O padrinho ordenou logo a saída para a quinta de Almada.

O padrinho era o ourives, sujeito de cinquenta anos, viúvo, com duas filhas mulheres, das quais amargamente Leontina se queixava. As filhas do ourives, receiando que o pai se casasse com a órfã, queriam-lhe mal, e folgavam de a ver nas presas de alguma paixão, que a arrastasse ao crime, para assim se livrarem da temerosa perspectiva de tal madrasta.

E o certo é que o ourives pensava em casar com Leontina, logo que as filhas se arrumassem. Estas, porém, sobre serem feias, tinham contra si a repugnância do pai no dotá-las em vida. Ninguém as queria para passatempo, e menos ainda para esposas.

Picado pelo ciúme, abriu o ourives seu peito à órfã, e ofereceu-lhe a mão, e uma pulseira de brilhantes nela, com a condição de me esquecer.

Leontina disse que sim, cuidando que mentia; mas passados oito dias, admirou-se de ter dito a verdade. Nunca mais soube de mim, nem eu dela; até que, um ano depois, a criada, que a servia, me contou que a menina casara com o padrinho, e que as enteadas, coagidas pelo pai, se tinham ido para o recolhimento do Grilo com uma pequena mesada, e a esperança de ficarem pobres. Não sei mais nada a respeito da primeira das sete mulheres que amei, em Lisboa.

NOTA

Eu sei mais alguma coisa, que merece crónica.

Leontina subjugou o ânimo do marido; descobriu que ele era rico, e gozou quanto podia das regalias do mundo, às quais vivera estranha até aos vinte

e quatro anos. O ourives tomou o gosto aos prazeres, e esqueceu o valor do dinheiro, exceto o que dava às filhas, que lhe saía da secretária com pedaços de vida. Começaram pelos arlequins e pelos touros; e acabaram no teatro de São Carlos o refinamento do gosto.

Leontina andou falada na sua roda, como esposa fiel, e admirável vencedora de tentações. Quasi todos os amigos particulares do marido a cortejaram, sem resultado. Deu bailes em sua casa, donde era frequente saírem os convidados penhorados, às quatro horas da manhã; mas, duma vez, não saíram todos; ficou um escondido no quarto da criada, e lá passou o dia seguinte. O ourives ignorou muito tempo que a sua lealdade não era dignamente correspondida: porém, suspeitando um dia que a criada o roubava, fez-lhe uma visita domiciliária ao quarto, sem prevenir a esposa, e achou lá o filho de seu primo Anselmo, dormindo sobre a cama da moça, com a segurança de quem dorme em sua casa. Estava de moiras amarelas, e vestia um *chambre* de lã do dono da casa! É escândalo e mangação!

Foi chamada Leontina a altos gritos. Acordou o filho de Anselmo, e foi procurar na algibeira do paletó um *revolver*. O quinquagenário viu cinco bocas de ferro, mais persuasivas que a *boca-d'oiro* de Crisóstomo, o santo. Passou ao andar de baixo, e gritou pelo código criminal. Leontina tinha fugido para casa da sua amiga e vizinha D. Carlota, pessoa de hipotética probidade. O escandaloso possessor do *chambre* despiu-o, vestiu-se, sacudiu as moiras amarelas, sentou-se a calçar as botas, acendeu um charuto, desceu as escadas serenamente, e encontrou-se no pátio com dois cabos de polícia e um municipal. Dali foi para o administrador, que o mandou reter até ulteriores explicações.

Leontina, dias depois, foi para o convento da Encarnação, onde esteve dois anos, e donde saiu a tomar caldas em Torres Vedras, por consenso do marido, que a foi lá visitar e de lá foi com ela à exposição a Londres. Da volta da viagem, o ourives morreu hidrópico, legando às filhas umas inscrições, que rendem para ambas um cruzado diário, e à esposa uma independência farta em títulos bancários e em géneros de ourivesaria.

Consta-me que Leontina se lembrara então de Silvestre; mas ignorava que destino ele tivesse. Incumbiu um compadre de indagar se estava no Porto o homem¹⁰; a resposta demorou-se alguns dias, sete creio eu, e ao sexto já ela estava em indagações da vida e costumes dum sujeito de bigode e pera, que à mesma

hora de cada tarde lhe passava à porta num tílbur, tirado por uma orça. Fácil lhe foi saber que o sujeito fora, cinco anos antes, algibebe, tirara o prémio da loteria de Espanha, e fechara a loja. Era o mesmo algibebe que levava no colete de veludilho com a casca de melão. Que mudança de cara e de maneiras ele fizera! O dinheiro faz estas mudanças, e outras mais espantosas ainda. Chegaram à fala, deram-se explicações, e casaram. Eu tive ocasião de os ver ontem no seu palacete a Buenos Aires. Estão gordos, ricos, e muito considerados na sua rua.

A segunda era também minha vizinha. A casa, em que eu vivia, formava o cunhal dum quarteirão, com janelas para duas ruas. Assim podia eu passear os dois corações duma para outra janela sem dar suspeitas da minha doblez.

Nunca pude saber o nome da dama, nem lhe vi a preceito a cara. Entreluziam-lhe os olhos nas tabuinhas verdes das persianas, olhos que abonavam o restante das belezas. Vi-a uma ou outra vez na rua; mas o meu pudor era o mais vigilante anjo da guarda que ela tinha. Escrevi-lhe uma carta em vinte páginas, e icei-lha numa cartonagem de amêndoas, que ela, à meia-noite, pendurou da janela. No dia seguinte não a vi. Afligi-me até à desesperação, tomando como zombaria semelhante resposta à minha carta. Desafoguei na sincera amizade de um amigo, e este consolou-me, dizendo que a mulher podia estar doente, podia estar apaixonada; e na segunda hipótese,¹¹ fugia à paixão para respeitar os deveres, se os tinha.

Ao outro dia, abriu-se a janela, e a persiana baixou logo, como era d'uso. As tabuinhas obedeceram ao impulso da mão divina, ficando horizontais. Vi-lhe os olhos, vi-lhe o sorriso, vi-lhe um trejeito de gratidão, e compreendi que me mandava ir à meia-noite debaixo da janela.

Fui com uma legião de amorinhos a volitar ao redor de mim. A patrulha viu-me atravessar a rua, e conheceu, pelo passo, que eu era um mortal ditoso. Parou, quando eu parei. Perguntou-me

o que fazia eu ali quieto. Respondi-lhe que tomava a fresca; e os janízaros responderam: «Veja lá que se não constipe...»

Daí a pouco, desceu a coifinha com um bilhete em abraço e eu lancei na coifa uma poesia intitulada: ELA!

Entrei no meu quarto, abri o papelucho, e li:

«Gosto muito do seu estilo. Continue, que me entretém. Ontem não lhe apareci, porque fui a Oeiras, e li a sua carta na presença de Neptuno. Escreva muito, que escreve muito bem.»

Reli esta coisa, e pus a mão sobre o coração injuriado. Não podia dormir. Saí a resfriar a cabeça para não a¹² partir em casa. O escárnio ia atrás de mim, apupando-me. Parei na azinhaga do Arco do Cego, e senti-me febril. Às cinco horas da manhã, fui a uma das barcaças e tomei um banho no Tejo. Recolhi-me com uma catarral, e estive onze dias de cama. Quando me ergui, magro e lívido, ouvi dizer à dona da casa que o galego, aguadeiro da casa fronteira, viera duas vezes perguntar por mim, com ordem de alguém. O espinho da irrisão, o tremendo *ridículo*, salvou a minha dignidade. Nunca mais abri aquela janela, nem vi mais a vizinha. Assim terminou o meu segundo amor.

Um acaso me fez saber quem era aquela senhora, que eu desculpo e até respeito. Fora menina de finíssima educação, natural de Beja. Apaixonou-se por um conde de Lisboa, e fugiu aos pais, cuidando que a ignomínia lhe viria a dar um marido. O conde deu-lhe casa, mesada, e criados. Assim estava vivendo, quando a eu conheci. Era amarga a existência da pobre senhora. O amante casara meses antes, para desempenhar o vínculo deteriorado. Do património da esposa alargou a mesada à amante, que bebia, Deus sabe com que lágrimas, este segundo cálix de vilipendiosa dependência. Escrevera ela¹³ nesse tempo ao pai, pedindo-lhe perdão e asilo. Nunca teve resposta. Quando me deram estes esclarecimentos (1854), continuava ela a viver a expensas do conde, e tinha um

filho de cinco anos. Não sei mais nada. Ainda há pouco li o bilhete, recebido em 1849, e achei-lhe muitíssima graça. Deus lhe perdoe a noite que me deu e os onze dias de catarro, que me estragaram os brônquios para sempre!*

Era a terceira uma dama quarentona, que frequentava a casa em que eu me hospedara. Tinha ela um mano, muito mal encarado, e vestido marcialmente, como *capitão da carta*, que era. A Sr.^a D. Catarina bailava gentilmente, conversava com todos os pespontos de tagarela muito lida em Eugénio Sue, e conhecia todos os atalhos que conduzem à posse dum coração noviço. Declarou-se comigo e eu, urbanamente, acudi ao seu pejo, confessando que já me tinha primeiro confessado amante com a eloquência do silêncio. Trocámos algumas cartas, e numa das suas me disse ela que era proprietária de bens de raiz, que valiam seis contos de réis, e tinha, afora isso, uns dez burrinhos em Cacilhas, que anualmente lhe rendiam cento e cinquenta mil réis. Cuidou que me seduzia com o suplemento dos burrinhos! Respeito muito os burros; mas tanto não! Não respondi a este artigo. Falei-lhe do meu coração, assunto sublime demais para ser conspurcado no cadastro dos lucros provenientes do dote quadrúpede de D. Catarina.

Uma noite, foi-me concedido ir falar-lhe debaixo das janelas. Morava ela muito longe, em rua de raros moradores, numa casa de um só andar. Tinha eu de costume ir a cavalo até à entrada da rua, e ali me ficava esperando o criado. Foi a minha salvação uma noite! O capitão da carta ergueu-se desconfiado, e entrou de espada em punho no quarto da irmã subitamente.

* Chamava-se Margarida, a dama. Viveu ainda até 1857, e morreu da febre-amarela, e o filho também. Conta-se que o conde, receioso do contágio, não ousara vir a Lisboa, das Caldas da Rainha, onde estava, quando Margarida o mandou chamar para despedir-se. Morreu contemplando os paroxismos do filho. Os criados abandonaram-na no último dia. Estava sozinha quando expirou. O conde está ótimo de saúde, e transferiu a mobília de Margarida para os aposentos de uma criada, que a condessa expulsou de casa...

Era em agosto: estava aberta a janela, e nós, sem invocarmos Klopstock, como os amorosos de Goethe, mirávamos as duas ursas, se eram as ursas umas grandes estrelas que Catarina chamava suas, e das quais fazia favor de me dar uma.

Cortado este doce colóquio pelo bruto de gládio nu, saltei da janela à rua, e o ferocíssimo capitão saltou nas minhas costas, tendo-lhe eu apenas a vantagem de três passos em honrosa fuga. O homem tinha desnocado um pé no salto e perdera a esperança de me degolar. Gritou *agarra*, e a patrulha, que, felizmente, dormia longe do sítio, acordou a tempo que eu cavalgava, deixando o criado em risco de ser preso, e no maior risco de me denunciar.

No dia seguinte, escreveu-me Catarina apelando para o meu cavalheirismo. Dava-se como perdida no conceito do mundo e do irmão, se eu não me desse pressa em casar com ela. Respondi com sinceridade que era muito novo para tomar um estado a que não estava *de modo nenhum* obrigado o meu cavalheirismo. Aquele dizer «de modo nenhum» feriu tão dentro a suscetibilidade da dama, que, em vez de réplica escrita, veio ela mesma pedir-me explicações com furial aspeto e trejeitos de energúmena. Tomei-lhe medo; mas nem assim casei. Quem tinha resistido à sedução dos burrinhos não sucumbia às ameaças da espada ferina do irmão, a qual, a meu ver, podia disputar virgindade às vestais romanas. Catarina é que, já dez¹⁴ anos antes de me ver, não podia competir em recato e pureza com a espada fraterna. Eu disse-lhe isto em linguagem oriental, e ela respondeu-me em termos que depunham inexoráveis contra a inocência de costumes, que a colérica senhora alegava.

Acabou isto assim. O bravo oficial portou-se bem comigo, daí em diante. A senhora caiu em si, e viu que não tinha razão. Deixou-me.

Cinco anos depois, pedi em Lisboa notícias da Sr.^a D. Catarina, e soube que ela estava no Pará, e seu irmão, senhores de alguns centenares de contos, herdados de um tio. Esperavam-se então na corte, visto que D. Catarina mandara comprar um palácio arruinado

em Benfica, e apressar a reedificação com a máxima opulência de arquitetura. Perguntei pelos burrinhos de Cacilhas, e o maganão, a quem fiz a pergunta, disse-me que procurasse uns no ministério, e outros no parlamento. Era um destes Voltaires do «Chiado» que *fazem espírito*, mesmo à custa dos seus parentes e amigos.

III

Ninguém me há de acreditar a história da quarta mulher. Quer creiam, quer não, ela aí vai com pouca arte, a ver se a sua mesma desnudez a faz menos incrível.

Fui um dia de agosto a Porto Brandão, onde estava a banhos um meu amigo. Numa quinta para lá da encosta, houve uma reunião de famílias de Lisboa, à¹⁵ qual fui convidado. O meu amigo apresentou-me a um cavalheiro, que me tomou o braço, e me apresentou a algumas senhoras, todas galantes, palreiras, e doutoras em Paulo de Kock.

Pedi miúdos esclarecimentos acerca de todas, e particularmente da mais bonita e modesta. O cavalheiro de todas disse mal, mal, porém, que eu indultei cordialmente, defeitos que são enfeites, vícios que alindam as formosas, e denigrem as feias. O crime de todas era a casquilhice, que o leitor pode, se quiser, traduzir para *coquetterie*. Amavam toda a gente, segundo o informador. Fiquei satisfeito, cuidando que o amarem elas toda a gente era boa probabilidade para eu ser amado. Eu não queria mais nada.¹⁶

Languiram em doce ternura meus olhos, fitos na mais amável das quatro. Algumas vezes nossas vistas se encontraram, e disseram profundos mistérios da alma. Fugi outras vezes da sala, e fui a uma varanda, donde se ouvia o bramido do oceano, casar as melodias do meu amor com as dissonâncias formidolosas do estrugir das ondas. A lua prateava-me a testa, em que o sangue, aquecido no

coração, subia em arquejos daquela poesia, que não sai em rimas, e enlouquece, se a paixão a não desafoga em suspiros. Aquilo é que era!¹⁷

Eu queria comunicar a exuberância da minha ventura; mas tive sempre para mim que a felicidade quer-se recatada para não suscitar invejas: é ela como a fina essência das flores distiladas, que perde o aroma, destapado o cristal que a encerra. Não contei nada ao meu amigo; simulei até desapego das mulheres mais belas do baile, e da preferida nem sequer falei.

Ao romper d'alva, vi que um rancho de meninas desciam ao jardim, e colhiam flores. A minha amada ficou à janela conversando com senhoras idosas. «Tragam-me a mim uma rosa de musgo», disse ela às amigas. E as amigas volveram sem a rosa. Desci ao jardim, colhi duas rosas aljofradas das lágrimas da aurora, pedi licença para lhas oferecer, e disse: «Não as enxuguei, para não privar as florinhas das carícias de um anjo.»

Este meu dito foi celebrado em Porto Brandão.

Daqui, encetámos um colóquio, em que o meu acanhamento foi digno de lástima. Perguntei-lhe abruptamente onde morava; e ela, com a mais casta naturalidade, respondeu-me: «Moro na Rua da Rosa das Partilhas n.º 101, segundo andar.»

Naquele dia vim para Lisboa, visto que o meu amigo se retirava. Quinze dias seguidos fui à Rua da Rosa, e vi sempre fechadas as janelas do segundo andar.

Defronte, morava uma estanqueira. Afreguei-me para lhe captar a benevolência: e, ao décimo sexto dia, perguntei-lhe quem morava naquela casa. «Ali mora um sujeito, que é empregado no contrato do tabaco», disse ela.

— E tem família?

— Tem, sim, senhor. Vejo lá umas duas ou três meninas que me parecem irmãs dele, ou coisa parecida.

— Uma d'olhos pretos e cabelos cor de azeviche, será irmã?

— A falar-lhe a verdade, senhor, a cor, que ela tem nos olhos e no cabelo, não na sei. Ali há uma bonitota, que é mais triste

que as outras, e está sempre a ler, aos dias santos. As outras têm assim um ar de doidas, que faz rir a gente. Namoram de lenço branco, e à meia-noite estão à janela a papaguear para a rua, que é mesmo um escândalo. Que eu, a falar a verdade, meto-me cá com a minha vida, e não quero saber quem é, nem o que faz, a vizinhança.

— Sabe dizer-me onde estão agora?

— Estão fora da terra; mas, onde, não sei. Ontem andavam lá a lavar a casa; é que não tardam aí.

Nesse mesmo dia, à noite, encontrei no «Marrare das sete portas» o cavalheiro, que me tinha apresentado à mulher querida, em Porto Brandão. Falámos muito da divertida noitada, e nas mulheres que converteram em paraíso terreal a casinha campestre. Ébrio d'amor, deixei-me ir ao sabor do coração indiscreto, e falei na mulher, cuja imagem me não dera tréguas duma hora ao espírito cobiçoso dela. O sujeito destramente se insinuou na minha confiança, e conseguiu que eu lhe dissesse a morada da dama, a quem ele me apresentara.

Riu-se o indivíduo, e sofreu logo a expansão.

— De que ri vossa senhoria? — perguntei com desgosto.

Deteve-se o homem a cismar, e respondeu:

— Rio da pouca ou nenhuma penetração da mocidade. Não se recorda de eu lhe ter dito que aquelas senhoras amavam toda a gente?

— Recordo; mas... suponha vossa senhoria que eu quero ser amado como toda a gente!

— E se o senhor se apaixonar?

— Apaixonado estou eu.

— Pois pior. Suponha agora que aquela mulher o menospreza e ridiculiza!

— Suicido-me!

— Isso é asneira, Sr. Silvestre! Olhe que eu já amei Clotilde.

— Chama-se Clotilde?

— Chama. Que nome! que poesia! que lirismo! não acha?

— Acho!... Clotilde! Há não sei quê das paixões sanguentas da Idade Média, neste nome!... Clotilde! Que bem fadado nome! Tem magia!... Clotilde!... Então o senhor amou-a?

— Amei.

— E depois?

— Apaixonei-me. Pedi-lhe o coração exclusivo, e ela disse-me que o exclusivo do coração só o daria com o exclusivo da mão. Entende o fraseado?

— Perfeitissimamente. Queria dizer que só amaria exclusivamente o marido.

— É isso mesmo. Eu era menor, e meu pai negava-me licença para casar. Clotilde era pobre, e eu, sem os benefícios de meu pai, era indigente: tão inútil homem era eu¹⁸ que fazia versos, e que versos, ó santo Deus!

— E ela ama a poesia?

— Gostava das décimas, e embirrava com as odes. Fiz-lhe muita décima: estão todas impressas no *Ramalhete*. Vamos ao essencial. A paixão cegou-me. Clotilde, sabedora da repugnância de meu pai, parecia disposta a aproveitar o tempo com outro namoro. Suspeitei esta infernal resolução, e... que passo eu dei, Sr. Silvestre!... que passo!...

— Que passo deu o senhor?!

— Casei com ela!

— O quê¹⁹?! — exclamei eu, varado de agulhas nos olhos e nos ouvidos.

— Casei com Clotilde.

— Pois Clotilde é casada?...

— Comigo; há cinco anos, quatro meses e nove dias!

Dito isto, o empregado público, depois duma gargalhada estridente, afetou a mais cómica das seriedades, e continuou:

— O senhor não vá contar isto a ninguém, senão arrisca-se a dar mote para uma farsa, e lembre-se que o personagem mais ridículo dela será o Sr. Silvestre da Silva, com cuja candura eu simpatizo. Quer o senhor namorar uma das minhas cunhadas, se

não está disposto a continuar o namoro com minha mulher? Olhe que ambas elas têm nomes inspiradores: uma é Berta, a outra é Laura. Escolha, que eu coadjuvo-o.

Creiam que eu estava corrido, e dei graças a Deus quando se aproximaram da nossa mesa três sujeitos conhecidos do empregado. Assim foi interrompida a conversação, em que a minha pobre vaidade estava sofrendo como em potro de escárnio. Ergui-me, despedi-me, apertei a mão ao marido de Clotilde, e fui rasgar as prosas e versos que escrevera numa brochura *ad hoc*, enfeitado tudo sob o seguinte título: A TI!... E mais nada, a tal respeito.*

* Aproveitei o lance de verificar a lealdade desta passagem das memórias do meu amigo. Como em nota à margem estava o nome do marido farsola, solicitei relacionar-me com ele há quatro dias, e fácil foi isso. À terceira palestra que tivemos, com ar de intimidade, falei no sucesso passado catorze anos antes. O funcionário público recordou-se, e disse: «É verdade o que o seu amigo deixou escrito. Só lhe faltou escrever o que, felizmente, não soube, e é que minha mulher o amou...» Fiquei pasmado da ingenuidade e lembraram-me dois versos franceses de não sei quem:

«*Quand on l'ignore, ce n'est rien;
Quand on le sait, c'est peu de chose.*»

Ainda agora me não entendo bem, se penso na frieza do meu coração às ardentes escaramuças que a dona do hotel lhe fazia!

Era a Sr.^a D. Martinha uma viúva de trinta e cinco anos, pequena, entroncada; mas bem feita e ágil. De seu tinha pouco cabelo; porém, com o abençoado capital, que empregara em marrafas, tecia um trançado tão abundante, principalmente ao domingo, que nunca a arte dos Canovas fez cabeça mais magnífica em adornos, que a da Sr.^a ²⁰ D. Martinha.

Eu bem a vi desfazer-se em atenções comigo, dando-me o melhor quarto, a melhor manteiga, e o café, depois do jantar, ²¹ fora do ajuste; mas os olhos do meu coração andavam desvairados em contemplações de mais poéticas provas de amor, e não podiam baixar ao devido apreço da boa manteiga e do café de Cabo Verde ²², como amorosos mimos e demonstração de ternura.

Aos domingos, a Sr.^a D. Martinha honrava os hóspedes ao jantar com a sua presença. Eram banquetes estes jantares, obrigados a vinho de Setúbal, presente semanal dum tio da senhora, sujeito de sessenta anos, que remoçava aos vinte, naqueles dias em que ele era certo à mesa.

A jovial dama erguia-se sempre escarlate até às orelhas, e lançava-se a um sofá tão voluptuariamente alquebrada, que seria muito para amar-se, se a hipótese consentisse que ela tivesse dentro do seio tanto coração como vinho de Setúbal. Vi-a dançar a *jota*

com requebros de escandecente despejo; não era menos lúbrica no *lundum* chorado; e, não sei se de experiência, se de instinto, saracoteava-se tão peneirada nas evoluções do fado, que eu estava pasmado do que via.

Convidava eu amigos a jantarem comigo aos domingos, prevenindo-os para gozarem as delícias gratuitas daquela dama, transfigurada em bacante, posto que as antigas bacantes não o eram sem a condição da virgindade, e neste ponto, de modo algum quero ultrajá-las com a comparação. Os meus amigos, já apodrentados de coração, encaravam na desenvolta Martinha com olhos cobiçosos, e, a seu pesar, confessavam que o amado era eu, e unicamente eu. Maus conselheiros, excitaram-me a cismar nos encantos, que eles viam, e — com pejo o digo — descobri que a mulher tinha reduzido a pântano uma parte do meu coração para retouçar-se nele.

Amei-a; e ela, sem lho eu dizer, conheceu-o logo. Expôs-me ardentemente as suas raivas e ciúmes, quando me via namorar as vizinhas; e confessou que tivera o satânico pensamento de envenenar Catarina, quando eu a amava, e era amado, tendo ela depositado no coração da desleal amiga o seu segredo.

Os dias corriam plácidos e felizes para nós, quando D. Martinha tomou uma criada, que era mulata.

Mas que anjo das estuosas zonas onde a pele está calcinada, como devem está-lo as fibras do coração! Que mulata! que inferno de devorante lascívia ela tinha nos olhos! Que tentação, que doídice me tomou de assalto apenas a vi em roda do meu leito, fazendo a cama! O menor trejeito era uma provocação; o frémito das saias era um choque da pilha galvânica! Ó minha virtude pudibunda! Estavas estragada por D. Martinha!

Amei a mulata, com todo o ardor do meu sangue e dos meus vinte anos! Pedi-lhe amor, como se pede a um serafim, destes serafins de neve e rosas, a quem a gente ajoelha e ora de longe, com medo de os desmanchar²³ com o bafo. Quando a exorava, parece que os nervos me retorciam os músculos; e os músculos se contraíam em espasmos de luciferina delícia! Lembra-me que me

ajoelhei a seus pés um dia, beijando-lhe as mãos, que perfumavam o aroma da cebola do refogado. Melhor me lembra ainda que me ergui de seus pés vitorioso, e feliz como nunca um réu perdoado se ergueu dos pés de rainha do Congo!

Perguntai às aves do céu, e às alimárias dos pedregais africanos como se amam!

O meu amor tinha da ave a meiguice, e do tigre a insaciável sofreguidão.

A mulata sabia que eu tinha amado a ama, e era ainda perseguido por ela. Disse-lhe eu que a tolerava por compaixão do seu aferrado afeto. Riu-se a mulata e disse: «Uma vez, hei de mostrar-lhe a Sr.^a D. Martinha no momento em que ela for mais digna da sua compaixão.»

Ainda lhes não tinha dito que a filha do Brasil era extremamente engraçada, esperta, e maliciosa. Aquelas poucas palavras bastam a defini-la.

Chegou o dia em que ela me havia de mostrar D. Martinha no momento em que mais digna fosse da minha compaixão.

Desceu a mulata do terceiro ao segundo andar, e disse-me: «Siga-me pé ante pé.» Segui-a, e entrei numa alcova, que tinha portas cortinadas para uma saleta. A condutora afastou um todo-nada da cortina e mandou-me espreitar através da vidraça.

Vi D. Martinha despeitorada e reclinada sobre a otomana. Com os joelhos no estrado estava ele a calçar-lhe as meias nas pernas abandonadas aos seus carinhos. Ele, depois, estendeu-lhe os braços seio acima, cingiu-a pelo pescoço, e apoiou a face na porção mais plácida do peito. Ele, depois... «Ele, quem?», pergunta quem isto ler.

Era o tio, que dava o vinho de Setúbal aos domingos.

Quando saí do observatório, inclinei o ouvido à mulata, que me dizia:

— É, ou não é mais digna da sua compaixão²⁴ do que nunca foi?

— E de nojo! — acrescentei.

Dois dias depois, tive de retirar da hospedaria, em razão de ter dito à Sr.^a D. Martinha que ela não valia as garrafas de Setúbal que lhe dava o incestuoso sexagenário.

A mulata... (agora me lembro que se chamava Tupinoyoyo — que nome tão amável!) ficou de me ir visitar todos os domingos; mas ao terceiro, depois da promessa, contou-me o aguadeiro que um ricoço, vindo do Brasil, se apaixonara por ela e a levava consigo para o Minho.

Não mentiu o galego. Três anos depois a vi eu na segunda ordem do teatro de São João do Porto, vestida ricamente, ao lado duma grande cabeça, que estava cotada na praça do Porto em dois milhões.

Viu-me, fitou-me; não sei se corou; o pudor naquela ordem de peles não sei a cor que toma. Para ouvir a opinião pública, perguntei a diferentes elegantes quem fosse a mulata, e todos, à uma, me responderam que era filha dum titular brasileiro, e que fora educada em Londres.

Não desmenti a opinião pública. Seria uma ingratidão à mulher que me ergueu dos seus pés, quando eu lhe pedia o seu amor com lágrimas. Se eu fosse opulento como o homem vindo do Brasil, talvez que ao lado dela, no camarote de São João, estivesse eu, e não ele.

Falta-me falar da sétima mulher.

Eu tinha um amigo que se namorara duma modista francesa, e me pedia que fosse o intérprete do seu coração, na língua de Victor Hugo. Não me pareceu custoso fingir a língua de Victor Hugo, sendo a similhaça julgada pela modista. Parece-me que Victor Hugo não entenderia as minhas cartas escritas no seu idioma; quero, porém, acreditar que a francesa não acharia mais poesia nem mais correção raciniana no poeta d’*As Orientais*.

As minhas cartas pertenciam ao sistema, que os mestres em epistolografia amorosa determinaram para as modistas. Era o sistema da precipitação dos sucessos e da catástrofe. À oitava carta, convencionou-se o encontro do meu amigo com a francesa numa quinta em Carnide, indo ela acompanhada de uma sua amiga na carruagem, que devia esperá-las à porta oriental do Passeio Público.

— Como há de ser isto?! — disse eu ao meu amigo; como te hás de tu entender com ela?

Cibrão ficou um pouco enleado, e respondeu:

— É verdade!... como hei de eu entendê-la!... Há quinze dias que comprei um dicionário português-francês e uma guia²⁵ de conversação; mas pouco ou nada sei...

— Como há de ser isto? Eu acho ridícula a tua posição, se, às primeiras palavras da francesa, tens de lhe dizer, numa língua que ela não entende, que não percebes a língua, que ela te fala. Vocês

afinal acabam por se rirem francamente um do outro, e com o ridículo matam o amor.

— Vais tu comigo? — acudiu Cibrão, de golpe.

— Vou; mas, ainda assim, o que faço é aumentar com a minha ida os personagens da farsa. Como queres tu que a francesa me faça o língua do seu coração, se eu suponho que a sua vontade é dizer-te coisas que envergonham dois amantes na presença de terceira pessoa? E calculas tu quanto seria cómico estar eu entre ti e ela compondo para francês e traduzindo para português a linguagem intraduzível dos suspiros? A final rir-nos-íamos todos três. A minha opinião é que não vás. Inventa um pretexto, que dê em resultado uma outra entrevista, em que se dispense um longo prefácio de palestra, e em que o silêncio seja necessário como recato e cautela. Não vás a sítios em que a natureza campestre te obrigue a discorrer acerca de flores e delícias das tardes estivas. Procura um encontro nas trevas, de modo que a tua inteligência de línguas fique também em trevas, dando-lhe tu em compensação as mais significativas provas de tua sensibilidade, sem alardo de espírito. Às frases, responde suspirando. O *je vous aime* virá sempre a propósito. Aprende a conjugar bem o verbo *aimer*.

— Esse já eu sei.

— Já? *Eu amo?*

— *J'aime.*

— *Eu amarei.*

— *J'aimerai.*

— Bem. *Je t'aimerai pour la vie, par toujours, éternellement.* Entendes?

— Perfeitamente.

— O mais que pudesses dizer seria um pleonasmo. Cifra-te nisto. Adão amou Eva, sabendo dizer muito menos, se me não engana o juízo que eu formo da organização das línguas. Os irracionais também se amam sem diálogo, se não devemos chamar diálogo ao gorjeio dos passarinhos, e aos bramidos da leoa sedenta de amor,

quando o querido lhe ruge da vizinha selva. Imitemos os bichos para sermos naturais alguma vez.

— Mas afinal — interrompeu Cibrão — que dizes tu? Aconselhas-me que não vá a Carnide?

— Parecia-me imprudente...

— A boa hora me vens pregar prudências! Hei de ir, e tu vais comigo. Prometo dispensar os teus conhecimentos para me fazer entender. Conjugarei o verbo desde o tempo presente do modo indicativo até ao imperativo. Eu darei o braço à francesa, e tu ficarás com a outra. A quinta está ajardinada com sombrias grutas de murtas; nestas grutas mora o amor; o amor nos ensinará a falar.

— Sendo assim... vamos.

E fomos.

A sege das meninas chegou pouco depois da nossa. Saltaram com buliçosa graça; e, sem biocos de cerimónia ou pudor (pudor!... é o que faltava!), nos tomaram os braços.

— *Je vous aime* —, disse Cibrão à risonha criatura, osculando-a na base do nariz. — *Je vous aimerai éternellement* — prosseguiu ele, levando-a consigo a doces repelões, com a impetuosa ternura que eu imagino em Júpiter, feito boi, para arrebatara Europa.

E eu, para também me parecer com Júpiter, fiquei dizendo suavíssimas endeixas em prosa mélica, como aquele famoso cisne as cantava a Leda.

O meu amigo, com a sua flexível haste de tarlatanas e grinaldas artificiais no chapéu, desapareceu nos caramanchéis das murtas, onde o amor os esperava para lhes ensinar a vernácula linguagem.

A francesa, que me escutava as maravilhas amorosas em vasconço, era uma esbelta moça que devia de ter sido muito festejada no seu Paris, antes dos trinta anos, e viera naturalmente reflorir a estranhos climas, em país de tolos, como este nosso, tolos esquisitos que, até no amor, adoram o galicismo, ainda mesmo que, na boa linguagem francesa, ele já tenha caído em desuso por antiquado e

de mau quilate. *Mademoiselle* Florence Carlin era termo obsoleto lá na sua terra. Cá entre nós, andava encarecida nas palestras dos peraltas, e requestada com finezas pelos mais gentis moços da *roda* (como quem diz *enjeitados* da fortuna), e com promessa de grosso cabedal por alguns velhos ricos, velhos digo ao dizer do vulgo, que em Lisboa só se sabe que fulano ou sicrano era velho, quando morre, se a lista da *mortalidade* nos diz em que cemitério foi enterrado, e os anos que tinha. Em Lisboa, não há velho nenhum vivo. É frequente ouvir a gente esta pergunta feita a um homem de cinquenta anos:

— Esteve em Sintra?

— Oh! — responde, anediando a estriga do bigode encapada em lúcido verniz — estive em Sintra, minha senhora.

— Estava muita gente no jantar da prima viscondessa?

— Sim, minha querida Sr.^a Marquesa; damas eram trinta; rapazes éramos vinte e sete.

Tornando à francesa, coisa a que não pode chamar-se *vaca fria*:

Dei-lhe uma ideia da minha alma. Contei-lhe os meus sofrimentos em demanda da mulher, que a fantasia em sonhos me vestia com as roupas cândidas do anjo. Disse-lhe mais que a sua imagem, como resplendor de lua instantâneo, na horrível cerração de noite borrascosa, *dans l'affreuse obscurité d'orageuse nuit*, me tinha transluzido nas trevas do meu viver.

A francesa ouviu-me pasmada, e assim a modo de medrosa, como pomba, que se teme da garrulice dum papagaio. A cada movimento melodramático de minhas mãos, davam-lhe rebate os nervos, com menos alvoroço de pudor que o de Virgínia nos assaltos lúbricos do decênviro *Appius Claudius*, de desonesta memória.

Convencida da inocência da minha mímica, cobrou ânimo a dama, e contou-me que era menina de boa família de Paris, e como tal se julgara digna consorte de um duque fementido, que a raptara e abandonara. À terceira tentativa inútil contra sua vida, resolveu a vítima do duque fugir de Paris para que a

sua sociedade a não visse na perdição. Acaso soubera ela que uma notável modista francesa, estabelecida em Lisboa, mandara escriturar em Paris algumas oficiais. *Mademoiselle* Elise de la Sallete mudou o nome, escriturou-se, e veio expiar a sua culpa na honra do trabalho. Eis aqui a história, que eu ouvi com os olhos marejados de lágrimas.

Depois desta revelação, a minha linguagem baixou a prosa vil; mas o sentir da alma era mais íntimo e nobre. Tratei-a com o respeito que impõe a desgraça, mormente se a vítima caiu do altar das adorações à ara negra do holocausto de sua santa e virginal confiança. Ao entardecer, quando Cibrão voltava dos maciços de arbustos, pedi licença à nobre infeliz para lhe apertar a mão, e dar-lhe o nome venerável e venerador de amigo.

Despedimo-nos.

Cibrão convenceu-me de que o amor estava nas murtas, e saíra, ao vê-los, segredando a cada um a linguagem com que cabalmente²⁶, e *quantum satis* se perceberam. Eu vinha pasmado do que ele me contou; e, se o não transmito, é que não quero ter os leitores em pasmo. Ora ele também vinha pasmado de mim. Eu a dizer-lhe, em pungimentos de ânimo, a sorte infausta de *mademoiselle* Elise de la Sallete, e ele a rir, e clamar: «Que araras tu engoles! Leve o diabo a poesia, que faz um homem tolo!»

Entendi que o meu amigo era um estúpido feliz, e calei-me.

Escrevi muito nessa noite. Ainda tenho os dois primeiros capítulos dum romance, então começado com o título: *Abismos do amor*. No primeiro, descrevo Elisa *ab ovo*, quero dizer, na incubação dos anjos, que a tinham gerado. Isto orçava por parvoíce; mas era original: — merecimento raro nas parvoíces que por aí se escrevem e dizem. No segundo capítulo, deito-a em berço d'ouro, rodeio-a de boas e más fadas, de anjos fiéis ao Senhor, e de anjos despenhados no inferno. Tencionava, no terceiro, dar o horóscopo da malfadada, em resultado da vitória alcançada por Lúcifer sobre o anjo-custódio. Era uma coisa de muito trabalho e engenho.

Fora meu intento publicar o romance por assinaturas, em cadernetas de 15 réis, e dedicá-lo deste feito:

AO ANJO,
 QUE CONSERVA SUA PUREZA NA DESGRAÇA
 E QUE, ANTES DE SER MÁRTIR,
 SE CHAMOU
 MADEMOISELLE ELISE DE LA SALLETE,
 E HOJE
 SE CHAMA APENAS
 A santa,
 CONSAGRA O AUTOR
 ESTA URNA DE SUAS LÁGRIMAS

Naqueles primeiros dias, vi de relance a mártir, à hora da tarde em que despregava²⁷ da costura. Concentrava-me, e dizia-lhe no verbo dum suspiro: «Ó santa do amor! mal dirão as mulheres, que hoje pompeiam nos salões com os vestidos, que lhes fizeste, quantas lágrimas verteste no estofa, que te estava insultando e escarnecendo no infortúnio!»

Uma tarde de julho, estava eu no Passeio Público, quando as duas francesas entraram. De longe e reverenciosamente as cortejei. Elisa respondeu-me com um gesto de imensa melancolia, como quem diz: «Oh! não reveles a esses homens de pedra a desgraçada que aqui vai!»

Atrás de mim estava um grupo de homens, que falaram e riram, quando as modistas passaram. Apurei o ouvido, e escutei, com preferência, a voz dum sujeito, entre os dizeres zombeteiros dos outros. Dizia assim:

«...Parece incrível! Quando eu a conheci, há quatro anos, estava ela com um estudante brasileiro, que estudava o curso superior de letras. Encontrei-a nas *guinguetes*, a dançar o *cancan* com admirável mestria. Depois, o brasileiro endossou-a a um italiano; o italiano deu-a de mão beijada a um tenor; o tenor passou-a ao corifeu

dos coristas; e daí começou a descer, e perdi-a de vista. Eis senão quando, dou com ela no armazém da *** com a mais pudica das caras, e a mais mesurada das linguagens. Recordei-lhe em termos hábeis o passado, as *guinguetes*, o *cancan*, o brasileiro, e a caterva magna das dinastias, que lhe avassalaram o coração; e ela, com a mais marmórea das caras, disse-me que eu, se não estava enganado, era um infame. Mas o melhor de tudo é ela ter-se encampado a um provinciano, que por aí anda, conhecido do Cibrão Taveira, a título de menina seduzida por um duque, e diz chamar-se em Paris *Elise de la Sallette*!»

Riram todos, e eu pus a mão no lado esquerdo, a rebater o coração que partia as costelas, e rasgava as membranas. Fitei o homem, que falava ainda, e disse mentalmente: «Se mentes, pagarás a infâmia com a vida!»

Procurei o meu amigo Cibrão Taveira, e contei-lhe o que ouvira. Cibrão, sem escarnecer a minha dor, respondeu com ar sisudo:

— É verdade o que esse homem disse. Não quis desmentir as tuas presunções, porque sabia que te fazia mal. Eu sei-o da outra, que ela tem na conta de amiga íntima. Ambas são da mesma farinha. Nenhuma delas serve para poetas, que andam no encalço dos anjos. Se te serve assim, dá louvores ao céu por ela ser quem é. Se queres mulheres para romances e prosas, pede-as à tua imaginação, e deixa o mundo real como ele está, que não pode ser melhor.

Nesse mesmo dia fui para Mafra com tenção de morrer de tédio: o sítio era azado; mas a minha robusta organização resistiu.

Quando voltei a Lisboa, em começo de setembro, tinha chegado a companhia lírica. Um dos figurantes escriturados era o tenor, que em Paris sucedera ao pintor seu patrício. A francesa viu-o, reconheceram-se, amaram-se outra vez, e estavam de casa e pucarinho numa sobreloja na Rua²⁸ do Outeiro.

Encontrei-me uma vez com eles em casa do Mata no Cais do Sodré. Aproximei-me dela, que comia um pastel de camarões, e disse-lhe:

— Posso ter a honra de ser apresentado ao Sr. Duque?

Fitaram-me ambos, e a francesa parecia corrida. Acrescentei:

— Vejo que o sedutor por fim cumpriu os deveres de cavalheiro, Sr.^a Duquesa! Bem sabe quanto me deve ser grata a sua ventura. Agora, em paga do que as suas desgraças me penalizaram, queira a Sr.^a Duquesa dar-me o prazer de a ver dançar o *cancan*.

O italiano ergueu-se de salto e arremesso; eu saí da sala devagarinho; e ele, enquanto a mim, tornou a sentar-se. Fez bem, que eu não era para graças.²⁹

Acabou assim a história das sete mulheres, número cabalístico, de cuja misteriosa influência me ficou a alma um pouco derrancada.

A MULHER QUE O MUNDO RESPEITA

I

A minha alma olhou para o que foi, e viu que os sete amores, que a tinham derrancado passageiramente, eram ridículos, e indignos de serem dados como explicação de um cinismo sobremaneira satânico em que eu me andava ensaiando.

Antes, porém, que eu tornasse em mim estive seis meses a dizer ao mundo, em prosas chamadas MEDITAÇÕES, e em versos denominados GRITOS D'ALMA, que estava cético, e cínico, e que havia de engolfar no lodo, em que me atascaram o coração, as virgens loiras com o seu amor ingénuo, e quantas virgens de diversas cores a minha libertinagem atraísse às aras da sedenta vingança. Aqui vão as cópias dos principais poemas, que então fiz...

NOTA

Defendo a paciência do leitor dos duros golpes que lhe estão iminentes. Ainda assim, há de levar-me a bem que eu lhe dê, à prova, uns relanços das poesias cétricas do meu amigo Silvestre. Entro pela mais filosófica:

«Ontem me riu o céu; milhões de estrelas
Me falaram d'amor.

Ontem flores a mil, e todas elas,
 Me davam, dos seus dons, das urnas belas,
 Aroma à alma em flor!
 Hoje, ai! hoje um céu de negro, e a terra
 De crepe funeral!
 Hoje um peito que em si peçonha encerra;
 E a alma em fogo, que precita erra
 Num regiro infernal.»

As seguintes coisas são menos inocentes:

«Mulher! Em ânsias me estorço,
 Punge-me dentro o remorso
 De te não calcar aos pés!
 Tinha uma crença... mataste-a!
 Tinha uma luz... apagaste-a!...
 Mulher! que monstro tu és!»

Esta quadra da poesia LXIX é mais raivosa:

«Hei de essa alma perversa estrinçar-te!
 Hei de à frente cuspir-te a peçonha
 Que verteste em meu peito, e ferrete
 Hei de pôr-to de eterna vergonha!»

Basta isto para terror das almas, e amostra da poesia contemporânea de Silvestre.

Nestas minhas confissões hei de ser modesto, e verdadeiro, como Santo Agostinho e J. J. Rousseau; mas, ainda assim, mais honesto que o santo e que o filósofo. O pejo e a natural vaidade querem pôr-me mordada; mas eu hei de expiar as minhas parvoíces, confessando-as. Se, por miséria minha, me baralhei e confundi com tantos e tão graúdos tolos, farei agora minha distinção pondo,

em letra redonda, que o era. Não me consta que algum dos meus amigos fizesse outro tanto.

Na minha qualidade de cético, entendi que a desordem dos cabelos devia ser a imagem da minha alma. Comecei, pois, por dar à cabeça um ar fatal, que chamasse a atenção, e aguçasse a curiosidade dum mundo já gasto em admirar cabeças não vulgares. A anarquia dos meus cabelos custava-me dinheiro e muito trabalho. Ia, todos os dias, ao cabeleireiro calamistrar os longos anéis, que me ondeavam nas espáduas; depois desfazia as espirais, riçava-as em caprichosas ondulações, dava à frente o máximo espaço, e sacudia a cabeça para desmanchar as torcidas deletreadas da madeixa. Como quer, porém, que a testa fosse menos escampada que o preciso para significar «desordem e génio», comecei a barbear a testa, fazendo recuar o domínio do cabelo, a pouco e pouco, até que me criei uma frente dilatada, e umas bossas frontais, como a natureza as não dera a Shakespeare nem a Goethe.

A minha cara ajeitava-se pouco à expressão dum vivo tormento de alma, em virtude de ser uma cara sadia, avermelhada, e bem fornida de fibra musculosa. Era-me necessário remediar o infortúnio de ter saúde, sem atacar os órgãos essenciais da vida, mediante o uso de beberagens. Aconselharam-me os charutos do contrato; fumei alguns dias, sem mais resultado que³⁰ uma ameaça de tubérculos, uma formal estupidez de espírito, e não sei que profundo dissabor até da farsa em que eu a mim próprio me estava dando em espetáculo. A cara mantinha-se na prosa ignóbil do escarlata, mais incendiada ainda pelos acessos de tosse, provocados pelo fumo. Um médico da minha íntima amizade receitou-me uma essência roixa com a qual eu devia pintar o que vulgarmente se diz «olheiras». Ao deitar-me, corria levemente algumas pinceladas sobre a cútis, que desce da pálpebra inferior até às proeminências malares; ao erguer-me, tinha todo o cuidado em não lavar a porção arroxada pela tinta, e com uma maçaneta de algodão em rama desbastava a pintura nos pontos em que ela estivesse demasiadamente carregada. O artístico amor com que eu fazia isto, deu em resultado uma tal perfeição no

colorido, que até o próprio médico chegou a persuadir-se, de longe, que o pisado dos meus olhos era natural, e eu mesmo também me parece que cheguei à persuasão do médico.

Fiz, pois, de mim uma cara entre o sentimental de Antony e o trágico de Fausto³¹. Seria, no entanto, mais completa a minha satisfação se à raiz do cabelo, no ponto em que eu barbeava a cabeça para aumentar a testa, me não aparecesse um diadema azulado. Era a natureza a vingar-se. Cada vez que me eu via com aquele disco na testa, experimentava a dor do poeta de D. João contemplando o seu pé coixo, por causa do qual, e com o qual tanto pontapé deu o raivoso *lord* no género humano.

Assim amanhado de aspeto, saía de casa, à hora em que o sol dardejava a prumo, ou quando as nuvens se rompiam em torrentes. O meu cavalo era negro, negro o meu trajar, tudo em mim e de mim refletia a negridão da alma. Cheguei a enganar-me comigo mesmo, e a remirar-me a mim próprio com certo compadecimento e simpatia! Os grupos dos meus conhecidos viam-me passar abstraído, e diziam: «Foi uma mulher que o reduziu àquilo!» Eu sabia que era corrente nos círculos da juventude a seguinte história a meu respeito: — «Que eu tinha amado uma neta de reis, filha dum titular, cujos avós³² já tinham os retratos de vinte gerações, antes de se inventar a pintura. Que, dementado pelo coração, ousara escrever à nobilíssima herdeira, pedindo-lhe um suspiro em troca da vida. Que a menina, fascinada pela minha mesma temeridade, descera, na hora da sesta, ao jardim, e me lançara uma flor, chamada *ai!* na copa do chapéu. Que o jardineiro observara o ato, e o delatara ao fidalgo. Que o fidalgo chamara a filha, e, ouvida a resposta balbuciante dela, a fizera entrar no mosteiro das Comendadeiras da Encarnação, onde se finava lentamente, e eu cá de fora lhe andava, a horas mortas, falando, mediante as estrelas do céu, e os murmúrios misteriosos da noite, resolvido a morrer, logo que o anjo batesse as suas asas imortais no caminho da glória eterna. *Amen.*»

Era isto o que se dizia; mas a verdade é outra.

É certo que eu, num dos meus passeios desabridos, quando o céu afuzilava relâmpagos, fui caminho de Sintra, e vi na balaustrada de uma varanda, com os olhos postos no ocidente tempestuoso, uma mulher, que se me afigurou a pomba da boa-nova ao quadragésimo dia do dilúvio. Retive as rédeas do cavalo, sofreei a respiração, contemplei-a com petulante ternura, e ela foi-se embora.

Tornei no dia seguinte a Benfica, e vi a menina sentada na varanda a ler, com um papagaio pousado na espádua esquerda.

O papagaio tomou medo aos galões do meu cavalo, saltou-lhe do ombro para o regaço, sacudiu-lhe da mão o livro, o qual caiu à estrada por entre os balaústres. Descavalguei dum salto, apanhei o livro, e esperei que um criado o viesse receber. Entretanto, abri-o, busquei o título na primeira página, e achei que era O HOMEM DOS TRÊS CALÇÕES. Inferi logo que a dama era uma altíssima cismadora de coisas etéreas.

Dei o livro ao criado de libré cor de canela, o qual, examinando o jarrete direito do meu cavalo, achou que ele tinha duas sobre-canas. Perguntei-lhe eu como se chamava a dona do livro, e ele respondeu que a fidalga se chamava Paula, que era morgada, que estava para casar, e dos costumes não disse nada.

Cavalguei, retrocedi depois dum curto passeio, e, ao passar-lhe à porta, vi Paula dando ginjas ao papagaio. Viu-me, e fez-se da cor nacarina das ginjas.

Eu carecia duma paixão que me sacudisse pelos cabelos, uma paixão que me levasse de inferno em inferno, que me impinasse ao apogeu da glória, ou me despenhasse na voragem da morte. Precisava disto, porque não tinha que fazer, e gozava robusta saúde, e alargava a testa há cinco meses, não sei para que destinos!

Amar uma menina herdeira; contratada para casar; galante; lida nos bons catecismos espirituais; criada com passarinhos e flores; rodeada dos mágicos rumores das florestas: tudo isto me pareceu talhado à minha ansiedade de lutar, de sofrer, de viver com glória, ou morrer com honra. Quando cismava nisto, e me assaltava ao mesmo tempo a cobiça de entrar num restaurador *à la carte*, e pedir um pastel de pombos, corria-me de vergonha da minha viloa natureza!

Encontrei, uma vez, o criado de D. Paula a passear os cavalos no «Campo Pequeno». Dialogámos acerca de raças cavallares, e dos lamparões dos mesmos, que ele sabia curar com proficiência. Encaminhei a conversação até falarmos da fidalga, e obtive os seguintes esclarecimentos: — Perguntou-lhe a menina se eu dissera alguma coisa, quando entreguei o livro, e mostrara-se admiradíssima de eu querer saber o nome dela. Desejara muito saber se eu lera o título do livro: informação que o criado não soubera dar. Perguntara-lhe³³ se me via algumas vezes na estrada, e ficara muito pensativa, quando soube que eu ali parava, olhando para as janelas, quando o criado, à meia-noite, se erguia para aquietar os cavalos.

Estas revelações animaram-me a pedir ao expansivo boleiro que me aproximasse do coração de sua ama, por intermédio de uma carta respeitosa e digna dela. O criado, vencida a ficção dos escrúpulos, aceitou a carta, que eu escrevi numa mercearia do «Campo Grande», a qual poderia entrar numa coleção de cartas para uso dos anjos, se os amores lá de cima carecessem do favor do estilo, e prosperassem na razão direta do arredondado do período.

Ao outro dia, fui a Benfica. Vi o papagaio, portasque saltou da gaiola ao peitoril da varanda, quando eu passava, e disse: *Tó carocha!* Pareceu-me isto um ludíbrio do pássaro, ensinado pela dona;

mas a providência é tão boa para os tolos que os compensa com o engenho de imputarem ao acaso as caçadas, que racionalmente e acintemente os castigam.

Depois de muitas diligências malogradas, encontrei o criado que me asseverou a entrega da carta, e o rubor da menina, quando a leu. Falei-lhe na resposta, e ele redarguiu que não ousava pedi-la, por ser falta de respeito.

Nesta situação, tão dolorosa como ofensiva do meu orgulho, fui a um baile.

III

Não foi de todo despressentida a minha entrada nas salas. A juventude de ambos os sexos encarou em mim com afetuosa benquerença. Os cabelos iam fatais, e as olheiras fatalíssimas.

Às onze horas, quando eu, no salão de espera, me atirava a umas almofadas,³⁴ como corpo que não pode com a alma, tangeu duas vezes a sineta do pátio, e em seguida³⁵ entrou Paula, pelo braço dum moço bem figurado, com outras senhoras, e cavalheiros idosos no préstito.

Creio que me não viu, e, se me viu, fez o que fazem as mais inocentes e desartificiosas senhoras quando não querem ver.

Segui-a. Avizinhei-a nas salas. Ouvi o som de sua voz³⁶. Tive indiretamente notícias do papagaio, pedidas por uma outra menina. Convidei-a para uma quadrilha. Vi-lhe um gesto de assentimento, e senti-me brutificar, pensando no que havia de dizer-lhe.

Destes apertos têm saído grandes tolices, e grandes conceitos. Quer-me parecer que não fui infeliz falando-lhe deste teor:

— A providência dos infelizes encaminhou para aqui os meus passos. Eu não sabia que vinha aqui encontrar o anjo que fez da minha vida um suplício. Entrei nestas salas, como Dante, na região das lágrimas, como *Trophonius* no seu antro, donde não há mais sair com um sorriso nos lábios. Vossa excelência calca aos pés o mais devotado coração que ainda palpitou em peito de homem. Enganei-me, quando a vi, ao relumbrar dos relâmpagos, naquela

tarde tempestuosa. Amei-a então, como o nauta suspiroso ama a cruz do adro da sua terra natal. Amei-a como o rouxinol³⁷ a sombra das sineiras.³⁸ Amei-a como o orvalho a flor, e a aragem da tarde as asas iriadas da borboleta.

Paula fitou-me, e coçou a testa com o leque.

Noutro intervalo da dança continuei:

— Porque não respondeu à minha carta?

— Era impossível. Eu já dei o meu coração. Por delicadeza lhe não devolvi a sua carta, e peço-lhe que me não escreva outra, que *me compromete* — respondeu ela.

Não me soou bem este galicismo dos lábios de Paula. Eu, em todas as situações da minha vida, quando vejo a língua dos Barros e dos Lucenas *comprometida*, dou razão ao filósofo francês que, à hora da morte, emendava um solcismo da criada, protestando defender até ao último respiro os foros da língua. E com que admiração eu leio aquilo do gramático Dumarsais que, em trances finais de vida, exclamava: «*Hélas! je m'en vais... ou je m'en vas... car je crois toujours que l'un et l'autre se dit ou se disent!*»*

Tinha-se achegado de nós o sujeito que lhe dava o braço à entrada. No semblante de Paula, conheci o receio de ter sido ouvida pelo cavalheiro, que a fitava com desconfiança.

Nunca mais tive oportunidade de lhe falar. Às três horas, saiu Paula, e eu fui para o meu quarto devorar o restante da noite em repetir-me as palavras dela com tanto afeto, que o próprio galicismo já me soava aos ouvidos como as vernaculidades do meu querido Castilho.

Eu tinha à mão a PRIMAVERA daquele autor. Abria-a ao acaso, quando os raios do sol, coados pelo transparente verde, me alu-

* Não suprimo este descabido incidente do filósofo e do gramático, posto que fútil e desagradioso. Silvestre ia muitas vezes derramado nestas divagações, que denotam pouca firmeza na composição e desleixada contextura nas ideias. Honra, porém, lhe seja pelo muito que ele amou a língua, e a apuros de esfriar subitamente em paixões vulcânicas, por causa das incorreções gramaticais das cartas, que respondiam às suas, sempre castiças.

miavam alegremente o quarto. Em pouco está transfigurar-se o espírito do homem. Com a luz parece que entraram as esperanças: era o anjo delas que descera nos raios do sol. Abri à ventura a primavera, e saíram-me, como prenúncios de maiores alegrias, estes versos:

«Sobre as aras de Amor todas of'recem:
Os ais do adorador nenhuma ofendem,
Comprazem-se de ouvir que as chamam belas...
Se nos ouvem cruéis, se esquivas fogem,
É porque insana lei de atroz costume
Lhes ordena o fugir
A mãe universal, ou cedo ou tarde
Vence, triunfa, e no triunfo leva
O sexo encantador já manietado:
Todas opõe sabida resistência;
Mas cumpre não ceder: por nós combatem
Seu mesmo coração, e a natureza...»

Fui lendo os dulcíssimos preceitos com que o mimoso poeta aconselha os amantes desditosos, e, num arraiar de alegria louca, dei nestes versos:

«Começaremos ofertando às ninfas
Sobre altares campestres, levantados
Das árvores à sombra, ao pé das fontes,
Ou nas grutas do fresco, ou sobre outeiros,
Festões, grinaldas, passarinhos, frutos
E capelas de búzios e de conchas...
.....»

O poeta ensina, nesta passagem, a amar as ninfas; e eu, afeito à nomenclatura da escola arcadiana, pensei que ninfa era um epíteto genérico para toda a mulher³⁹ que se ama.

Com este errado juízo, entendi em mandar a Paula

«Festões, grinaldas, passarinhos, frutos,
E capelas de búzios e de conchas.»

Acorçoado pelo Ovídio português, comprei na Praça da Figueira muita flor de que mandei tecer uma grinalda, muito de ver-se; num cabazinho de palha italiana dispus seis pêssegos aveludados, de cobiçável frescura; búzios não me foi possível arranjá-los, nem conchas; no tocante, porém, ao preceito dos passarinhos, fui muito feliz: comprei um lindo periquito na Rua do Arsenal.

Fiz mais.

Chamei à pureza uma jovem e sécia saloia de Benfica, brindei-a com uma saia escarlate listrada e um corpete de castorina amarela; enflorei-lhe os cabelos, e enramalheti-lhe o colo. Nunca vi coisa mais fresca, nem mais bucólica medianeira do amor dum sátiro urbano a uma ninfa saturada da lição de maviosos idílios, como é já notório.

Industriei a moça no modo de apresentar à fidalga

«Festões, grinaldas, passarinhos, frutos.»

Devia ser à hora em que ela descia ao jardim, que uma gradaria separava da estrada. Melhor do que eu antevira, se ocasionou o ensejo da entrega. D. Paula reparou na esbelta saloia, que tinha em uma das mãos o cabaz, e na outra a gaiola.

— Ai! um papagainho! — exclamou a menina. — Isso é para vender?

— Não minha senhora — disse a saloia — é para dar à Sr.^a fidalga.

— A mim?! quem me manda isto?!

— Vossa excelência verá numas letrinhas que vêm aqui entre as flores.

— Letrinhas!? quem é que me escreve? Você não sabe o nome da pessoa?

— Não, minha senhora: mas o senhor, que me cá mandou, disse-me que aceitasse vossa excelência o periquito e as flores e os pêssegos, e, se não quisesse a carta, que a rasgasse.

— Os pêssegos! — exclamou a fidalga — quem é que me manda pêssegos?!

— É ele — tornou a saloia.

— Leve, leve — acudiu D. Paula —, que não aceito nada.

— Pois eu tenho ordem de deixar ficar tudo — replicou a saloia, pousando sobre a padieira duma porta interposta na gradaria o cabaz e a gaiola.

A este tempo assomou numa janela o pai da menina, perguntando o que vinha a ser o cesto e o pássaro que estava sobre a porta. D. Paula, dominando rapidamente o sobressalto da surpresa, disse que fora a prima Piedade que lhe mandara aquele periquito e o cestinho das flores. O pai, que era amigo de periquitos, desceu ao jardim; e, no entanto, a filha escondeu a carta, que ia presa à grinalda com um laço de fita encarnada. O velho, examinada a ave, passou a espreitar o cabaz; e, como visse os convidativos pêssegos, que eram seis, comeu três com sôfrega delícia, deu um à filha, e guardou dois nas algibeiras do *rob-de-chambre*. Paula, para ler a carta, escondeu-se num caramanchel. A prosa vil seria descabida em cena tão iminentemente poética. Era, pois, em verso a minha carta, que, segundo os ditames da poética de Aristóteles e Longino, devo chamar *epístola* e não carta. A qual epístola foi ainda o sonoro Castilho que me induziu a escrevê-la com os seguintes ditames da citada PRIMAVERA:

«Formaremos cantigas, em que aos ecos
 Dos campos entre a lida repitamos
 As perfeições, os méritos, os nomes
 Das Napeas, *etc.*»

E noutra passagem:

«Depois que pouco e pouco transformado
Se houver em confiança o pejo, o susto,
Mudaremos de estilo: em nossos versos,
E só, e de contínuo a formosura
Em fogo nos porá do estro as asas.
Hão de sorrir-se e comprazer-se, e muitas
Suspenderão em seu caminho os passos.
É lei sem exceção; domina em todas
A sede, a glória, de chamar-se belas.»

Não entendi à letra o primeiro aviso, que diz: *formaremos*⁴⁰ *cantigas*. Pareceu-me que eu seria estranhamente recebido, se me andasse por Benfica em serenatas, que este século de ferro moteja, com bazófia de ilustrado, ilustração oca e estéril, que funda toda em regalos corporais, despe o coração da sua poesia nativa, e tira ao amante o suave desafoço de formar cantigas à mulher amada. Portanto, para me conformar ao século, em vez de cantigas, poetei em verso hendecassílabo, predominando no sáfico, alternando com o alexandrino, e intercalando tudo de estribilhos de redondilha menor. Era cataplasma para fazer supurar o coração mais cru!

No dia imediato, fui, purpureado de cândido pejo, passar em Benfica. Este pejo é o meu elogio. Um verdadeiro amor é segunda inocência. Tal máxima, que eu atiro à circulação, deve ser a defesa de muitas senhoras de certa idade e de certos costumes, que respondem com imprevistas esquivanças às audácias de amantes, que as assediam com ares de César, cuidando que chegar, ver, e vencer é tudo o mesmo. O mundo chama matreiras a essas damas; e eu, que sei mais do coração humano que o trivial, digo e juro que é uma segunda inocência com os adoráveis sustos do pudor, que as torna esquivas. Eu tenho encontrado muito disto em peitos antigos. Se eu pudesse transfundir em corpos tenros os corações sensíveis, que tenho conquistado em senhoras duma idade anticanónica, a felicidade não seria a sede de Tântalo. O meu erro tem sido procurar a alma amante e sisuda na mulher dos vinte anos, e a formosura e a graça na de cinquenta. A primeira é um mal que todos me cobiçam; a segunda é um bem que ninguém me questiona. Não me serve nenhuma, por isso.

Voltando ao conto:

D. Paula de Albuquerque viu-me através das vidraças, e gesticulou⁴¹ amorosamente com a cabeça em que eu divisei por entre as fitas algumas das flores da grinalda. Jubilei doidamente no secreto do meu coração, e compreendi o porquê de chamarem aos poetas antigos *videntes*, que soa como profetas. Abençoei a PRIMAVERA,

meu livro d'alma, e a inspirada voz do vate, que me ensinara o filtro amoroso dos

«Festões, grinaldas, passarinhos, frutos.»

O periquito estava na sua gaiola pendurado na mesma janela. A avezinha de Paula bem pudera prender a atenção da posteridade como o decantado passarinho da Lésbia, do poeta romano. Se eu publicasse as poesias, que dedilhei no plectro, com referência ao periquito, o meu volume seria como um tratado ornitológico, em que os fenómenos dos amores das aves iriam desvendados discretamente aos olhos da juventude.

Estas delongas estão afligindo a curiosidade de quem me ler. Entro em matéria.

Paula respondeu, agradecendo a ave querida, as flores, e a surpresa: só não mencionava os pêssegos, salvo se a surpresa eram os pêssegos.

Ateou-se a correspondência, e tão fervorosa de paixão, de parte a parte, que tarde voltarão a este globo degenerado duas pessoas com tanto amor e estilo, ao que parecia.

Este amor tinha assumido as dimensões honestas do matrimónio; mas semelhante palavra não ousava escrevê-la o meu pulso plebeu. Tive então ódio a meus avós que viveram estupidamente lavradores honrados, citando com inofensiva soberba a consideração que lhes dera⁴² o senhor rei D. Dinis. Nem um hábito de Cristo na minha família! Nem sequer na invasão do Junot, eu tive um parente que matasse dois franceses ao menos, e fosse depois ao Rio de Janeiro pedir um hábito de Cristo ao senhor D. João VI, que dava dez hábitos à família que matasse dez franceses! Meu pai tinha tido a imoralidade de dar de comer e pensar as feridas a alguns soldados de Napoleão, que lhe pediram abrigo! Nem sequer os deixou morrer!

Lembrei-me de arranjar uma comenda de Cristo, por me dizerem que era isso mais fácil do que descobrir quem a quisesse

com os direitos de mercê. Andava eu na bem agourada solicitação desta graça, quando a minha desfortuna me pôs à prova de novas decepções.

Se medito no mau desfecho deste episódio da minha vida, caio sempre na triste opinião de que D. Paula caçoou comigo.

É o caso que, indo eu uma vez a Benfica, não para vê-la, que muito alta ia a noite, mas para adorar o santuário em que ela, a essas horas, devia estar sonhando com a minha imagem, vi encostado à parede fronteira de sua casa um vulto rebuçado, rebuçado amargo ao meu suspeito coração! (Comprazo-me de ter feito destes dois rebuçados uma elegância de estilo, que é minha, e, se alguma idêntica aparecer, sem a minha rubrica, será tida como furto, e os falsificadores serão perseguidos na conformidade das leis.)

Perpassei pelo vulto humano e, lá ao longe, descavalguei, prendi as rédeas, e retrocedi subtilmente a espreitar o escândalo, se escândalo era. Se era, leitores pios!...

O sino do mosteiro dominicano respirava pelos seus pulmões de bronze duas horas da manhã, quando uma janela do palacete se abriu com leve rumor, e a lua, sem velar de puro pejo a face, alumiou aos meus olhos o rosto de Paula.

O encapotado avizinhou-se da gradaria, e ciciou palavras, que eu não pude ouvir, porque as minhas orelhas estavam sendo como vestibulos do inferno, que me ia lá dentro na alma.

Este incomportável suplício durou uma hora, ao fim da qual era eu já um assassino programático daquele homem, que viera atravessar-se ao meu amor feroz de tigre.

«Oh!» — exclamava eu no recôndito das arcadas do peito. — «Oh! para que vieste tu, desgraçado, assanhar a ira do homem, que tem sede do teu sangue e fome das tuas carnes! Que demónio te lançou ao meu caminho, se eu hei de pôr-te um pé no peito, e sacudir-te de lá o coração à cara da perjura! Não tens velha mãe que te chore, nem pai velho, que em teus braços se ampare à borda do sepulcro? Não sabias que os teus dias estão contados, e que a aurora d'amanhã te verá a face morta, e que, na tua frente, e com

teu sangue escrita, o mundo lerá a tremenda palavra: ‘vingança’? Oh! tu não sabias que Paula era minha, minha como tu já agora és dos vermes, como nós três, ela, eu, e tu, todos, ai! todos seremos do inferno!»

Disse, e fui procurar o cavalo. Tinha-se desprendido, e estava a espolinhar-se em regaladas cambalhotas. As cilhas do selim estavam partidas; as rédeas também; a cabeçada tinha apenas duas correias úteis.

Rugi de cólera, e o cavalo espavorido fugiu a desapoderado galope, caminho de Lisboa.

A providência é mestra do *ridículo*, quando quer. O meu rancor repartiu-se entre o amante de Paula, e o quadrúpede fugitivo. Depois, sentei-me esbofado num degrau de escada, olhei para a lua, olhei para mim, olhei para o selim que eu trouxera debaixo do braço, e ri-me.

E o meu riso era um espirro de ferocidade, uma destas coisas que sente o Lúcifer, quando o sacode a vertigem da raiva impotente contra Deus.

Eram quatro horas da manhã, quando emergi do meu letargo. Vi um padeiro, que me contemplava assustado: pedi-lhe que me levasse o selim entre a carga; e eu caminhei, admirando a impassibilidade da natureza, que parecia zombar de mim, pela voz dos seus rouxinóis, dos seus cochichos, e das suas calhandras.

O meu cavalo, afrontando-se com a barreira, parou. Quando eu cheguei, estava ele amarrado com um cabresto às grades da porta, e os guardas escreviam um ofício ao respetivo comandante, participando a presa que haviam feito, e pedindo ordens sobre o destino do vadio.

Convenci-os de que o cavalo oficiado era meu pelo testemunho convincente da sela e dos fragmentos da cabeçada; mas, como não quisessem perder o ofício, obrigaram-me a esperar a resposta da autoridade, que houve a bem julgar-me o legal proprietário da besta. Receei que a lógica da sela não persuadissem o chefe daqueles sujeitos.

Estas miudezas podem enfastiar os espíritos frívolos; mas para mim tenho que os menores episódios das vidas, predestinadas a grandes destinos, são factos ponderáveis nos ânimos reflexivos.

Recolhi-me ao meu quarto, sondei as profundezas da minha alma, e deste mergulho à consciência saí com má cara, e ideias sinistras.

Eu tinha um par de pistolas de coldres, carregadas muitos meses antes. Para as carregar com a certeza de levar nelas a morte, desfechei-as contra o saguão da casa. A detonação fez grande estrondo e causou grande susto a uma senhora grávida, que perdeu os sentidos. O marido desta matrona era cunhado do regedor, e foi queixar-se de mim, como causa dum abalo, que podia trazer as

funestas consequências dum móvito, e a perda do menino, em que ele fiava as alegrias da sua velhice. A dona do hotel, quando tal soube, disse que eu era muito feliz em ter contra mim as queixas de um só dos pais daquele menino possível. Parece-me que esta mulher, com tal juízo sobre paternidades, ia de encontro às ideias, que tenho, sobre o fenómeno da geração.

Ora o regedor, nesse mesmo dia, fez-me intimar para ir à sua presença, e interrogou-me; dali fui com um cabo e um ofício ao administrador, que me mandou com um ofício e um cabo ao Governo Civil. Aqui me foi pedida a licença de usar de pistolas; e, como eu não a tivesse, ia ser metido em processo, a não me valerem alguns amigos que podiam muito com a autoridade. Vejam que trabalhos!

O menino da mulher do meu vizinho vingou, segundo vi, passados tempos. Na minha vida não há sequer o pesar dum infanticídio involuntário.

Carreguei as pistolas, e fui na noite do seguinte dia a Benfica. A poucos passos distante do palacete de Paula apeei, e fiz retroceder o criado com o cavalo a esperar-me em determinado ponto.

Soou meia-noite.

A folhagem dos álamos rumorejava nas asas das brisas. A lua, coada por entre os dosséis de trepadeiras, mosqueava a relva dos pradozinhos ajardinados de Paula. Lá do interior vinha uma toada suave de fonte que mais parecia um gemer de saudade.

A intervalos, as lufadas da viração rolavam as folhas secas, e a cigarra e o grilo pareciam calar-se para ouvi-las.

Este ouvir e sentir refrigerou-me a febre da alma. Contemplei-me em minhas ferozes intenções, no centro dum espetáculo tão majestoso de poesia, e inspirador de pensamentos afetuosos. A razão, resgatada momentaneamente pelos bons instintos e moralizadora educação que meus pais me deram, sopesou os ímpetos do coração vingativo. Desceu o anjo da paz⁴³ à minha alma, e renasceu-me lá a esperança de encontrar alguma vez mulher digna de mim, cuja posse me não custasse o sangue do meu semelhante.

Ergui-me no intuito de abandonar para sempre à vingança da providência a mulher fementida, e o vitorioso rival; ao dar, porém, os primeiros passos, relanceei os olhos ao jardim, e vi um vulto vestido de branco, branco do mármore das estátuas tumulares. Estaquei, e o vulto caminhou direito à grade. «É ela⁴⁴» — disse o meu coração em ânsias — «Que veio⁴⁵ aqui fazer Paula?⁴⁶ Enganar-se-ia ela comigo?»

Retirei-me a um lado para ficar encoberto pelo muro. O vulto acelerou o passo, abriu subtilmente a grade, meteu fora a cabeça e murmurou:

— Já estão a dormir todos: podes entrar. Fiz-te esperar muito tempo?

Fiquei entre o palerma e o estupefacto.

— Anda, Caetano, — tornou ela — que estou a arrefecer! Tu não te mexes? Estás amuado?

— Vossemecê engana-se — disse eu, quando conheci a cozinheira ao clarão da lua.

Mal proferidas estas palavras, o vulto deu um grito de surpresa, e fugiu, deixando aberta a grade.

A este tempo, ouvi passos na estrada, e sem refletir, entrei no jardim, e sumi-me por entre a espessura dos arbustos. Pouco depois, vi entrar um vulto de homem no jardim, caminhar afoutamente, subir a um patim, e empurrar de manso uma porta, que não se abriu. Mais tarde, correu-se uma janela superior à porta, e travou-se este diálogo:

— Caetano!

— Eufémia!

— És?

— Sou. Abres?

— Não; tenho medo.

— Ora! ainda estão a pé?

— Não é isso... Estava ali à porta do jardim um homem. Cuidei que eras tu. Não o viste?

— Isso havia de ser para a fidalga: não vi ninguém.

— Não pode ser para a fidalga.

— Pois então quem era, senão o conde?

— Não era, que esse entrou às onze horas, e está cá.

— Seja quem for; abre a porta.

— Hoje não: vai-te embora. Olha... tinha-te ali um franguinho assado... queres que to deite?

— Então é certo que não abres?

— Estou a tremer com medo. Será alguma espera para o Sr. Conde?

— Será...

— A fidalga é uma dodivanas... Será ele o do periquito?

— Lá se avenham... Então até amanhã.

— E o frango, quer'-lo?

— Bota cá.

Pouco depois, o homem saiu, e eu, com o rosto entre as mãos, fiquei o tempo que pode gastar uma alma em descer ao inferno, e voltar ao mundo com uma brasa eterna nos seios.

Saí do jardim; fitei os olhos na lua: levei a mão convulsiva à testa, e exclamei: ANÁTEMA!

Dito isto, vim para Lisboa.

Decorreram três meses, durante os quais fui à província vender uma parte da minha legítima paterna. Cuidava minha extremosa mãe que eu, dois anos ausente dela, ia enfim adoçar-lhe os últimos anos, e resgatar os empenhos a que sacrificara os bens. Não a desenganei logo por compaixão; mas o aspeto melancólico da minha aldeia, o silêncio, a quietação penosa do lar doméstico, e a sensoria das práticas monótonas de quatro clérigos das partidas da minha mãe, tornaram-me as saudades de Lisboa em profundo tédio da minha terra.

Liquidada a venda de algumas propriedades, que minha boa mãe, com engenhosa compaixão de meus desatinos, fez comprar por terceira pessoa, voltei a Lisboa.

Como disse, tinham passado três meses sobre o meu coração. Aquela *eterna brasa* que eu, por amor da retórica, há pouco disse que trouxera do inferno nos seios da alma, estava quasi apagada, como todas as brasas que a gente inflama com assopros de estilo. Pelo modo como o homem e o amor estão feitos neste tempo, três meses de ausência correspondem àqueles dilatados anos dos amores da Idade Média, que traziam da Palestina à castelã saudosa o coração leal do seu cavaleiro. Peitos de ferro deviam albergar corações de férrea tenacidade. Agora, é mais íntimo e devorante o amor, mais combustível o coração; a chama, batida por variados ventos, ateia-se mais enfurecida, e o elemento dos afetos volatiza-se

rapidamente. A mais aumenta a versatilidade humana, quando o amor-próprio sai anavaldado destas lutas, em que é grande parte o orgulho. Assim se explica o quasi esquecimento de Paula quando voltei a Lisboa; e, se de todo não a⁴⁷ esquecera, fora a curiosidade de saber a conta em que o mundo a tinha que me levava a indagar os promenores da sua vida.

O boleeiro, que já o não era da casa de Benfica, deu-me alguns, os mais agravantes à honra da menina; os outros comunicaram-mos as suas amigas, os seus turibulários, os poetas que a traziam em letra redonda nas décimas dos folhetins, e os noticiaristas que a vinham sempre aclamando rainha dos bailes.

As minhas averiguações vieram aos seguintes resultados: Paula estava prometida a um fidalgo do Alentejo, seu primo segundo, e amava, com quantas provas se justifica o amor, um conde. Este conde devia ser o sujeito mencionado no diálogo de Eufémia e Caetano, aquele fino amante, que levou o frango assado, com recheio dos suspiros da cozinheira. O conde pensava que a dedicação de Paula sem reserva lhe assegurava um casamento rico; ela, porém, do sacrifício reservara o que não podia dar nem tinha para dar — o coração.

Um indivíduo que por nome não perca requestou Paula, quando o conde a julgava mais avassalada e perdida de amor. Não sei se a comoveu com

«Festões, grinaldas, passarinhos, frutos.»

O que afoutamente certifico é que o conde foi traído, e caiu das nuvens quando viu escorregar por uma corda, das janelas de Benfica, um sujeito que era um dos seus quarenta amigos íntimos. O amante vilipendiado vingou-se divulgando o mais secreto da sua⁴⁸ intimidade com Paula. A sociedade espantou-se no primeiro dia da nova, e, no segundo, esqueceu-se a ponto de redobram os adoradores em redor de Paula, e recrudesceram as invejas das damas, que ao mesmo tempo a denegriam.

Tudo isso se passou nos três meses da minha ausência.

Quando me narravam miudezas destes factos, contados pela rama, estava eu em S. Carlos, e D. Paula numa frisa. Achei-a mais donosa. O demónio triunfa às vezes, aformosentando o vício. A candura nem sempre é bela. Há rostos angelicamente inocentes que dão ares de idiotismo. Tem o crime uns resplendores do inferno que reverberam nas caras, e as alindam. Assim o pensava eu de Paula, que seduzia diabolicamente com o seu gracioso despejo.

E o mais é que me fitava com magnética sobrançeria, e eu a ela com ignóbil humildade. Todo o homem tem suas intercadências de parvo, de desprezível, e de baixeza. A mim me quer parecer que lhe mandava outro periquito, se abro a *Primavera* do sedutor Castilho naquela noite! Entendam lá o homem!

É certo que dormi sobressaltado, e acordei a pensar nela. É engraçada coisa o modo como eu me queria a mim mesmo explicar a renascença do antigo amor, para me não envergonhar da razão, que me arguia de homem sem brios. Dizia eu, entre mim, que era honorífico vingar-me da afronta, e que a vingança devia ser simulada com aparências de amor. Planeava levá-la ao escândalo, exibi-la à irrisão pública, e lançar pregão do meu despique; quando porém ideava estas sordícias, indignas do meu génio brando, imaginava ao mesmo tempo que, chegado o lance da vingança, a comprimiria ao seio, e me faria sacerdote da vítima.

Nestes, e noutros pensamentos, me correu o dia seguinte, e outro, até chegar a noite em que D. Paula tinha camarote. Namorei-a sem recato,⁴⁹ sem biocos, sem velhacaria. Odiei os rapazes que vinham segredar-me os sabidos escândalos; cheguei a defendê-la por negação, e a benquistar a gargalhada dos tafuis, que a não contemplavam com menos arreatamento que eu.

Ora, devo confessar que Paula encarava em mim com um sorrir tão desacostumado, e uns trejeitos tão esquisitos, que só a minha boa-fé, irmã gémea da inépcia, era capaz de aceitá-los como benignos e amoráveis. Além de que, reparei algumas ve-

zes, que ela falava ao ouvido da prima Piedade, e riam ambas à socapa, sem olhar para mim, senão três minutos depois de espirrarem a risota. Agora é que eu penso circunspectamente na passagem.

D. Maria da Piedade era uma lingüeira com graça sarcástica, um folhetim de génio mordente, temida dos elegantes, a quem ela costumava crismar com epítetos truanescos. A mim sabia eu que ela me chamava *Periquito*, metendo a riso a dádiva sentimental, que seria minha glória aos olhos duma mulher sensível. Não duvido apostar que a leitora, se eu alguma vez tiver uma leitora, simpatizará com a minha memória por ter visto a candura e lhaneza de coração com que eu ofertei à ingrata a avezinha. Estas singelezas do amor são as que mais enternecem as boas almas. Dê-me a leitora uma lágrima, que eu não quero outra vingança das mulheres, que me escarneceram a poética simplicidade, simbolizada naquele periquito.

À saída do teatro, notei que Paula me acenara com o leque de dentro da carruagem. Rarefez-se a nuvem negra da zombaria. Recolhi-me feliz ao Grémio Literário, e fui nessa noite eloquente em teorias de amor.

Às duas horas do dia seguinte, quando eu estava escrevendo as comoções alegres da noite desvelada, recebi uma carta da posta-interna. Conheci a letra de Paula. Parou-me o sangue no peito; tremiam-me as mãos como se as tomasse o horror de profanarem a missiva do anjo. Abri, e vi que eram versos. Versos! O idioma primitivo do coração! Os suspiros metrificadas! A expressão suprema do amor que se envergonha de expandir-se em prosa!... Ó júbilo intumescente!

Li:

«Ao terno cantor, que n' alma
Tem da amante o nome escrito,
Solitária amante envia
Saudades do periquito.»

Será isto escárnio?! — exclamei. — Respondeu-me a seguinte quadra:

«Ao meigo vate, que eu amo
Com amor casto e infinito,
Manda um doce e ardente beijo
O saudoso periquito.»

Não tive alma para ler o terceiro insulto, que mais tarde pude ver:

«Na rocha alpestre
Vaga Silvestre
Todo aflito;
Na grande testa
O vento intesta
Com rouco grito;
E ele a gemer
E o eco a dizer:
'Ó periquito!」

A letra destes ignominiosos versos era de Maria da Piedade; mas, nem por isso, fica sendo menos criminosa Paula, que sobrescritara a carta.

A dor empedrou-me. Grande é a angústia do homem que de si próprio quer esconder seu aviltamento!

Este insulto foi providencial. Foi como mão de ferro, que me apertou o coração até esvurmar dele as fezes do vilipendioso amor. Saí de Lisboa, no mais agreste do inverno, e fui para Santarém, onde vi o santo milagre, largamente contado no livro das viagens do adorável poeta da Joanhinha do Vale.

Estava, naquela estação, desabrida em Santarém a natureza. Eu queria chorar sozinho em algum recanto daquelas frondosas encostas, e dessedentar-me da sede de amor, dando o coração às maravilhas da terra e do céu. Esperava eu que a soledade e a contemplação me refrigerassem a alma, e a depurassem das imundices em que a pobrezinha caíra, como pomba, que, fatigada de voejar, não achou outro poisadeiro. A estas esperanças me haviam induzido alguns filósofos, que tinham o mundo em ódio, e acharam no ermo conforto e bem-aventurança. Neste pressuposto, fui dar o primeiro lance d'olhos amoroso à natureza, subindo àquela empinada eminência que lá chamam a «Porta do sol». Apenas assomei ao alto, fiquei comovido das blandícias da natureza, que fez favor de me tirar o chapéu da cabeça, e mo enviou para Além-Tejo nas asas dum furacão. Retrocedi vexado da grosseria, e sentei-me a recomendar à natureza de Santarém e ao diabo os filósofos encomiastas do campo. Rompeu-se uma nuvem, e eu abri o guarda-chuva contra a bâtega do vento; uma refega contrária apanhou-mo por dentro em cheio, e converteu-mo em roca. A fugir da trovoada desfeita, entrei por

um portal. Um cão rafeiro, denominado pelos filósofos o *amigo do homem* por excelência, arremeteu contra mim, e, covardemente, quando eu fugia, me arrancou a aba esquerda do fraque. Deste feito, me recolhi à estalagem da Sr.^a Felícia, pessoa de agradável sombra, que se condeou sinceramente da minha angústia muda.

Mal me tinha eu apaziguado dos frenesis da minha irrisória raiva contra a natureza, quando o administrador do concelho mandou perguntar-me quem eu era, e que vinha fazer a Santarém, caso não apresentasse passaporte. Respondi categoricamente que era viajante, e que o meu passaporte era a minha inocência das coisas alheias ao coração, e o desprezo em que tinha as futilidades com que a república era administrada.

A autoridade, maravilhada de tão farfalhuda resposta, quis conhecer pessoalmente o discípulo de Diógenes que discreateava na estalagem da Sr.^a Felícia, e foi procurar-me. Corremos aos braços um do outro. Tínhamos sido condiscípulos na universidade, e cinco anos amigos. Fui ser seu hóspede, e resolvi demorar-me alguns meses em Santarém.

Uma tarde, recebeu o meu amigo da mão de um oficial de diligências um officio do governador civil para imediatamente dar busca na estalagem da Sr.^a Felícia, onde se presumia estar uma menina nobre, fugida de Lisboa com um sedutor. Ordenava a autoridade superior que o raptor fosse enviado à cadeia, e a menina recolhida, até novas ordens, num convento.

O meu amigo lera em voz alta o officio, e mentalmente a participação do governador civil de Lisboa, conteúda no officio. Observei que ele, depois dum trejeito de pasmo, abriu os beiços para me dizer alguma coisa, mas susteve-se, e sorriu com certa malícia.

— Queres tu vir na qualidade de aguazil acompanhar-me nesta diligência? — disse-me ele.

— Vou — respondi —; mas, se tu és homem de coração, como creio, dá escápula aos infelizes, que se amam: não queiras sobre o coração a responsabilidade de dois suicídios. Não achas horrível a prisão para ele, e um convento para a pobre menina? Que lucro

tira a moral pública de redobrar o escândalo, e ajuntar à vergonha uma inútil barbaridade?!

— Mas que queres tu que eu faça?

— Que vás à estalagem, que finjas a busca, e por portas travessas deixes fugir a mulher, que a lei chama *raptada*, e o rapaz, que bem pode ser que, em vez de roubador, seja ele o verdadeiramente roubado. As vossas leis são assim... Uma mulher foge pela porta ou pela janela da casa paterna; manda adiante as trouxas do seu fato; amua-se contra a frieza do amante, se ele lhe faz reflexões para a conter em casa; vai ter, a final, com ele, dizendo que já não pode esconder aos olhos da mãe o caro penhor que lhe palpita no seio. O pobre moço, obrigado pela honra, pela compaixão, e pelo amor dela e do caro penhor, foge também aos pais, e vai caminho de Santarém ou doutra parte. Vem depois atrás deles a lei, e diz: esta menina foi roubada aos pais: este homem é o raptor desta inocente, que vai violentada como a Fátima de Gonçalo Hermigues, o Traga-Mouros. E depois...

— Apanha as velas ao discurso, que não há tempo — atalhou o meu amigo. — Vamos à Felícia, e lá veremos. Se tiverem ares de se amarem como nos romances, a minha misericórdia administrativa velará o escândalo.

Fomos à estalagem. Eram nove horas da noite.

A Sr.^a Felícia, interrogada pela autoridade, revelou que tinha em sua casa, havia dois dias e duas noites, um sujeito e uma senhora, que se diziam casados, e nunca saíam do seu quarto. Ordenou o administrador que os fosse chamar à sala, em observância duma ordem da autoridade.

Meia hora depois, entrou na sala o sujeito e a dama. Céus! Expedi do peito involuntariamente um ai agudíssimo, levei as mãos aos olhos, e caí numa cadeira, que ia caindo comigo.

Era Paula! Oh!... Paula!

Reinou profundo silêncio alguns minutos na sala. Quando me recobrei do espasmo, ergui-me, e saí, sem encarar na desgraçada.

— *Na desgraçada* — disse eu!... Que adjetivos tão tolos tem a nossa boa-fé para adaptar a certas mulheres, que trazem a desgraça e a opinião pública sovada aos pés!

O meu amigo, voltando às onze horas da noite, achou-me febril, e assistiu-me até à madrugada com todos os recursos da medicina.

No dia seguinte, sossegado o pulso, contou-me assim o seguimento da diligência:

— Declarou Paula de Albuquerque que não era raptada, e seguira de muito sua livre vontade aquele homem que amava, e com quem queria casar. O homem, que ela seguia, declarou ser irmão do padre-capelão da casa da menina, e mestre-escola régio nos arrabaldes de Lisboa. Ajuntou mais o raptor, vertendo prantos caudais, que ele não queria de modo algum dar semelhante passo, mas que a fidalga fora ter com ele, dizendo que não havia outro meio de obterem consentimento para casarem, e remediarem o mal feito. Acrescentou o meu amigo administrador que D. Paula, ouvindo tão ignóbil e covarde revelação do mestre-escola, rompera em vociferações contra ele, chamando-lhe miserável, e pedindo que, sem demora, a enviassem a seu pai para não ver mais um homem indigno do sacrifício dela. O mestre-escola abundava no parecer de Paula, e cuidava já em retirar-se, quando o administrador lhe disse que fosse esperar na cadeia que a inocência do seu passo fosse julgada. Em consequência do que o mestre de meninos desmaiou.

A autoridade oficiou daí ao governador civil, narrando-lhe os sucessos. Respondeu este que, visto ser tarde para entrar no convento, pernoitasse a fugitiva na estalagem, com vigias, e sob a responsabilidade dos donos da casa, até virem de Lisboa novas ordens. O irmão do capelão foi para a cadeia, e Paula, no dizer da Sr.^a Felícia, dormiu até ao dia com a serenidade dos anjos.

Três dias depois, o mestre-escola foi removido para Lisboa, e encarcerado no Limoeiro. D. Paula desceu de Santarém ao Cartaxo, transpôs o Tejo, e foi para uma quinta de seu pai em Azeitão.

CONCLUSÃO

Quando voltei a Lisboa rara pessoa encontrei que me não contasse o sucesso com a hediondez natural das suas cores, e com as outras exageradas, que a maledicência folga de carregar.

O mestre-escola, depois de alguns meses de prisão, foi mandado embora, sem ser julgado; mas da cadeia passou a bordo duma galera, que o desembarcou no Rio de Janeiro. É de crer que o fidalgo, para se forrar à vergonha dos debates no tribunal, perdoasse ao réu, e conseguisse que o ministério público não achasse provas para a querela.

Pelo mesmo tempo, D. Paula casou com o primo que lhe fora destinado desde a puerícia, e tornou para o palácio de Benfica, em companhia de seu marido, e já com um menino robusto, não obstante ter nascido tão sem tempo que ninguém pensou que vingasse. Dizia a avó de Paula que semelhante prodígio não era novo na sua família, porque ouvira sempre dizer que os primogénitos da sua linhagem quasi todos nasciam antes dos seis meses de incubação. Coisa notável!

Vi Paula no teatro: no seu camarote entravam as pessoas de mais brilho na sociedade lisbonense, e cortejavam-na com reverência igual à adoração.

Vi Paula nos bailes: os grandes do reino, os milionários, os anciãos, reputados modelos de honra e austeridade, honravam-se de lhe darem o braço, e de se curvarem a apanhar-lhe o leque do chão.

Vi o nome de Paula inscrito na lista das damas que socorrem os aflitos, pelo amor de Deus, e se chamam, na linguagem dos localistas, as segundas providências na terra.

Vi, finalmente, que D. Paula era a mulher que o mundo respeitava, sem embargo do conde, e dos amigos íntimos do conde, e do mestre-escola, único bode expiatório de tamanhas patifarias!

A MULHER QUE O MUNDO DESPREZA

I

Naquele tempo, li eu que Alfredo de Musset e Espronceda, poetas de altos espíritos, atordoavam as suas dores com a embriaguez, o primeiro porque amava uma literata anfíbia, o segundo porque o alanceavam remorsos de ter desgraçado uma Teresa, que morrera de paixão, por isso mesmo que não era literata.

Era então moda a vinolência, particularmente na academia universitária, onde os mancebos de mais poesia d'alma, e arremessos de «aspirações grandiosas» como então se dizia, protestavam contra a estreiteza do âmbito, em que o século lhes apertava as faculdades, dilatando os fictícios horizontes da vida, até onde o vinho da Bairrada, a genebra, e o *cognac* permitiam.

Verdade é que nem sempre os ébrios podiam justificar a sua degradação com a necessidade de afogarem os desalentos e dis-sabores da existência nas copiosas libações. Uns embriagavam-se para darem em espetáculo de admiradores a capacidade do seu estômago, e bebiam por alguidares; outros contavam aos seus amigos uma história tenebrosa de amor, que lhes matara a esperança, e os infernara para sempre: a história prefaciava de ordinário a

emborcação de uma garrafeira. Os auditores do infausto moço levavam-no depois à cama, onde ele digerira o seu vinho e a sua angústia suprema.

Eu conheci um destes infelizes, que era meu conterrâneo, e passava em Coimbra por ter sido ultrajado em sua nobre alma pela mulher de cujos lábios fermentados recebera a morte. Alguns poetas cantaram-no, praguejando a infame que lhe apunhalara o coração. Da história, que ele referia⁵⁰ em tom cavo, a verdade nua era que ele viu a sobrinha de um abade numa romaria, e ofereceu-lhe cavacas, que ela não aceitou, porque o abade lhes não tirava o olho de cima. Ajunte-se a isto que ele foi à aldeia da Sr.^a Joanhinha com o propósito de lhe falar em fugirem para um deserto; mas a pequena, como andasse atarefada com a matança dos cevados, não lhe deu trela. Por último, o meu vizinho ainda lá tornou em uma noite de esfolhadas⁵¹; porém, o abade desconfiado, como pássaro bisnau que era, deu sobre o acadêmico com uma foice roçadeira, e o acadêmico fugiu com tanta pressa e felicidade, que algum santo estava a pedir por ele. Em consequência disto é que o bacharel se embriagava, como Alfredo de Musset e Espronceda.

À imitação desta, podia eu contar a história de muitos bêbados ilustres da minha mocidade*. Conheci outros, que eram poetas orientais. Escreviam do amor das moiras, das volúpias dos serralhos, das acesas paixões dos árabes. Claro é que num clima temperado, e com os costumes chãos e algum tanto lorpas e lerdos da nossa terra, a imaginativa carecia de espiritar-se com os boléus da embriaguez para sair-se dignamente com uma sextilha asiática. Vinham a fazer ditirambos, que intitulavam *Arrobos*, ou *Coriscos*.

* A palavra é pouco urbana e civil para livro de tanta polpa e gravidade. *Bêbado* é o homem que se embebeda na taberna. Ao bebedor que se embriaga nos cafés e nas salas, a não se lhe dar nome de *espituoso*, também não deve chamar-se *bêbado*. Os glossários, que conheço, carecem desta distinção, que se quer observada entre pessoas *que se tratam*.

NOTA ⁵²

Entre as poesias de Silvestre, achamos uma, datada em 1855, que parece referir-se à época e aos poetas orientais de que vem falando nas suas memórias. Dela trasladamos um fragmento, que vem a ponto:

.....
 «A esperançosa mocidade, a pléiade
 De génios do Marrare, que é feito dela?
 Pululavam em barda, enxame às nuvens
 De abelhas, que libavam mel do Himeto,
 Disfarçado em *cognac*; e, então, melífluos,
 Como diz não sei quem, que sabe a língua,
Emelavam a gente, isto é, *melavam!*
 E melaram os dulcíssonos meninos,
 Quando neles se estava embelezando⁵³
 O *Tejo de cristal*, e a *lua meiga*.

«Que é deles? Onde o ninho destas aves,
 Que implumavam, apenas, e já punham
 O fito na montanha bipartida,
 E as cândidas asinhas sacudindo,
 Era um gosto comum, um brio pátrio,
 Um gosto nacional perdê-los d'olho
 E ouvi-los, lá do alto, em trinos destes:

‘Doce brisa,
 Que desliza,
 Pela junça
 Do paul,
 Traz perfume
 Como a aragem
 Da bafagem
 Duma virgem
 De Stambul.’

À compita de cântico, responde
 Dalém, doutro poleiro, em sons mais ternos,
 Outro bardo, que tem na terra amores:
 ‘Minha Elisa, o teu segredo
 Não no sei;
 Nem na voz do arvoredó
 Adivinhei.
 Ai! querida! diz-mo cedo,
 Diz-mo, querida,
 Pela vida!
 Se não dizes,
 Morrerei!’

No número dos ébrios, que inspiram compaixão às almas flexíveis, estava eu. Quem tiver lido as minhas desventuras, e pesado, nas cordas sensíveis do seu peito, as embaçadelas (por não dizer sempre desapontamentos) que apanhei na curta primavera da minha vida, decerto me desculpa do asqueroso vício de que me sinto assaz castigado pelas inflamações de vísceras que a miúdo me atormentam. A imagem de Paula não me aparecia como visão amada: mas figurava-se-me ela como o demónio sarcástico do ultraje à minha dignidade. Mil vezes mais atroz visão, que a da mulher que nos abandonou enfasiada, e talvez chorasse por não poder amar-nos! Deus sabe quanto dói à criatura, que amaldiçoamos, o tédio que as nossas meiguices, e lágrimas, e ciúmes, lhe causam!

Comecei por beber licor de hortelã-pimenta, e acabei no absinto estreme. A minha embriaguez era pacífica, e até certo ponto catedrática. Eu me explico. Se o auditório me favorecia, deixava-me ir em discursos sobre a filosofia da história, alternados com outros discursos sobre a história da filosofia. Estas matérias, que a todo homem, em estado normal, se figuram áridas e insípidas, a mim pareciam-me deleitosas e lucidíssimas; e os ouvintes, salvo

a lisonja, mostravam-se igualmente admirados que instruídos. Não poderemos inferir daqui o facto de que as ciências de certa transcendência as devemos à alucinação de certas cabeças? e que o espírito humano, sem o complemento de outros espíritos, cuja imortalidade ninguém discute, há de sentir sempre a estreiteza dos seus limites? Não discorro agora a este respeito, porque bebo água há dois anos.

Numa dessas noites de exorbitância intelectual, como o auditório me abandonasse, saí do «Marrare das sete portas», e fui ver a lua que crispava de cintilantes escamas a superfície prateada do Tejo. Eram onze horas. Num dos bancos, que adornam o Cais do Sodré, vi sentada uma mulher que trajava de escuro, e apoiava a cabeça entre as mãos, que, ao revérbero dum candeeiro, pareciam de alabastro, amarelecido de anos.

Aproximei-me dela, parei com quanta firmeza as pernas me permitiam, e disse-lhe:

— Mulher!

E ela, voltando para mim a face pálida, encarou-me, e não respondeu.

— Mulher! — tornei, encostando-me ao peitoril do cais para manter a dignidade e aprumo do discurso.

— Que quer? — respondeu ela.

— Que tens tu com as magnificências da noite? Que segredos vens tu dizer às estrelas, que o Criador fizera tuas irmãs na formosura do brilho? Se te despenhaste da tua inocência, que queres tu deste céu que só verte o orvalho consolador no seio das criaturas afligidas sem mancha, das padecentes sem culpa, ou das infames com dinheiro?

Pouco mais ou menos foi isto o que lhe disse, que me lembre; o restante, a não ser discurso sobre a filosofia da história, devia ser discurso sobre a história da filosofia.

O mais que me lembra é que às cinco horas da manhã desse dia d'agosto, a mulher do Cais do Sodré ia comigo numa carruagem, e respirava o ar balsâmico da estrada de Sintra.

— Conta-me a tua história, Marcolina, antes que eu perca a razão, para lhe dar valor. A embriaguez, quando não é insultuosa, é pouco pressistente nos sentimentos generosos. Faz-me compadecer de ti e darás à minha vida rumo novo, ou pelo menos uma ideia útil e própria de homem que⁵⁴ ainda tem intervalos de encontrar-se na consciência. Tu choraste, quando viste árvores e flores; pediste-me que te deixasse morrer lá em cima entre as fragas da serra; erraste uma vista, de quem se sente morrer de desalento, pela extensão do mar. Quem és tu? donde caíste até encontrar o primeiro apoio na tua queda sobre o ombro dum homem perdido de razão, que tu recebeste como se encontrasses um teu irmão no despejo e na desgraça? Já sei o teu nome; vejo que foste bela; que a natureza te quer ainda vestir dumas galas que tu expeliste de ti, quando as rasgavas com pedaços do coração. Já tens outra cor; e as lágrimas, em que te nadam os olhos, parece que te querem lavar os estigmas da face. Voarão nesta atmosfera os anjos invisíveis que te conheceram, quando tu eras pura?

Marcolina abraçou-me sem a veemência convulsiva que os dramaturgos mandam nas rubricas. Foi um abraço senhoril, comedido, e honesto como nossas avós os davam no jogo dos abraços, quando os anjos da guarda entravam naqueles jogos, e saíam sempre sem vergonhas do mundo.

Marcolina sentou-se em uma cadeira defronte da minha otomana, e disse:

«Nasci no dia em que meu pai morreu nas linhas de Lisboa. Tenho dezoito anos. Meu pai foi empregado na tesouraria, onde ganhava para levar a vida com abundância. Se algum desgosto sentia, era por não ter um filho. Morreu, como lhe disse, no dia em que eu nasci.

«Minha mãe ficou muito nova, e bonita; mas quase pobre. As economias, que meu pai deixara, dariam escassamente a subsistência dum ano. Ouvi dizer que a casa estava trastejada com luxo, em que meu pai se esmerava, por ter sido criado no paço, onde meu avô era cirurgião.

«A mãe teve muito quem a pretendesse, não tanto por ser bela, como por correr fama que tinha dinheiro. Teria eu um ano, quando ela casou com um empregado público, mais novo e mais pobre que ela.

«Lembro-me da minha infância dos seis anos em diante, e dos meus irmãos, que já eram dois, filhos do meu padrasto; e, quando eu tinha dez anos, já éramos seis irmãos, todos meninas.

«Não tenho memória nenhuma de viver em casa mobilada com limpeza. Minha mãe foi vendendo pouco e pouco algumas joias que tinha para ajudar às despesas, que aumentavam, e aos vícios de seu marido, que também cresciam com a pobreza. O que me lembra muito bem é a indigência, e a fome, e a nudez de minhas irmãs.

«Meu padrasto, por causa duma revolução, foi demitido do lugar; e, obrigado pela penúria, fez um roubo, e esteve preso alguns meses. Nunca mais o vi, e não sei ainda hoje se foi degredado, se foi para o Brasil, como minha mãe dizia.

«Quando eu tinha doze anos, vivíamos num último andar duma casa na Rua de São Luís. Minha mãe saía à noite com três de minhas irmãs, e recolhia-se muito tarde a fazer a ceia, que era muitas vezes o jantar. Creio que ela andava

mendigando. Outras vezes fechava-nos todas na única alcova da casa, e ela ficava na saleta: creio que este facto era mais horrível que pedir esmola.⁵⁵

«Aos catorze anos, estando eu sozinha em casa uma noite, fazendo camisas para embarque, ouvi um rangido de botas nas escadas próximas, e estremeci. A porta foi aberta de fora com a chave, e eu ergui-me espavorida, correndo à janela que se abria sobre o telhado. Lembraram-me, naquele instante, palavras que a mãe me tinha dito, e julguei-me perdida.

«Quando lancei a vista à porta para me bem convencer da desgraça, vi um homem que caminhava para mim, dizendo que me não assustasse. Eu fui recuando até ao cantinho da casa, e encolhi-me a tremer e a chorar.

«Parece que o homem teve piedade de mim. Esteve a olhar-me com ar melancólico, sentou-se, e limpou o suor da testa.

«Perguntou-me quantos anos tinha; se minha mãe nada me tinha dito a respeito duma visita; se eu antipatizava com ele; se eu queria sair de tanta pobreza, e da companhia de minha mãe, que me vendera e que tencionava viver do preço da minha honra.

«Eu respondi⁵⁶ soluçando a tais perguntas. O homem, que se mostrava condoído, chegou a chamar-me para junto dele, oferecendo-me uma cadeira. Fui sentar-me com muito medo; mas tranquilizei-me algum tanto, quando vi que me não lançava as mãos. Uma vez que ele se inclinou para mim, deitando-me o braço à cintura, ergui-me de salto, e ajoelhei, pedindo que me deixasse. Ergueu-me com brandura, e disse-me: — Esteja sossegada, que eu não lhe faço mal — e passados instantes, continuou: — A sua felicidade não é eu deixá-la; porque amanhã sua mãe a venderá a outro homem, que se não compadeça da sua inocência, e lhe despreze as lágrimas. A sua posição, menina, é muito desgraçada nesta casa. Eu vinha preparado para encontrá-la bem disposta a

ceder ao destino que sua mãe lhe deu; vejo que não é fingida a sua dor. Quer, Marcolina, salvar-se das grandes vergonhas que a esperam? Saia já desta casa, aceite a minha amizade; venha para a minha companhia, e depois pensará no que melhor lhe convier para ser menos infeliz. Confesso-lhe que a sua beleza me encanta; mas já não serei capaz de a querer sem que o seu coração a leve a ser minha amiga.

«Continuou a falar neste sentido longo tempo; e a final estando já de pé para sair, lançou-me ao regaço dinheiro em oiro, e disse: — Quando sua mãe vier, diga-lhe que está pura, peça-lhe que não a venda, e obrigue-se a sustentá-la com a condição de não a⁵⁷ vender. Esse dinheiro é o necessário para um mês; no princípio do mês que vem, receberá igual quantia. — E saiu, beijando-me na testa, e murmurando, quando me viu estremecer ao contacto da sua boca: — Pobre menina!»

- Era novo esse sujeito? — interrompi.
- Não, senhor. Teria cinquenta anos.
- Continua. Tua mãe, quando chegou...

«Viu o oiro sobre a mesa, e fez-se escarlata de infernal alegria. Olhou para mim, e disse: — Não estás mal comigo? — Rompi num pranto, que me afogava. Quis ela abraçar-me, chamando-me tola com modos carinhosos, e eu fugi para a alcova onde as minhas irmãs estavam assentadas no enxergão.»

- Das tuas irmãs uma já devia ter treze anos nesse tempo.
- Essa não vivia connosco.
- Que destino tinha tido?
- O que minha mãe quisera dar-me. A mãe disse-me que ela estava na Casa Pia; mas, alguns meses depois, soube que ela estava na situação em que estou hoje.

- E está ainda?
- Não, senhor. Morreu de dezesseis anos.
- No hospital?
- Não, senhor, em minha casa.
- E as outras irmãs?
- Logo lhe direi.

III

«Minha mãe quis que eu lhe contasse o que se passara entre mim e o Sr. Barão.»

— Ah! era barão o sujeito?!

— Era barão; mas não o maldiga, que tinha boas qualidades.

— Veremos... Por enquanto, não há razão de queixa. Ora, diz o mais.

«Contei à mãe o sucedido; menos o modo como ele me falara dela. Ouviu-me com admiração, e disse-me: — Se eu soubesse que ele tinha palavra, e te dava a mesada, saíamos destas águas-furtadas, e podíamos viver regaladamente. — Acrescentou a estas palavras⁵⁸ um plano vergonhoso que devia enriquecer-me em poucos anos. Faz-me horror o que lhe ouvi!

«No dia seguinte minha mãe comprou-me um vestido de cassa, um mantelete em segunda mão, um chapéu de palha, e outras miudezas. Mandou-me pentear, e vestir, para darmos um passeio. Atravessámos algumas ruas, que eu via pela primeira vez, e entrámos no pátio dum palacete. — Onde vamos? — disse eu. — Aqui é que mora o Sr. Barão; é preciso sermos gratas. — O guarda-portão, que já a conhecia, tinha subido a dar parte ao amo, e voltou, quando minha mãe me estava dizendo: — Deves mostrar-te muito agradecida ao fidalgo, e pede-lhe licença para

mudares de casa, e alugares outra onde ele possa entrar sem repugnância.

«Fez-se uma mudança espantosa no meu espírito, quando tal ouvi. Não hesitei. Subi as escadas, e minha mãe sentou-se no banco do pátio. Entrei numa sala muito rica, e sentei-me à espera. Tinha o rosto banhado de lágrimas. Chegou o barão, e veio ao pé de mim, com ar muito alegre e meigo. — Quem a trouxe aqui, Marcolina? — disse ele. — Foi minha mãe com um recado; mas eu venho dizer-lhe outra coisa.

«Faltou-me o ânimo para continuar; mas instada pelo barão, e com a odiosa imagem de minha mãe a instigar-me, cobrei forças, e pude dizer-lhe que me tirasse da companhia de minha⁵⁹ mãe e se compadecesse do meu infortúnio. — Agora mesmo — disse ele. E saiu da sala para entrar noutra, onde mandou chamar minha mãe. Soube, depois, que nessa ocasião se realizou o contrato, com muita generosidade da parte dele no pagamento, e pronta anuência dela no separarmo-nos. Neste intervalo, chorei com saudades da minha irmãzinha mais nova, que tinha cinco anos e meio, e era linda como um anjo.

«Passados quinze dias, a minha guarda-roupa estava cheia de cetins e veludos. Tinha brilhantes que faziam invejável a minha desonra. Tinha uma mestra, que me ensinava as atitudes senhoriais nos camarotes, e recebia dessa mesma lições para entrar na carruagem, apanhando a cauda dos vestidos com elegância, e saltando dela garbosamente para o banco almofadado, que me oferecia o laçao. Numa das minhas primeiras idas a São Carlos, vi minha irmã num camarote com mais duas senhoras. Dei um grito de surpreendida, e indiquei-a ao barão. — Não olhes para lá, — disse-me ele —, tua irmã, se é aquela, deve ser o que são as companheiras: são três prostitutas que ali estão. — Baixei os olhos, como obrigados pelo peso das lágrimas e da vergonha. Vergonha e lágrimas! Que mais valia eu que minha irmã, e quem era mais digna de lágrimas que eu!

«Um dia recebi um bilhete de minha irmã, dando-me os parabéns da minha felicidade, e pedindo-me que a não desprezasse

por ter sido menos feliz que eu, na carreira, que a mãe nos dera a ambas. Mostrei esta carta ao barão, e ele, com soberba irritação, exclamou: — Não lhe respondas; proíbo-to, sob pena de ficarmos mal.»

— Começa o barão... — atalhei eu.

— Começa o segundo ato da minha tragédia —, disse Marcolina.

«Fui um dia ao Campo Grande: ia sozinha na carruagem. Apeei para passear⁶⁰ entre as árvores, e vi ao longe duas senhoras correndo para mim. Conheci minha irmã, e corri para ela. Abraçámo-nos a chorar. Contou-me em breves palavras a sua vida. Era a minha, com a diferença das pompas. Vivia com um mercador de panos, que aborrecia; mas sujeitava-se por não ver outro caminho por onde achasse mais honesto modo de vida. Praguejou contra a mãe, analisando ao mesmo tempo os meus anéis e pulseiras com olhos cobiçosos.

«Quando assim estávamos entretidas, apareceu de súbito o barão; encarou-me com desabrimento, e disse-me: — Já para casa! — Não repliquei, nem mesmo olhei para minha irmã. O barão arguiu-me severamente; e, dizendo-lhe eu que a minha vida não era mais honesta que a da outra desgraçada, mostrou-se muito ofendido com ser comparado ao mercador de panos. Arrependi-me de dizer tal, porque ouvi insultos da sua vaidade ferida com tão pouco. Desde esse dia, comecei a sentir os espinhos da minha posição. Caí numa modorra de tristeza, mais dolorosa que a miséria. Se ia ao teatro, era violentada: se me vestia, a capricho do barão, fazia-o tão contrariada, que ele rompia em desatinos contra mim, dizendo-me que eu já o não amava... como se eu o tivesse amado algum dia! O ódio a minha mãe recrescia, quanto mais eu entrava na consciência da minha perdição, e no preço das galas com que

eu insultava a virtude honesta. A minha grande desgraça, senhor, era eu não poder destruir os sentimentos da dignidade, talvez herdados de meu pai, que fora honrado. As mulheres na minha posição começam a ser felizes quando se enterram de todo no charco das torpezas.

«Um dia, estava eu à janela, e vi passar minha mãe com a filha mais nova. Retirei-me, quando ela me ia acenar com a mão; mas ficaram-me os olhos na criança, e escondi-me a chorar. O barão encontrou-me a enxugar as lágrimas; contei-lhe a causa; e ele, querendo consolar-me, disse que minha mãe e irmãs estavam vivendo fartas e com decência à minha sombra, e ajuntou que, enquanto eu me portasse bem, não lhes faltaria nada. Pedi-lhe que me deixasse ter na minha companhia a mais nova de minhas irmãs. Não quis, nem mesmo concedeu que ela me⁶¹ visitasse alguma vez. Ora, isto, e muitas outras contradições que fazem o desgosto da vida íntima, conseguiram desvanecer pouco e pouco a amizade que eu cheguei a dar-lhe, mais por amor da piedade com que me tratou na minha pobre casa, que pela opulência com que me tinha na sua. Entrei a pensar no modo de me resgatar do cativo; porém, não via nenhum, que não fosse aumentar o meu⁶² infortúnio.

«Lembrei-me de ir para uma terra da província ensinar meninas; mas eu escrevia tão mal, e lia tão pouco, que decerto me rejeitariam. De prendas de costura, apenas sabia dar um ponto, visto que minha mãe não pudera nem quisera dar-me educação, nem tive mestra, senão quatro meses, enquanto se me não romperam os vestidinhos, que me dera minha madrinha.

«Pedi ao barão que me desse uma mestra de escrita e de leitura, e me mandasse ensinar algumas prendas para me entreter.

«Anuiu a tudo, menos a ensinar-me a escrever, dizendo que o saber escrever era causa de muitas mulheres se perderem.

«Irritou-me muito esta objeção; mas aceitei o consentimento de aprender a marcar, bordar, e talhar vestidos de senhoras. Felizmente a mestra escrevia sofrivelmente, e ensinou-me às escondidas, com grande aproveitamento.

«O barão tinha um guarda-livros, que raras vezes me via, e perdia a cor, se acertava de encontrar-se comigo. Era novo como eu, tinha uma fisionomia agradável, e um acanhamento que me fazia supor que eu, na minha situação, ainda impunha respeito. Conheci então o amor, à força de pensar que sentimento seria o que ele me causava. Era eu quem já o procurava ver de longe, e me retirava, se o guarda-livros me surpreendia a observá-lo dum janela por onde, através do pátio, se via o escritório.

«Alguém me denunciou ao barão, quando eu me julgava a resguardo da menor suspeita. O caixeiro foi despedido, e a notícia deu-me o barão com um riso sardónico e do mau intento. — Já sei o fim para que tu querias saber escrever — disse ele. — Qual era? — acudi eu. Não respondeu.

«Passados dias achei uma carta no livro que andava lendo, emprestado pela mestra. Era do guarda-livros. Quem trouxera esta carta? Seria isto uma velhacaria traiçoeira do barão?! Não era. A mestra fora-me dada por informação do caixeiro, e, a instâncias dele, me trouxe a carta, que não ousara entregar diretamente.

«Não me afligiu a temeridade do moço, que eu amava. Recebi a carta,⁶³ agradececi-a à mestra, e respondi-lhe sem artifício, dizendo-lhe sinceramente que o amava; mas que entre mim e ele estava uma eterna barreira, levantada pela minha vergonhosa posição. Mulher, que não amasse com toda a candura, e inexperiência do que são verdadeiras vergonhas, não escreveria tal carta. A mulher experimentada na infâmia finge sempre que não a⁶⁴ incomoda a consciência de que a tem, e nega aos outros o direito de cuidarem que ela se imagina infame. Penso eu que é verdade isto, pelo que tenho aprendido de mim própria.

«O guarda-livros respondeu-me admirando-se que eu visse tal barreira entre nós, quando ele meditava em me fazer sua esposa. Desde que li esta segunda carta, senti-me doida de esperanças felizes; apaixonei-me pelo homem, que me não via as nódoas da desonra: não era já amá-lo, era adorá-lo na minha imaginação.

«E ao mesmo tempo, tamanha aversão me fazia o outro de quem o meu corpo era escravo, que já mal podia dissimulá-la.

«Consegui Augusto que eu lhe falasse, quando saísse a passeio. Mandei pôr os cavalos à sege, quando o barão estava fora. Apeei-me em São Pedro de Alcântara, e desci ao jardim, onde Augusto me esperava. Balbuciu a repetição do que me tinha escrito, sem ousar tocar-me a trémula⁶⁵ mão, nem eu ousava oferecer-lha. Conheci que a minha riqueza o humilhava. Lembrei-me então que aquele rapaz, se me visse numa pobre casa com modestos trajos, havia de amar-me expansivamente!⁶⁶ Que falsos juízos forma o coração, que se não vendeu com o corpo! Que grande bem seria poder a mulher despojar-se da pureza da alma, quando se desonra!

«O barão teve aviso de que eu me encontrara com o guarda-livros. Nada mais natural! Como cuidaria eu que os criados me não espertassem! Cegava-me a razão, o amor, e o desejo impetuoso da liberdade. Já se me não dava que ele o soubesse, e me expulsasse. Jurara até comigo de lhe dizer a verdade, provocando-me o barão a dizê-la.

«Foi o que sucedeu. À primeira queixa do homem assanhado pelo ciúme, respondi que certissimamente⁶⁷ amava Augusto; que queria passar do crime faustoso para a virtude na pobreza; que era muito infeliz na vida que tinha; e que só com amor se podia suportar a vergonha de ser banida da sociedade.

«Espantou-se do meu desembaraço o barão e cobriu-me de injúrias; das injúrias passou às lágrimas; das lágrimas tornou aos insultos; e, quando eu menos podia esperar uma vilania sem nome, deu-me uma bofetada. Levei as mãos ao rosto e quasi perdi os sentidos. Quando abri os olhos, desvariados⁶⁸ de angústia, o barão estava ajoelhado aos meus pés e dizia: — Eu não sou, há muito, teu marido, porque não posso sê-lo, porque nunca te disse que sou casado, e que tenho a mulher no Brasil. Espera que ela morra, e então serás minha mulher. A sociedade te respeitará então o título, a riqueza e a virtude de me teres sido fiel.

«Não sei que mais lhe ouvi, que parecia aumentar o sentimento de abominação agravado pelas súplicas⁶⁹ depois do insulto. Afastei-

-me, e escrevi-lhe, a despedir-me. Devia de ser-lhe nova⁷⁰ e aflitiva surpresa, quando viu a minha carta escrita com boa letra, e a rancorosa eloquência com que eu lhe atirava ao rosto a desestima em que o tinha, já convertida em desprezo.

«Dum arremesso, entrou no meu quarto. Trazia um par de pistolas aperradas: tive-lhe medo e horror, quando ele gritou: — Uma para te matar, e outra para mim!⁷¹ — Que mal fiz eu para morrer?! — exclamei com a ânsia de quem quer e pede a vida.»

«Menti-lhe para me livrar das baixeiras suplicantes e das ameaças. Prometi deixar Augusto, e ficar na companhia do barão. Pediu-me que escrevesse uma carta ao caixeiro, segundo ele ma ditasse. Recusei. Ameaçou-me de novo; vendo-me, porém, resistente e já disposta a morrer, tornou às branduras, e desistiu da carta, como coisa inútil, depois da minha promessa⁷².

«No mesmo dia, brindou-me com um alfinete de diamantes, e mandou-me preparar para irmos viajar. O meu plano estava formado: respondi a tudo que sim.

«Quando veio a mestra, dei-lhe uma carta para Augusto, avisando-o do meu projeto de fuga, e pedindo-lhe que me recebesse assim pobre, que eu já sabia trabalhar, e nunca lhe seria pesada.

«A mestra estava já vendida ao barão, que foi logo senhor da carta. Se eu fosse esperta, adivinhara a perfídia da medianeira na alteração de rosto com que me recebeu a carta. Estava-se acusando a vil criatura; mas eu não podia julgá-la. Parece-me que só os infames podem julgar bem os infames.

«Vi entrar o barão no meu quarto com terrível contração de rosto. Sem me encarar pediu-me uma a uma todas as minhas joias: dei-lhas. Pediu-me todos os meus vestidos, todos, nomeando-os um a um pelas suas cores e estofos: dei-lhos, e perguntei se devia despir o que tinha vestido. — Veremos — disse ele. E, depois de atirar com os vestidos a pontapés para o interior do seu quarto

e guardar as joias, acrescentou: — Agora, vá quando quiser, que vai como veio. — Não vou como vim — respondi eu. — Era pura quando entrei nesta casa, Sr. Barão. — Replicou-me⁷³ com um insulto sem nome, e saiu.⁷⁴

«Esperei que anoitecesse, e no entanto pensei para onde iria. O coração impelia-me para Augusto; mas eu ignorava a residência dele. Lembrou-me ir pedir agasalho a minha irmã, e de casa dela indagar a morada de Augusto. Lembrou-me de relance minha mãe; mas suposto me sorrissem as minhas irmãs, fechei logo os olhos a esta horrorosa visão. Prevaleceu o único refúgio, que era minha irmã, muito menos desgraçada do que eu.⁷⁵

«Escureceu; saí do quarto, e desci as escadas. Ia assim⁷⁶ como estou agora. Não levava comigo cinco réis, nem valor algum além dum vestido de cassa, que tinha no corpo. A meio das escadas, saiu-me o barão duma sobreloja, travou-me pelo braço com mais amor que força, e disse-me: — Onde vais, desgraçada?! Pensa bem no passo que vais dar. Contas com o caixeiro? Esse miserável é tão pobre como tu. Desde que saiu da minha casa, já me mandou pedir um empréstimo, que eu lhe dei como esmola. Nenhuma casa comercial o aceita sem as minhas informações; e eu, a quem mas pede, respondo que ele aniquilou a minha felicidade, e desgraçou para sempre duas famílias. Serve-te assim o homem? Cuidas que o caixeiro irá pedir esmola para te sustentar? Irá; mas quem é que lha dá? E, quando ele, cansado de humilhações e desonras, friamente olhar para ti, e te julgar a causa de sua desgraça, há de aborrecer-te, odiar-te, e abandonar-te, e fugir de ti como quem foge do maior inimigo. Medita nisto, Marcolina. Perdoe-te o mal que me fizeste, esqueço tudo, peço-te mesmo perdão do que fiz hoje, alucinado pelo amor que te tenho. Ficas, Marcolina?

«— Não fico — respondi — nem vou procurar Augusto. Para desgraça basta a minha. Vou ter com minha irmã, e de lá procurarei uma casa onde sirva.

«Lançou-se-me aos pés o barão, abraçou-me pela cintura abafado pelos soluços; disse-me até, no seu desvario, que iríamos

para França, e lá casaria comigo. Causou-me riso e compaixão este desatino!... Cedi, deixei-me ir quasi nos braços dele até ao meu quarto. Parecia louco de alegria o pobre homem! Trouxe-me as joias, tirou do dedo um grande brilhante, que ele chamou anel de casamento, e quis à força que eu o pusesse entre outros, posto que podia abranger três dos meus dedos.»

— Era uma pulseira! — interrompi eu com ambições de graça. — O barão, exceto os dedos, parece-me um bom sujeito!

— Era — tornou Marcolina — era um coração como poucos. As ameaças das pistolas, os insultos, a requisição das joias e dos vestidos, tudo isto que parece vilania, era nele uma sublime maneira de exprimir o seu muito ciúme e paixão.

«Nunca mais vi a mestra, nem tive pessoa que me falasse de Augusto. Naturalmente o fui esquecendo, o forçoso⁷⁷ era esquecê-lo em Paris e Londres para onde o barão me levou, sem me dar tempo a cismar uma hora no meu passado.

«De Londres fomos para Alemanha, e estávamos em *Baden-Baden*, quando o barão, no gozo de robusta saúde, e felicidade que a cada hora me confessava, morreu subitamente dum ataque apoplético, quando se estava banhando.

«Não estou a moer-lhe a paciência com os promenores das coisas sucedidas depois da morte do meu extremoso amigo. Basta dizer-lhe que eu fiquei apenas possuidora dos objetos valiosos que tinha para meu uso, e sem esses mesmos ficaria, se um português, que estava em *Baden-Baden*, me não aconselhasse a sonégá-los às averiguações da justiça. A mulher do barão veio a Portugal, e habilitou-se herdeira única da grande riqueza.

«Deliberei voltar para Lisboa.»

«As minhas joias valeriam quarenta mil cruzados.

«Coadjuvada pelo serviçal português, que me aconselhara, vendi em Londres as melhores peças do meu cofre, e apurei uns doze contos de réis. Cheguei a Lisboa, e aluguei uma casinha agradável em Buenos Aires. Procurei minha irmã, e encontrei-a com muita dificuldade, reduzida ao extremo aviltamento. Em menos dum ano, a infeliz descera a escala da abjeção, que outras descem em muitos anos de libertinagem, com reveses de miséria e luxo. Se alguma vez passou numas ruas imundas da cidade alta, onde as mulheres competem em palavras obscenas com os marinheiros embriagados, já sabe onde eu encontrei a primogénita das segundas núpcias de minha mãe.

«E minha mãe onde estaria? e minhas irmãs a que destino seriam chamadas?

«Levei a desgraçada para a minha companhia. Chorei três dias a contemplá-la; e ela não chorava. Vesti-a com decência igual à minha; levei-a comigo a passeios ao campo; falava-lhe em tudo, menos no seu destino; queria ela contar-me a sua queda, e eu pretextava sempre uma distração para não lha ouvir.

«Passados quinze dias, conheci que minha irmã amava o vinho, e bebia muito, e ria desentoadamente depois do jantar. Pouco tempo depois, começava a rir logo de manhã, e chegava ao jantar já completamente embriagada. Chamei o criado a perguntas, e

soube que ela bebia genebra em grandes porções, e a toda a hora. Aconselhei-a primeiro brandamente, e depois, baldados os bons modos, repreendi-a com severidade. O resultado foi querer ela sair de minha casa, e voltar ao sítio donde viera. Estava irremediavelmente perdida. Consenti que se embriagasse e não saísse. Não bastou esta concessão. Um dia desapareceu-me. Fui procurá-la às paragens mais prováveis, e não pude achá-la. Só depois de um mês, com auxílio da polícia, pude descobri-la... no Hospital de São José.

«Fui ao hospital. Falei-lhe, e vi que estava de todo desfigurada. Consultei o facultativo da enfermaria, e soube que minha irmã estava mortalmente doente de tubérculos pulmonares. Fi-la transportar para minha casa, por me lembrar que, no hospital,⁷⁸ a religião não poderia dar-lhe esperanças de melhor vida, agonizando ela entre as suas companheiras de desgraça, que continuamente vociferavam torpezas, ou praguejavam contra Deus, enfrenesiadas pelas dores.

«Ao sair do hospital, encontrei Augusto. Senti um abalo, como se visse ressuscitado um amigo morto e quasi esquecido. Adiantou-se ele para mim, cumprimentou-me, e disse-me que andava estudando medicina, e estava no seu segundo ano, modo de vida que abraçara, por ter parentes que o protegiam, conhecedores da malvadez com que o barão o perseguia.

«Minha irmã morreu: já não podia vencer a morte. Prestei-lhe quantos auxílios cabiam em forças da amizade e da compaixão. Os paroxismos da infeliz foram tranquilos; e, se as lágrimas valem na presença de Deus, pode ser que o seu inferno fosse o deste mundo somente.»

«Foi Augusto visitar-me.

«Falou-me do passado, e eu contei-lhe tudo que decorrera desde a sua última carta.

«Não lhe ocultei os haveres, que eu tinha em inscrições, compradas com o produto das joias. Respondi com amizade às reminiscências do seu amor. Pedi-lhe que fosse meu amigo, simplesmente meu amigo, e que não quisesse acordar um sentimento que por pouco nos não fizera a ambos desgraçados sem refúgio.

«Encarreguei-o de indagar a sorte de minha mãe. Soube que ela, desde a morte do barão, estava vendendo os móveis para se sustentar, e que, em breve, na opinião dos informadores, teria as filhas em conta de móveis. Augusto, industriado por mim, pôde falar às meninas, na ausência da mãe, e persuadiu-as a fugirem para a minha companhia; o que elas prontamente fizeram. Ao mesmo tempo mandei dar a minha mãe uma mesada, com a certeza de que suas filhas estavam em companhia⁷⁹ de Marcolina, que as faria educar e preparar para um virtuoso destino.

«Parece que o senhor às vezes se mostra espantado desta linguagem na boca da mulher que ontem encontrou às onze horas da noite!...»

— Dizes bem, Marcolina; às vezes espanto-me. Tenho-te ouvido falar em *virtude* não sei quantas vezes!

— Uma.

— Só uma?! será: mas tens tido raptos de eloquência religiosa que cabiam muito bem num livro espiritual.

— E daí que conclui? que sou hipócrita?

— Não: concludo apenas que és mulher, mistério, enigma, absurdo, paradoxo, mescla de luz do céu e lavareda do inferno, demónio e anjo, *etc.* Continua, que eu, enquanto te não vir desfalecida de falar, não te lembro que devemos jantar hoje.

— Pois então jantemos, que eu não posso mais. Parte-se-me o peito com dores; preciso descansar, porque há seis anos que não falo tanto, meu amigo. Estou admirada do bem que me faz o ar do campo. Ainda não tossi desde que cheguei a Sintra.

— Pois tu tens tosse?

— Tenho a tosse da tísica.

— Estás tísica?

— Parece-me que sim... Não falemos em moléstias. Vamos jantar, que eu tenho sincera fome. Depois iremos conversar debaixo das árvores: pode ser que eu chore, e o Sr. Silvestre também. Felizes os que choram... É a única felicidade que eu posso dar-lhe.

Estava o jantar na mesa.

ENTRE-PARÊNTESES DO EDITOR

Há de muita gente pensar que Silvestre da Silva, nesta parte de suas memórias, anda apegado às muletas literárias dos modernos regeneradores das mulheres degeneradas. Arguição injusta! A *Margarida Gauthier* é muito mais nova que a Marcolina; e reparem, além disso, que o processo da reabilitação moral desta mulher é muito diverso do da outra, se é que há aqui processo de reabilitação. Eu estou em acreditar que Marcolina, longe de exhibir a fibra pura do seu coração, pedindo que lhe aceitem a virgindade moral que

lá se refugiou das paixões infames e infrenes, há de esconder os bons sentimentos com pejo de os denunciar, e fará que as fivelas da mordaca lhe apertem atrozmente os lábios, quando a palavra amor lhe rebentar da abundância do coração. A meu ver, Marcolina está dando lições de moralidade, quando muita gente cuida que ela está pedindo lágrimas, e perdão dos agravos que fez à moral pública. Veremos.

Como quer que seja, aqui não há *damas de camélias*, nem Armandos. Silvestre não quer que o romanciem nem dramatizem. Conta as coisas em escrito como mas disse a mim conversando, e eu agora as dou em estampa ao universo, quais as achei nos seus manuscritos. Da moral do conto o universo que decida, e os localistas.

Marcolina fingiu que comia, e que se alegrava. Quis ter graça para responder à provocação das minhas facécias: mas era senhoril de mais nos chistes, que saíam obrigados pelo desejo de fazer-me boa companhia. Tomou algumas chávenas de café, e não provou nenhuma bebida espirituosa. À quarta ou quinta chávena, teve um acesso violento de tosse, que terminou com um golfo de sangue. Saiu do quebranto, em que ficara, com as faces emaciadas e lívidas. Pediu-me perdão do dissabor da sua doença, e prontificou-se, se eu queria, a ir contar-me o restante da sua vida, à sombra das árvores. Desisti da minha curiosidade, dispensando-a de falar naquele dia em coisas que a fizessem chorar, e me comovessem a mim. Não quis. Aceitou-me o braço, e saímos. À sombra da primeira árvore, distante dos grupos que a viram passar, e nos olhavam com um sorriso de escárnio ou de piedade da minha libertinagem, sentou-se Marcolina, e recomeçou com as últimas palavras, que dissera antes de jantar:

— Felizes os que choram... É a única felicidade que eu posso dar-lhe. — E prosseguiu, depois de recordar o facto em que ficara suspensa a história:

«Augusto, apesar das minhas instâncias, pouco sinceras, falou-me do seu amor incessantemente; com tanto respeito, porém, o fazia, quer eu estivesse sozinha, quer com minhas

irmãs, que me cativou a gratidão. Mal sabe o mundo quanto a mulher indigna de respeito sabe ser agradecida a quem teve com ela a comisseração do recato nas palavras e nos gestos!... A infeliz passa da estranheza à alegria de se ver ainda tratada com delicadeza, quando a consciência, o seu verdugo, lhe está dizendo que não merece inspirar sentimento algum, que não seja aviltante ou desonesto. Foi assim que me prendeu Augusto, sem me despertar o amor doutro tempo. Sentia que o não amava, e mentia-lhe, querendo retribuir a sua generosidade cavalheirosa. O desapego de meu coração era incompreensível. Na minha vida só se tinham dado os infortúnios que lhe contei. Não gastara a sensibilidade; amara-o apenas a ele; e, sem ter sido enganada pela sedução dalgum homem, sinceramente lhe digo que me inclinava a odiá-los todos. Creio que me levaram a isto as desgraças de minha irmã falecida. Cuidei⁸⁰ que todos os sentimentos de dignidade lhos tinham matado os homens, reduzindo-a à hediondez de corpo e alma, em que a vi.

«As conversações d'Augusto tendiam todas ao casamento. Contrariei-as com simulada repugnância; mas em minha alma antevia a felicidade de ter um marido, que nunca me havia de pedir contas do meu passado. Além disso, meditando nos costumes de Augusto, no seu viver, na sua aplicação aos estudos, e no plano que tinha de se retirar para uma província, logo que estivesse formado, achava-o mais perfeito do que eu podia merecê-lo: parecia-me que qualquer menina, sem mancha na sua reputação, e com um bom dote, se devia dar por bem-aventurada com tal marido.

«Casei.

«Acredite que eu não tive um mês de contentamento. Sou obrigada a crer que há em mim desgraça contagiosa. Augusto transfigurou-se, se não era hipócrita; ou o demónio do meu destino lhe entrou no espírito para me atormentar sem tréguas, nem fim. Eu não posso demorar-me a contar-

-lhe pelo miúdo o desconcerto em que vivemos. Augusto era libertino, dissipador, jogador, e até embriagado o vi muitas vezes. Como se explica esta mudança, a não ser pela precisão de mudar-se tão espantosamente um homem, que devia ser o meu flagelo?! Mas porquê⁸¹? Em que era eu criminosa para tal castigo? Que mal fizera eu a Deus ou à sociedade? Não fui causa a que o barão deixasse a mulher, porque já a tinha abandonado, quando me levou para si. Fui boa com minha mãe e com minhas irmãs. Lembra-me agora se o meu crime era possuir alguns contos de réis das joias que me tinham sido dadas, e que eu escondi aos direitos da herdeira. Mas a minha desonra e repulsão dentre as pessoas virtuosas não valia alguma coisa!

«Seriam as joias, seriam, meu amigo... É certo que meu marido em dois anos dissipou tudo, tudo. As inscrições vendeu-as; o resto dos braceletes, anéis, cadeias, relógios, tudo, com razão ou sem ela, com violência ou brandura, me levou de casa. Restavam-me os móveis, quando, depois de esperar três dias por Augusto, recebi dele uma carta, em que me dizia adeus para sempre. Não sei se saiu do país, se se matou. Há três anos que o não vi, nem os seus condiscípulos tiveram novas dele.

«Ficaram comigo três irmãs, e minha mãe em sua casa, vivendo da mesada, que eu lhe dera até ao fim, já quando a furtava à boca, e à decência do vestir. Chamei minhas irmãs, que eram já mulheres, e disse-lhes que era necessário morrermos todas. Ouviram-me espavoridas. Disse-lhes que a morte era simples e rápida, se acendêssemos dois fogareiros num quarto, e fechássemos portas e janelas. Lançaram-se a mim a chorar. Não queriam morrer.

«Fui vendendo a roupa, e os móveis. Perto estava já o dia da fome irremediável, quando fui convidada a procurar em determinada casa um homem que desejava tirar-me da miséria. A encarregada deste convite era uma mulher, que

tinha estabelecimento público de infâmia. Fui?... fui... meu amigo, porque minhas irmãs tinham vendido na véspera as suas camisas, e minha mãe já três vezes tinha vindo à minha porta pedir esmola com um ar de zombaria que me espedaçava. Apenas conheci a casa em que estava, quis fugir; mas fui estorvada pelo homem, que me chamara. Era um amigo do barão.

«Voltei a casa com uma peça d'ouro, e escondi de minhas irmãs a ignomínia daquele dinheiro. Inventei uma história, fiz o elogio da generosidade dum benfeitor, e minhas irmãs, erguendo as mãos a Deus, pediram-lhe a saúde dele. Então ri-me... riso atroz!... creio que me ri da Providência... e a falar a verdade, não sei bem do que me ri...»

Calou-se Marcolina obrigada pela tosse e pelo vômito de sangue. Amparei-lhe a fronte nas minhas mãos; esperei que sossegasse, e disse-lhe:

— E as lágrimas?... Tinhas-me dito que chorarias, infeliz!...

— Pois não vê as lágrimas no sangue? — disse ela sorrindo — os olhos já não as têm.

— Não quero ouvir mais — tornei eu.

— Nem tem mais que ouvir... O que falta é...

— A duração da desgraça com um só meio de remediá-la...

— Decerto...

— Que fazias ontem no Cais do Sodré⁸²?

— Pedia coragem ao meu demónio para me matar; mas via minhas irmãs, ou o demónio mas mostrava, para que o meu inferno se não acabasse.

— Basta. Esta noite partiremos para Lisboa. Confias de mim o teu destino e o de tuas irmãs⁸³? — disse-lhe eu, sem calcular o cargo que me impunha, e pensando apenas na quantia que podia dispor.

Marcolina sorriu-se, e disse:

— Que generosa alma a sua! Não sabe em que mundo está!...

Poucos dias depois da minha volta de Sintra, as três irmãs de Marcolina entraram num Recolhimento, a título de minhas parentas.

Marcolina saiu de Lisboa⁸⁴ comigo, e entrou em minha casa na província. Era já morta minha mãe. Os meus vizinhos escandalizaram-se de me verem em concubinação, e o pároco da freguesia deixou de me visitar, e o boticário proibiu as filhas de me falarem, e o regedor recomendou à mulher que não fizesse conhecimento com a lisboeta, que tinha cara de pecado.

A minha aldeia é penhascosa, feia, e triste. Marcolina amava os rochedos, e as sombras das matas, e ajoelhava às cruzes, que encontrava nas veredas por onde andava sozinha, e dobrava-se rente com o chão para beber das fontes térreas em que borbullava a água. Retingiram-se-lhe as faces, e cessou algum tempo a tosse. Já subia comigo aos píncaros das serras, quando eu caçava; trazia ao tiracolo a saca de malha com a merenda, e por lá, naqueles vales, onde os medronheiros e avelãzeiras⁸⁵ vinham a terra com frutos, era de ver as delícias com que ela comia, por igual comigo, as grosseiras iguarias que levávamos.

Entrou o outono, e logo notei a desmedrança e abatimento de Marcolina. A decomposição parece que se via, como se os vermes lhe andassem roendo já perto da epiderme.⁸⁶ Quis voltar com ela a Lisboa; mas achei-a pertinaz em não sair da aldeia.

Dizia-me que fosse eu distrair-me, e que a deixasse ali acabar os seus dias.

Poucos tinha ela já de vida, quando a mais velha das irmãs lhe escreveu, contando que o pai voltara rico d'África, e pusera anúncios nos jornais indagando notícias de sua mulher e filhas. Dizia mais que ele fora ao Recolhimento, e chorara d'alegria vendo-as; mas logo se enfurecera, quando elas lhe falaram na mãe. Acrescentava que ele, sabendo que devia à enteada o refúgio de suas irmãs, estava ansioso por vê-la, e pedia-lhe que voltasse imediatamente a Lisboa.

Esta carta deu delírios de júbilo a Marcolina. Fez por vigorizar-se para a jornada, não tanto para testemunhar a felicidade das irmãs, como para pedir ao padrasto que não desamparasse sua mulher. A esperança apagou-se súbita, quando preparávamos a partida. Fui, uma tarde, à vila próxima comprar alguns aprestos para a jornada, e, quando voltei, estava Marcolina nos últimos arrancos. Agitou-se vertiginosamente, quando me viu: apertou-me ansiosa contra o coração, e murmurou:

— Agora... e só agora me atrevo a dizer-te que te amei... Deixo-te a eterna lembrança da desgraçada, que só à hora da morte se julga digna de ti...

Morreu.

Não posso bem dizer o que senti nessa hora. Morrera uma grande parte do meu ser. Senti o vácuo;⁸⁷ era no peito que o sentia. Devia ser o coração, o que vulgarmente se diz coração, que morrera.

É, pois, certo que eu amei aquela mulher?

Ó meu Deus, e minha consciência! vós bem vedes com que orgulho e saudade eu digo que sim, que amei!

Amei-a porque era mais pura, mais virgem, e mais santa que a outra respeitada do mundo; e porque, em ódio à sociedade, que a desprezava, não posso vingá-la, senão amando-a com eterna saudade.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

CABEÇA

JORNALISTA

I

O homem não se deve somente à sua felicidade: — primeira máxima.

O principal egoísta é aquele que se desvela em explorar o coração alheio para opulentar o próprio com as deleitações do amor: — segunda máxima.

Como a felicidade do egoísta é um paradoxo, a felicidade pelo amor é impossível: — terceira máxima.

Quarta: — o bem particular é resultado⁸⁸ do bem geral.

Quem quiser ser feliz há de convencer-se de que sacrificou ao bem geral uma parte dos seus prazeres individuais: — quinta máxima.

O amor, considerado fonte de contentamentos ideais, é o sonho dum doudo sublime: — sexta.

Sétima. — A mulher é uma contingência: quem quiser constituí-la essência de sua vida, aleija-se na alma, e cairá setenta vezes sete vezes das muletas a que se ampare do chão mal gradado e barrancoso do seu falso caminho.

Estas sete máximas fui eu que as compus, depois de ler a antiguidade, e alguns almanaques, que tratavam do amor.

Entrei a cogitar no modo de ser útil à humanidade com a minha experiência e inteligência do coração humano. Ofereceu-se-me logo

azo de exercitar as minhas benévolas disposições. Escrevi para *O Periódico dos Pobres do Porto* uma correspondência contra o regedor da minha freguesia, acusando-o de me prender um criado para recruta. Nesta correspondência, discorri largamente acerca dos direitos do homem. Examinei o que foi a liberdade em Grécia e Roma. Procurei-a no berço do cristianismo, e vim com ela, através dos séculos, até à revolução francesa, que eu denominei o último verbo da sociabilidade humana: tudo isto por causa do recruta, e contra o regedor da minha freguesia, que eu cobri de epítetos tais como *ominoso* e *paxá de três caudas*.

O regedor respondeu-me, e eu repliquei. Seguiu-se uma série de correspondências, que podiam formar um livro importante para a história dos costumes dos regedores em Portugal no século XIX.

O prurido de escrever correspondências, a respeito doutras muitas coisas, e mormente da dotação do clero — matéria que veio a ponto, quando eu tive uma questão com o meu pároco por causa da côngrua e pé d'altar —, insinuou-me a persuasão de que havia em mim pronunciadas tendências para escritor político. Discutia-se naquele tempo o Sr. Conde de Tomar, a quem uns chamavam Barba-Roxa, e outros Marquês de Pombal. Decidi-me a favor dos segundos, que tinham incontestável razão. Escrevi uma série de artigos, com muito suco, em grande parte copiados do *Dicionário Político* de *Garnier-Pagés*; e, na parte de minha lavra, havia ali uma verdura de ideias que ninguém lhe metia dente. Por essa ocasião, recebi de vários pontos do país diferentes cartas, umas insultadoras, capitulando-me de besta; outras, no mais moderado de seus encómios, profetizavam em mim o Girardin português. De Mirandela recebi a lisonjeira nova de se andarem quotizando alguns amigos da ordem para me oferecerem uma pena. Veio a pena, passado algum tempo; mas era uma pena de galinhola, uma zombaria que eu repeli com todas as potências do meu desprezo.

Como as minhas doutrinas andassem encontradas com as do regedor e do pároco — afeiçoados à revolução militar de 1844 — maquinaaram eles contra mim ciladas, que me iam sendo fatais, sob

pretexto de eu ser partidário do Sr. Costa Cabral. As sevícias do rancor chegaram ao extremo de me matarem uma cabra, que pastava no passal do vigário, e aleijaram-me uma égua, que, num ímpeto de castidade, escouceara um garrano do regedor. Estas prepotências eram indicativas dalgum grande atentado contra a minha vida. Saí, portanto, da minha aldeia, e fui para o Porto, expor com desassombro ao sol da civilização os meus talentos em matéria de governação pública.

Fiquei grandemente surpreendido e embaçado quando cheguei ao Porto, e dei fé que ninguém se ocupava a falar de mim! À mesa redonda do hotel, onde me hospedei, tratou-se o assunto da política; e, como era essa a feliz conjunção de eu divulgar o meu nome, encaminhei habilmente a controvérsia, até me declarar Silvestre da Silva, autor dos artigos epigrafados: OS PORTUGUESES NA BALANÇA DO MUNDO.

Ninguém me conheceu o nome, a não ser um literato localista, que teve a audácia de me dizer que os meus artigos tresandavam ao montezinho, e que as minhas ideias intouriam o estômago intelectual como se fossem castanhas cozidas. Donde ele concluía que a minha literatura tinha a cor local dos meus alimentos, e denunciava a morosidade das minhas digestões.

Devo a este lorpa a popularidade, que alcancei logo aos primeiros dias da minha chegada. Àqueles sarcasmos respondi com um murro de consistência provinciana, murro que devia também ter a cor local da pesada digestão das castanhas. O literato desafiou-me, e teve a bravura de me propor um duelo à pistola à ponta de lenço. Responderam os meus padrinhos que eu optava pelo murro à ponta do nariz. Com esta pequena modificação à sua proposta, o localista retirou a honra da peleja, e desafogou na secção das locais, chamando-me onagro, e vários outros adjetivos, cujo período eu lhe arredondei com um puxão de orelhas na primeira ocasião.

Assim, pois, inaugurei a minha entrada no Porto.

II

Naquele tempo, a cidade heroica estava muito mais adiantada em policiamento que hoje. Uma dúzia das principais famílias abriam frequentemente os seus salões, e rivalizavam na profusão do serviço. Comia-se muito.

Posto que os dissabores fundos da minha vida passada me fizessem ver com tédio os regalos da sociedade, fui obrigado pela minha posição nas letras a comparecer nos focos da civilização. Escrevi alguns folhetins, historiando os prazeres fictícios daquelas noitadas, e mediante eles granjeei a estima das donas da casa; e quer-me parecer que, se eu tivesse coração naquela época, as virtudes da cidade da virgem seriam hoje uma coisa muito equívoca.

Como detesto a fatuidade, inibo-me de contar as demonstrações mais ou menos recatadas, que recebi de singular afeto.

Não intento desdourar as demais senhoras de Portugal, dizendo que as há no Porto que se avantajam em formosura a quantas conheço, exceto a leitora.

A mulher do Porto, como ela era há quinze anos, estava por adelgaçar, gozava-se de cores ricas de bom sangue; era redonda e brunida em todas as suas formas; o ofegar do seu peito comprimido pelas barbas do colete era como a oscilação duma cratera, que⁸⁹ vai romper à superfície; dardejava com os olhos; ria francamente com os lábios inteiros; deixava ver o esmalte dos dentes e o rosado das gengives; meneava os braços com toda a pujança dos seus músculos

reforçados; pisava com gentil desenvoltura; dizia com toda a lisura as suas primeiras impressões; ria-se com os chistes dos galãs que tinham graça; ouvia sentimentalmente as tristezas dos cétricos; doidejava nas vertigens da valsa; bebia o seu cálix do Porto; comia com angélico despejo uma dezena de *sandwichs*; tornava para as danças com redobrado ardor; e, ao repontar da manhã, quando as flores da cabeça lhe caíam murchas, e as trancinhas da madeixa se empastavam com o suor na testa, a mulher do Porto era ainda formosa, mais formosa ainda pelo cansaço, a disputar lindeza à aurora, que nascera para lhe disputar a beleza.

E eu, vendo-as, pensava nisto, e sentia não ter coração para elas!

Ai! dez anos depois, a mulher do Porto já não era assim, não!

Tinha passado por elas o bafo pestilencial do romance. Liam e morriam para a verdade, e para a natureza legítima. Invejavam a palidez das pálidas, e a espiritualidade das magras. Tal menina houve que bebeu vinagre com pó de telha; e outras, mais suspirosas e avessas ao vinagre, desvelavam as noites emaciando o rosto à claridade doentia da lua. Algumas tossiam constipadas, e queriam da sua tosse catarrosa fingir a debilidade do peito, que não pode com o coração. Muitas, à força de jejuns, desmedravam a olhos vistos, e amolgavam as costelas entre as compressas d' aço do colete.

Estas não são já as mulheres que eu vi, sadias e frescas, como se saíssem do paraíso terreal, antes que o Autor da vida as condenasse às dores e à morte.

Foi o romance que degenerou as raças, porque lá de França todas as heroínas, em 8.º e a 200 réis ao franco, vêm definhadas, tísicas, em jejum natural, tresnoitadas, levadas da breca. Nunca se dá que os romancistas nos digam o que elas comem, quantas horas dormem, quantos cozimentos de quássia tomam para dessaburrar o estômago, qual género de alimento preferem, que doutrinas de higiene adotaram, quantos amantes afagam para cicatrizarem os golpes da perfídia com o pelo do mesmo cão. Mal haja uma lite-

ratura que transtorna fundamentalmente a digestão e o sono, estes dois poderosos esteios da saúde, da graça, da formosura, e de tudo que é poesia e gozo neste mundo! Se alguma vez o romancista nos dá, no primeiro capítulo, uma menina bem fornida de carnes, e rosada e espanejada como as belas dos campos, é contar que, no terceiro capítulo, aí a temos prostrada numa otomana, com olheiras a relevar o cavado do rosto, com a cintura a desarticular-se dos seus engonços, com as mãos translúcidas de magreza, os braços em osso nu e os olhos apagados nas órbitas, orvalhadas de lágrimas.

Pouca gente alcança os limites do desarranjo que estes envenenadores impunes causam nos costumes, e na transmissão da espécie.

Estas mulheres desassisadas, que se imolam aos caprichos duma literatura, por não terem coisa séria em que empreguem a imensa energia do seu espírito, quando tornam em si, e se correm da sua inépcia, tarde vem o arrependimento, que, nos melhores anos, deram cabo das melhores forças. Obrigadas a viverem nos limites da razão, casam-se, e curam de reconstruir o edifício desconjuntado da saúde, comendo e bebendo e dormindo regularmente; mas as molas digestivas já têm então perdido as suas forças; os glóbulos cruóricos do sangue não se retingem jamais; as pulsações batem frouxas; o ar filtra ao pulmão por canais obstruídos; e não há contrapor à segunda natureza, formada por molestos artifícios, cuidados medicinais, que vinguem a antiga compleição deteriorada. Que frutos quereis que desentranhem estas árvores meladas e desmeduladas? Frutos pecos e outoniços, filhos enervados, e como flores mimosas fenecidas ao ardor do sol, que lhes cai a prumo em plena vida.

Estas meninas de quinze anos, que eu hoje conheço no Porto, são as filhas das robustas donzelas, que me enchiam de satisfação os olhos na minha mocidade. Que degeneração! Vê-las numa sala, é ver as virgens lagrimosas e lívidas, que se pintam nas criptas dos mosteiros góticos. Que tristeza de olhar, e que dengoso fastio no falar! Quando se reclinam nas almofadas dum sofá, parece que

desmaiam narcotizadas; quando polcam, e se deixam ir arrebatadas nos braços dos parceiros, afigura-se-me que de sua parte não há mais ação nem movimento que o das asas, do ar que lhe agita a orla do vestido, volátil e vaporoso como éter. Que degeneração!

Oh mulheres do Porto, oh virgens saudosas da minha mocidade, oh santas da natureza como Deus as fizera, que é feito de vós, que fizeram de vós os romances, e o vinagre, e a lua, e o pó de telha, e as barbas do colete, e os jejuns, e a ausência completa do boi cozido, que vossas mães antepuseram às mais legítimas e respeitáveis inclinações do coração!?

III

Naquele tempo, as minhas cogitações eram todas dirigidas por cálculos e raciocínios. O meu alvo mais remoto era ser ministro da coroa. Estavam as minhas faculdades regidas pela cabeça. As cabeças de alguns ministros, quando não tivessem outro préstimo, nem provassem outra coisa, muito puderam, convencendo-me da minha aptidão para os cargos superiores da república. Eu conhecia na intimidade uns homens de inteligência espalmada e cabeça escura como o cano duma bota; homens sem ciência nem consciência; rebotalhos da humanidade, arremessados⁹⁰ à margem pela torrente caudal das transformações sociais; espíritos tolhidos de gota, sem saudades, sem crenças, nem aspirações; entulhos de má morte, que atravancavam todo o progresso, e escarneciam com gosmento sorriso as expansões atrevidas da geração nova que a cada passo queria arvorar um marco de adiantamento. Conheci estes homens, e conheci-os ministros da coroa, sopesando debaixo dos pés chumbados à terra, que ameaçava engoli-los, a explosão das ideias, e o peito da mocidade que se afrontava com o possante atleta da rotina.

Comecei a publicar uma série de artigos contra os velhos, e disse mesmo que era necessário matá-los, como na Índia os filhos faziam aos pais inválidos para o trabalho. Estes artigos criaram os meus créditos de estadista, e muitas simpatias. Escrevi o panegírico da geração nova, se bem que a geração nova não tinha feito coisa

nenhuma. Disse que a mocidade estava a rebentar de cometimentos grandiosos em serviço dos interesses materiais do país. Todos os meus artigos falavam em cometimentos grandiosos, e interesses materiais do país.

Neste tempo, fui convidado a alistar-me na maçonaria, e depois de prestar os juramentos terríveis sobre uma bainha de espada, único objeto do ritual que então apareceu, fui proposto para orador da loja, e aí fiz os meus ensaios de eloquência sanguínea, pedindo diferentes cabeças, como quem pede confeitos pela semana santa. Os meus irmãos ouvintes, que tinham todos uns nomes de guerra medonhos, tais como Átila, Gengiskan, e Alarico, tomaram-me tamanho medo, que me foram denunciar à polícia como demagogo, e me exautoraram das funções da palavra.

Assanhado⁹¹ pelos estorvos, que me embargavam o passo, escrevi contra a estupidez da geração nova, que não valia mais que a velha, e chamei os povos às armas. O ministério público deu querela por abuso de liberdade de imprensa contra o jornal, cujo redator principal eu era. O jornal foi condenado, e os assinantes não pagaram no fim do seguinte trimestre.

Empenhei a minha casa para sustentar a gazeta, que três vezes foi condenada na multa e custas. A final, quando me vi exaurido de recursos, e cansado de lutar com a indiferença pública, achei em mim terrível analogia de destino com todos os redentores intempestivos da humanidade, e bebi o meu cálix até às fezes, as quais fezes eram pagar à fábrica do papel as últimas cinquenta resmas, que eu fizera gratuitamente distribuir por esta raça de ingratos portugueses que, de três em três meses, mandavam vender o jornal às tendas.

Compenetrei-me da estolidez das minhas aspirações a desenchargar da lama um povo aviltado, e cego de sua estupidez. Foi uma terrível decepção esta que me deu à cabeça os tratos, que as mulheres de Lisboa me tinham infligido ao coração. Vi que o homem grande, neste país, no mesmo ponto em que hasteia o estandarte da redenção, aí, de força, há de amargar as torturas

do seu Gólgota. Achei-me extemporâneo neste século, e cobri com as mãos o rosto envergonhado, como os mártires da liberdade romana, que velavam com a túnica o rosto, e diziam aos pretorianos: «Matai, escravos!»

Após alguns meses de devorantes cogitações sobre o futuro desta terra, fui à minha aldeia vender uma tapada, e o milho de três colheitas, e tornei para o Porto, elaborando projetos que já não tinham que ver com o bem da sociedade. O egoísmo da cabeça, mil vezes mais odioso que o do coração, esporeava-me a falsificar os mais sagrados sentimentos, mascarando-os de modo que a sociedade me desse a desforra das agonias com que remunerara a minha dedicação, e o custeamento do jornal, um ano e tantos meses.

O meu pensamento era casar-me rico, e fechar os olhos temporariamente ao horizonte onde o desejo via uma pasta de ministro, e onde a realidade me mostrava aquela terrível *coisíssima nenhuma* do Sr. Júlio Gomes da Silva Sanches, admirável em seus dizeres.

PÁGINAS SÉRIAS DA MINHA VIDA

I

Vi no baile do barão de Bouças as três herdeiras mais ricas da sociedade portuense. Das três a mais velha e rica era viúva, e regularmente feia. A mais nova tinha uns longes sedutores: mas, examinada ao pé, era uma cara sem vida, coisa muito parecida com a alvura de leite, encarnada nas maçãs do rosto, como as bonecas d'olhos de vidro, e beiços purpurinos de mala-gueta. A terceira era uma verdadeira mulher, trigueira como as prediletas de Salomão, e gentil e desenvolta como as prediletas de toda a gente.

Consultei a minha cabeça, e a cabeça me disse que reques-tasse a viúva. Senti que o coração punha embargos; mas a veleidade foi de momentos. Caiu-lhe em cima a cabeça com todo o peso da razão; e o pobrezinho, que já me não servia para mais que centro das funções sanguíneas, gemeu, contorceu-se, e amuou.

À roda da viúva giravam os mais graúdos paraltas do Porto, sujeitos que andavam sempre de esporas, e que se frisavam todas as manhãs para irem passar as tardes em casa do seu alfaiate, discutindo as belezas de uma lapela de fraque e a lista mais ou menos enflorada das pantalonas.

Eram estes os terríveis açabarcadores das almas das senhoras do Porto; mas com as almas se contentavam, como convinha a pessoas puramente espirituais.

Pedi que me apresentassem à viúva. O elegante de quem solicitei este favor, antes de me apresentar, disse-me:

— Fala-lhe de mim, a ver o que ela te diz.

— Vê-se que a amas... — atalhei eu.

— Amo deveras; mas não lhe amo a fortuna.

— A *fortuna* é galicismo — interrompi com azedume. — Diz antes os haveres. Morra o homem de paixão, sendo necessário, mas salve-se a língua dos Lucenas, dos Sousas e dos Bernardes.

Este meu amigo incorreto foi depois dizer a outro que eu era tolo. A ignorância é muito atrevida!

Falei com D. Justina Mendes, e para logo adivinhei que⁹² dentro daquele peito não havia senão membranas, tecidos adiposos, e ossos com as respectivas cartilagens. Fez-me doer a cabeça com três palermas respostas que me deu. Perguntando-lhe eu se tinha saudades do seu tempo de casada, respondeu-me:

— O boi solto lambe-se todo.

Devia dizer vaca, se gostava do anexam.

Perguntei-lhe se amava os bailes. Resposta:

— Bons bailes é cada um em sua casa.

A terceira pergunta:

— Que juízo faz vossa excelência do cavalheiro a quem eu devo o favor de lhe ser apresentado?

— Não é feio; mas eu não gosto — respondeu.

— Então de quem gosta, minha senhora?

— De ninguém: tomara eu que me deixem.

— Vossa excelência há de necessariamente gostar de caldo de repolho com feijão branco — repliquei.

Esta facécia de mau gosto foi ouvida, repetida, e lançada à circulação por duas senhoras, que nos ouviam atentas.

D. Justina envesgou-me os olhos, e murmurou:

— Não acho graça nenhuma ao seu atrevimento — e voltando a cara, sentou-se de esguelha.

Tornando ao apresentante, disse-lhe que a viúva o achava bonito.

Pedi que me apresentassem à mulher trigueira, e logo me disseram que não gastasse o meu tempo com um coração rendido aos encantos de Josino.

Este Josino, esta criatura que eu cantei em oitava rima, era um homem de *biscuit*, engelhado de refegos na cara como a frontaria da Batalha, velho dengoso, que tinha amado as mães solteiras das meninas casadoiras que requestava. Mas que terrível homem!... Era amado, e casou com ela.

NOTA

Diz Silvestre que cantara Josino em oitava rima. O leitor decerto me agradece a reprodução do poema, que passou depressentido e sem assinatura num jornal literário daquele tempo. Foi ele escrito na véspera do matrimónio de Josino com a formosa trigueirinha. Não louvo semelhante desafoço⁹³ de despeito, nem encareço o quilate da poesia. Reza assim a coisa, depois de ter resumido em estiradas oitavas o epítome da sua vida, e a resolução de se casar:

«.....
 Josino, amigo meu, velho incontrito,
 Há trinta anos conheço em cata duma,
 Que tenha coração, e algum saquito
 Daquilo com que a vida mais se arruma.
 É velho o meu Josino; mas bonito,
 E bem conservadinho; inda se apruma,
 Quando vê na janela da vizinha
 A travessa criada da cozinha.

«Nos bailes, faz-me inveja o seu meneio,
 E os trejeitos, que faz co'à perna fina,

E o garbo, que lhe empresta o bom recheio
 Do túmido algodão com que fascina.
 Do cume de gravata⁹⁴, em doce enleio,
 Contempla as graças da gentil menina,
 Já neta duma avó, que foi deveras
 Namoro de Josino em priscas eras.

«Já tem um pouco os olhos desvidrados;
 Porém, não sei que graça tem, se os pisca.
 Eu, se fosse mulher... ai! meus pecados!
 Caía neste anzol de antiga isca.
 Há homens tão fatais e endiabrados,
 Que mal sabe a mulher ao que se arrisca,
 Se palestra lhes dá! Ai! pobrezinha!
 É a história do sapo e da doninha!

«Mas que importa o poder que tens no peito
 Das cândidas donzelas, velho audaz!
 Tu consegues fazer com manha e jeito
 O que a natureza pérfida desfaz.
 Já consta por aí que tu és feito
 De pródigo algodão, múmia falaz!
 Suspeita-se também ser de algodão
 A coisa a que tu chamas coração.

«Josino, ainda assim, jamais fraqueia;
 Ousa dar-se o valor duma antigalha,
 Camafeu de *Herculanum* ou de Pompeia,
 Que no mundo não tem mulher que o valha.
 Isto diz muita vez, à boca cheia,
 À criada Jacinta, quando ralha,
 Porque a pobre, mulher de sã lisura,
 Se ri, quando ele encaixa a dentadura.

«Josino tem caleche e tem cavalo,
Que aos triunfos d'amor lhe presta ajuda.
Quando silva da pita o agudo estalo
Donzelinha não há que não sacuda
A ceroula do pai, para espreitá-lo,
Tingida do pudor, que o gesto muda;
Enquanto ele lhe mostra o dente amante,
Que outrora adorno foi dum elefante.

«Nestes meses de inverno, o reumatismo
Costuma apoquentá-lo; e ele afeta
Que está numa sação de ceticismo,
E rebate do amor a doce seta.
Diz que o seu coração é fundo abismo,
Onde entesoura imagem predileta
De mulher que há de vir; e, à vista disto,
Presume-se que vem cò anticristo.

«Mas, apenas repinta a primavera
Espargindo matiz de lindas flores,
Josino sai da cama, onde gemera,
E remoça nutrindo outros amores.
Ludfbrio miserando da quimera,
Que o mangara no leito d'agras dores,
Ei-lo, de novo, em coração repouisa
De menina, que pese alguma coisa.

«Não cuida que perdeu do seu quilate
Enquanto pode as rugas rebocar.
Diz sempre que lá dentro inda lhe bate
O quer que seja, que precisa amar.
Assim, como quem diz um disparate,
Pergunta se será néscio em casar:

Conta os logros, que fez, nunca sabidos,
E teme a providência⁹⁵ dos maridos.

«Sem embargo, porém, deste palpite
Josino vai pedir a mão de esposa
A formosa menina, das do *elite*,
Que a detração abocanhar não ousa.
Assente o pai ao digno convite,
Que é pássaro bisnau, velha raposa,
E vira um vulto de homem presumível
Sair do quarto dela (ó vista horrível!)*

«Josino, alfim, casou, e partiu logo
(Ah! que não sei de nojo como o conte!)
Todo ânsia, paixão, ardor, e fogo,
Com ela para o Bom Jesus do Monte.
Ai! que lua-de-mel, que desafogo
De candente paixão ao pé da fonte,
Que trépida repete em mago anelo
As falas que murmura o *Esganarelo*.†

«*Esganarelo*... sim!... (Se saber quer
Alguém, que o não conhece, aquele herói,
Procure-o, que há de achá-lo em Molière,
Ou lá na vizinhança.) O caso foi
Que, extinta a lua incasta do prazer,
A esposa diz que já n'alma lhe dói

* Estamos autorizados a declarar que este verso, sobre ser mau, é calunioso. No manuscrito do autor, leio à margem desta oitava as seguintes palavras: *Menti por amor da rima: as mentiras em prosa é que não são perdoáveis, salvo quando é preciso arredondar o período, se a verdade se não presta.*

† Outra calúnia por amor da rima.

Saudades do teatro italiano,
E do primo doutor... grande magano*
.....»

* A existência deste primo bacharel é que não é ficção; se o fosse, acudiria eu logo pela honestidade da família, cuja honra tenho em mais veneração que as aleivosias dum verso hendecassilabo. Este primo era pessoa de costumes derrancados, e poeta, sem a delicadeza que pelo ordinário é inerente e congenial da verdadeira poesia. Daí vinha mofar ele da dentadura do marido de sua prima, e jogar a pela com as almofadinhas de algodão, se Josino, extremamente fiado em si, o deixava a sós com ela. Ora, posto que a desgostosa senhora andasse mui duvidosa de suas forças, e muito se temesse de fraquear em luta com as tentações, o primo conseguiu tornar-se-lhe odioso, porque nenhuma mulher perdoa à irrisão com que os ineptos pensam aviltar o marido aos olhos dela. Foi isto que a salvou. Salva ainda a vaidade, quando a dignidade falece! Muito é que o amor-próprio pondere mais no ânimo da mulher, que o temor da difamação! Admirável em sua sabedoria foi a providência que dotou a mulher de índoles contraditórias, que nós chamamos defeitos, em razão de nos deixarmos induzir pelos mil absurdos em que se firma o chamado senso-público.

Acabo de demonstrar que é difícil, se não impossível, armar romance com as meninas do Porto. Pode ser que este aranzel de coisas nunca faça gemer os prelos do meu país; porém, quem me diz a mim que eu não tenha o póstumo regalo de ser impresso e lido? Nesta hipótese, com que a minha vaidade se incha, quisera eu vestir a nudez dos meus contos, enfeitá-los com as joias do estilo, que dão realce aos assuntos frívolos, e recompor mais literariamente com embelecões de imaginação as securas da verdade, dura de engolir neste tempo, se o engenho não a arrebrica de pechisbeques, e desvarios da natureza.

A viúva, bem aproveitada, podia dar alguns capítulos. Tolice tinha ela demais para saciar o espírito público, sempre faminto de ver em letra redonda as tolices próprias às costas alheias. Se eu tivesse sido mais moderado na minha linguagem, a criatura dava um livro; mas a minha razão, inconciliável com as parvoçadas da milionária, saiu com aquela pergunta do caldo de repolho, mais para castigar os seus admiradores que para chasquear a tola. Bem pode ser que esta senhora, se fosse pobre, tivesse o siso comum, que o dinheiro produz milagres de variados feitios: a certas pessoas pule-as, espiritualiza-as, dá-lhes estilo sentencioso, e inspiração para falarem de tudo com público aplauso; a outras pessoas despoetiza-as, materializa-as, e embrutece-as. Conheço exemplos de tudo, e o leitor também.

A viúva, segundo me consta, antes de casar, era uma menina como são todas as meninas. Tinha os seus namoros a quem respondia com bonita letra, e pensamentos, se não engenhosos, pudibundos. Casou com um riquíssimo velho por escolha de seus pais e condescendência sua. Fez as delícias do esposo, e as próprias, comendo e dormindo para ter sempre as faculdades do coração em torpor. Enviuvou ao sétimo ano de casada, quando de sua primeira natureza já não tinha vislumbres. Soube então que era riquíssima, e requerida pelos homens notáveis da terra, e continuou a comer e a dormir. Porém, como os pés lhe inchassem por falta de exercício, e os médicos a mandassem passear e agitar-se, a viúva apareceu de repente nos passeios, nos bailes, e nos teatros, onde adormecia do segundo ato em diante. Dispararam-lhe à queima-roupa as mais incendiárias declarações, e ela ouviu-as a dormir, enquanto a não incomodaram. Depois, como a pusessem em cerco, e não a deixassem tomar fôlego, a mulher despegou em despropósitos e rusticarias, que a tornaram mais amável aos concorrentes. Aqui está o que era a viúva.

Assestei o fito à terceira, à menina que tinha aspeto de serafim de tribuna de igreja. Disseram-me logo que o Dr. Anselmo Sanches a requestava traiçoeiramente. Ora, o Dr. Anselmo Sanches era um *homem honesto*.

Convém saber que em toda a parte do mundo sublunar a *honestidade* é sinónimo de «decoro, compostura, pejo e decência». No Porto, a palavra *honestidade* soa como *hipocrisia velhaca*.

O homem honesto dali é o que logra embair a opinião pública; recatar a impudência com o exterior sisudo da catadura; acentuar a expressão no tom sentencioso do preceito; contar com a mobilidade do globo visual para o revirar ao céu, quando o ânimo afeta confrangir-se com a notícia dum escândalo; franzir os beiços e avincar a testa, se é forçoso chancelar com voto cominativo a pena de alguma imoralidade a retalho.

Conheci alguns *homens honestos* no Porto. Custou-me muito. Venci, para vê-los ao pé, estorvos desanimadores. Fez-se mister iniciar-me nos arcanos da desonestidade para entrar no segredo de

certas existências que, dantes, me pareciam bem fadadas da virtude, ou dotadas de compleição refratária ao vício. Quando me avistei com eles na mesma zona, senti-me corrompido, escorria-me do coração o pus tábido das chagas; dei como impossível o regenerar-me diante do meu próprio senso íntimo; estava ou devia estar perdido, porque julguei necessária à vida a hipocrisia cínica.

É que, sem ter descido as escaleiras todas da protérvia e do opróbrio, não se devassa o latíbulo em que se encovam os *homens honestos*.

A corrupção periódica das almas, empestadas pelo exemplo, ou impelidas pelo instinto, não tem que ver com a corrupção por grosso, que o acaso ou o ardil vos depara no secreto viver dessa cabilda de beduínos, salteadores da honra alheia, e nojentíssimos farsistas da sua.*

O mundo é péssimo; há, porém, providência nesta péssima organização.

A hora certa, d'entre as flores da vida, cultivadas por mão ilesta de espinhos, salta a víbora, que a morde.

Não há felicidade completa para a verdadeira honra: menos a haverá para a falsa.

A virtude, conquanto escudada por si própria, é vulnerável, porque se dói aos golpes da injustiça.

Ora, a hipocrisia, estribada na manha e na fraudulência, há de, em desaire da justiça de Deus, rebater os tiros da indignação? É impossível. Embora o látego não fira uma fibra sensível nas espáduas do fariseu abroquelado pela impostura; embora a sátira

* Aqui está uma amostra das desordenadas imprecações de Silvestre contra a sociedade. Escreveu-as provavelmente durante a passagem da cabeça ao estômago. A trovoadas tais de estilo é que andavam sacrificados todos os jornais em que ele escrevia. Era impossível que o assinante, no fim do trimestre, não recebesse o cobrador do jornal como a última palavra do insulto. Por minha vontade, podava muito destas páginas; mas, sobre ser deslealdade à memória do autor, seria supor que os homens sinceramente honestos do Porto se ofendem da sátira que verbera os velhacos. O que eu quisera concertar é o desmancho de ideias deste capítulo; não posso, nem sei o que ele pensava, nem porque estava assim assanhado contra a sociedade portuense. Devia de ser escrita esta objurgatória no fim de algum trimestre, quando o proprietário do jornal lhe intimou silêncio.

recue espavorida dessas almas impermeáveis à vergonha, é preciso que se escreva um livro, ou se delineiem os traços desse livro, o único, o urgente, o possível, o capitalíssimo para o Porto.

Cansei-me de ouvir dizer que a segunda cidade de Portugal é um enxame de moedeiros falsos, de contrabandistas, de mercadores de negros, de exportadores de escravos, e de magistrados de alquilaria. Venalidade, crueza, e latrocínio são os três eixos capitais sobre que roda, no entender da crítica mordente, o maquinismo social de cem mil almas.

A minha análise aprofunda mais o espírito vital do Porto.

Ali, o viver íntimo tem faces desconhecidas ao olho da polícia, e da economia social. Conhecem-se as librés dos chatins de negros; discrimina-se pelo brasão o fabricante de notas falsas, do outro seu colega heráldico, opulentado em roubos ao fisco; ignora-se, todavia, o mais observável e ponderoso da biografia desses vultos, que a fortuna estúpida colocou à frente dos destinos e da civilização do Porto.

Ó cidade dos livres, que é da liberdade dos teus escritores?

Se aí há homem d'alma, que sacode os sapatos na testeira da riqueza bruta, que testemunho nos dá da sua independência?

O jornalismo do Porto está acorrentado às ucharias dos ricos. O jornalista por via de regra é um pobre homem, que vive do estipêndio cobrado com franciscana humildade à porta do assinante. Para os festins do fidalgo de raça era chamado o versista⁹⁶ com as consoantes prévias do soneto na algibeira, onde não havia outra coisa. Nos tumultuosos jantares do fidalgo de indústria, há talher para o gazeteiro, que já deixou na estante dos caixotins a local sumarenta, inspirada pelo antegosto das viandas, que lhe arrastam na torrente a alma para o estômago.

NOTA⁹⁷

Perdoe-me a memória de Silvestre. A calúnia, conquanto escrita⁹⁸ em palavras cultas e penteadas, é sempre calúnia. Elegâncias da linguagem, por mais

que valham na retórica, valem nada para o desconceito de quem injustamente difamam. O jornalismo do Porto teve e tem admiráveis e valentes mantenedores da honra contra classes poderosas pela infâmia nobilitada. À conta de muitos poderia escrever-se o que o finado Silvestre disse de um, nestes termos, que trasladamos dos seus manuscritos:

«Havia aí uma forte alma e audaciosa inteligência, que levou a mão à máscara de alguns para lhes estampar o ferrete na testa.

«O jornal brioso, que a tanto ousara, expirou à língua de subscritores, porque os afrontados por ele iam, de porta em porta, mandar uns, e pedir a outros que retirassem as moedas de cobre à receita do escritor, que as não queria para si.

«O heroico moço, rodeado de inimigos, e até ameaçado na vida, cruzou os braços descorçoado, e disse: É impossível! cuidei que teria por mim os incorruptos; mas a peste não respeitou consciência alguma.

«Num país em que o governo atalaiasse os interesses do estado, e o renome honrado da cidade, aquele jornal seria sustentado a expensas do tesouro; aquele jornalista seria acrescentado em bens e honras; aqueles réprobos, indigitados pelo órgão da voz pública — que é sempre a voz dos fracos e dos inermes —, seriam por seu mesmo decoro e dos poderes que os nobilitaram obrigados a refutarem a detração, ou a despirem nas praças os arminhos, com que escondem o pescoço à corda de esparto.

«Doces e nobres quimeras!

«O jornalista austero será sempre um ente malsinado e odioso para todos os governos. Hão de expulsá-lo sempre do sacrário poluto das mercês, onde reina o ladrão laureado, que tem o segredo de abater ministros erguidos, e exaltar ministros despenhados.»

E acrescenta Silvestre da Silva:

«Que outro homem há aí que se aventure a entrar na trilha daquele, que esmoreceu, afinal, diante das *conveniências sociais*? Serei eu...»

Fez bem! Partiu o braço, querendo parar o movimento da roda. Desbaratou a melhor parte do seu património em publicações panfletárias, que não rasgaram sulco algum para as searas do futuro progresso da humanidade. Criou⁹⁹ inimigos, que nem sequer lhe tinham lido as diatribes, nem lhe podiam perdoar pelas graças do estilo — inimigos, que não sabiam ler, os piores de quantos há. É o que ele fez!

Tornando ao Dr. Anselmo Sanches.

Dois meses depois que fui ao baile, planeando casar-me com uma das três representantes de ações bancárias no valor de trezentos contos para cima, vi uma senhora, que devia ter sido formosa, encostada ao braço de seu marido.

Trinta e quatro anos teria ou menos; mas os precoces vincos da velhice denunciavam quarenta anos ou mais. Lá estava o fulgor dos olhos para desmentir a denúncia das rugas, fulgor embaciado de lágrimas, mas ainda vívido como clarão crepuscular quando uma barra de púrpura e ouro tinge a orla do céu. De feito, era aquela uma vida em crepúsculo da tarde; já tudo para além túmulo era escuridade e pavor para a triste senhora.

Chamava-se Rita, e era brasileira, pura carioca, linda como todas as cariocas que não têm mais de dezoito anos.

Francisco José de Sousa, marido dela, era um português que enriquecera no Brasil. Tinham viajado longo tempo; e, como Francisco José de Sousa tivesse ido do Minho, e as saudades da pátria o não deixassem nunca, escolhera¹⁰⁰ o Porto para residência.

O fino trato, aliado à opulência, estimulou invejas, caprichos, competências, e ódios mesmo na sociedade portuense. De todas estas más paixões surtiu um bom resultado: aumentou o número dos bailes, entraram em emulação as equipagens, enriqueceram as modistas, acudiram os jornalistas a fazer ata, qual delas mais

encomiástica, dos bailes profusos e luxuosos; o Porto, enfim, poliu-se mais em dois anos que nos nove séculos de vida que a mitologia, vulgarmente chamada história portuguesa, lhe dá.

Estava designada a noite dum baile em casa de Rita Emília, quando os convidados recebemos aviso da súbita doença de Francisco José de Sousa.

Correram amigos e indiferentes a visitar o enfermo. Fui entre os segundos: achei-o prostrado, e taciturno; e não vi a esposa ao pé do leito, nem na antecâmara. Perguntavam por ela as pessoas mais familiares; mas a brasileira não recebia sequer as amigas íntimas.

Grande mistério, grande burburinho, a curiosidade em ânsias, a maledicência espionando, a calúnia imaginosa a segredar por praças, e salas, e botequins desaforadas conjeturas. Andou, pois, a difamação explicando às cegas, por vários modos, a enfermidade moral de Francisco de Sousa, e a misteriosa ausência de D. Rita.

Quinze dias depois, fecharam-se as portas¹⁰¹ e janelas da casa do brasileiro, e os criados, quasi todos despedidos, disseram que os amos tinham ido viajar.

Aqui é que a curiosidade ia dando um estouro. Houve aí bisbilhoteria¹⁰² ilustre, que se encanzinou de raiva por não poder esquadrinhar o segredo desta saída, a qual, de força, devia ter um escândalo por causa, escândalo que a hipocrisia pudera abafar arditosamente.

Havia nesta casa uma menina de dezesseis anos, órfã, muito rica, pupila do brasileiro, e filha doutro, que morrera no Brasil, quando andava em liquidação.

Mariana acompanhara-os¹⁰³ na misteriosa saída do Porto: soube-se, porém, que, ao passarem em Braga, a órfã entrara nas Ursulinas, mosteiro de educação.

Esta menina era a terceira mulher rica do baile.

Sabido isto, respirou um pouco a maledicência. Já os arpêus da hipótese achavam duro onde morder. Acordaram, portanto, em conciliábulo, algumas famílias honestas que Mariana fora encontrada

em flagrante desprezo do seu pudor, e, por isso, inclausurada no mosteiro bracarense.

Toda a gente se ia ter com o Dr. Anselmo Sanches para evidenciar a conjectura.

Era o doutor amigo íntimo da família, pertencia ao conselho tutelar da órfã, curava dos negócios litigiosos do brasileiro, e podia muito na casa dominando a vontade do dono, que se fiava dele, mais seguro que em si próprio. Trinta e oito anos teria Anselmo. Em conta o haviam de homem exemplar em todas as qualidades boas, exceto na jurisprudência em que era ignorante mais que o ordinário. Isso, porém, não lhe danificava o bom nome. Os seus muitos apologistas, se duvidavam dar-lhe procuração para os representar no foro, sobejamente o indemnizavam, confiando-lhes mulheres, filhas, e — o que mais é no Porto — o dinheiro.

Tinha o Dr. Sanches uma cara mais que feliz para se fazer benquista. Nunca fechava a boca. O queixo inferior, pendido sempre, servia-o às maravilhas, quando parecia escutar com dor os escândalos, que os oradores encartados da *Assembleia Portuense** expectavam

* Ao tempo que Silvestre da Silva escrevia esta impertinência contra a *Assembleia Portuense*, tinha esta sociedade uma sala privativa de alguns indivíduos, que se divertiam, contando passagens da vida alheia, em linguagem acomodada aos assuntos. Os sócios desta congregação, chamada *Palheiro*, eram pessoas respeitáveis, maiores de cinquenta anos, qualificadas na jerarquia eclesiástica, no comércio nobilitado, e na magistratura, sendo o principal elemento do *Palheiro* negociantes aposentados, vindos do Brasil. A razão de chamar-se *Palheiro* àquela reunião, não a sei. Conjeturalmente diziam alguns etimologistas que *palheiro* derivava de *palha*, querendo concluir que o pensamento de quem dera o nome à coisa fora significar o alimento natural dos sócios reunidos naquele ponto do edifício. Acho muito violenta e sobremaneira desatenciosa a hipótese. Os cavalheiros, ofendidos

do peito sujo, onde a asma senil desafogava pela detração injuriosa. Se a vítima era senhora casada, o doutor abanava um pouco a cabeça, punha os olhos no teto, e dizia: *Vão-se os costumes...* Se o escândalo recitava as gargalhadas gosmentas do auditório, Anselmo sorria por complacência, e murmurava: — *É remarcável o deboche em que está o grande mundo!* — (O celerado conspurcava a língua pátria!) Não consentia ele que se erguesse voz a desculpar imoralidades, se raro sucedia algum confrade, por sestro de contradição, indulgenciar fraquezas ordinárias, em verdura de anos, ou obrigadas por circunstâncias especiais.

Era para ver como o inexorável Sanches se enfuriava em investidas¹⁰⁴ contra Pedro que passava diariamente duas vezes em tal rua, para inquietar a moça incauta! Chegava a chorar no apuro do sentimental, que prodigamente consumia, descrevendo os funestos resultados da sedução. Menos perdoaria a Martinho que, impudico e sacrílego, ousava ir aos domingos, à missa do meio-dia aos Congregados ou Clérigos para ver pelas costas a mulher do seu vizinho Januário, depois de ter sujado a fama da mulher do seu

com tal interpretação, eram pessoas que tinham boas lembranças, propósitos salgados, e instrução variada para enfeitar as desgraciosidades da maledicência. Estas qualidades intelectivas não se nutrem com palha, penso eu.

Conquanto não fosse extremamente agradável ouvir um sexagenário a discorrer em termos líbricos acerca das suas libertinagens de rapaz, eu tenho mais que muito para mim que o sal ático dos eufemismos havia de encobrir a impudicícia da ideia.

O que havia de menos louvável nas sessões daqueles cavalheiros era a obrigação que reciprocamente se impunham de esmiuçarem os promenores das desonras meio veladas para os contarem de modo que a difamação pudesse dali sair a desenrolar o sudário das chagas sociais à luz do sol. Quando os relatores não tinham que expender, era permitida a calúnia para gastar o tempo: quer-me parecer que este artigo dos estatutos do *Palheiro* não merece louvores. Homens a escorregarem à sepultura, uns entrajados com as severas vestes da religião de Cristo, outros com o peito honrado por cruzeiros e crachás, outros com numerosa posteridade de filhos e netos, não davam de si boa prova indo para ali afiar a linguagem do impudor, decretar a publicidade de desgrças, que não precisavam da infâmia pública para o serem, e inventar escândalos para aligeirar os tédios da noite.

O que tinham de mais humanos aqueles sujeitos era comerem muito biscoito de Valongo, e forragearem nos tabuleiros às mãos-cheias para levarem à família. Isto, que não parece bonito, era a coisa de mais sainete e folia que os velhinhos faziam na assembleia.

O tempo foi matando uns, e espalhando os outros, de modo que o *Palheiro*, à falta de concorrentes dignos, ficou devoluto, à espera que a geração nova passe da torpeza militante para as pacíficas recordações de suas façanhas.

vizinho Timóteo! E, em seguida, punha em miúdos a história do descrédito daquelas senhoras, casadas com os seus amigos, e havia risadas à conta dos maridos, e ficavam todos sabendo o que até então ignoravam. Momentos depois, se lhe pediam novidades, o doutor respondia que não só se abstinha de indagar a vida alheia, mas até quisera, se pudesse, cerrar ouvidos às histórias torpes que todos os dias germinavam da corrupção do corpo social.

Francisco José de Sousa prezava no doutor o que muitos chamavam sobejidão de escrúpulos. Parecia-lhe, a ele brasileiro, vilã e torpe a incessante detração em que entretinham os saraus algumas dezenas de velhos, de cuja língua a palavra licenciosa dos bordéis saía mais nojenta do que é em si. Anselmo, para não cair no desagrado do seu amo, dizia que o mal não era a sátira; mas sim o estragamento dos costumes que a autorizava. Escusando os velhos, acrescentava que as cãs eram um pouco intolerantes; porém, inofensivas.

Simpatize o leitor com o Dr. Anselmo, para que se não diga que a virtude é mal vista como a verdade nua.

No espaço de três meses, a contar da violenta introdução de Mariana nas Ursulinas de Braga, saiu a lume o tenebroso mistério; mas sem estrondo, porque andava muita gente apostada a encobrir Anselmo Sanches para não ter de proclamar a infâmia do apostólico varão, que tinham santificado.

Eu hei de abreviar em poucas páginas o que sei. Não me posso ver muito tempo encharcado nesta lama, onde me atirou um dos empurrões da sorte. Lama por toda a parte onde me impeliu o coração e a cabeça! Toda a gente se goza dalgumas paragens risonhas; a todo o peregrino da vida é dado assomar de barrancos resvaladiços às chãs pitorescas, e descansar, e esforçar-se aí para se afrontar de novo com as fadigas da jornada. Eu, de mim, não tive o que têm todos. Onde quer que parei, resvalei num atascadeiro. Quando os acicates do amor me arremessavam às aventuras do coração, ia-me esbarrar com tolas ou devassas, ou desgraçadas tais como Marcolina. Se era a razão que me induzia com os seus cálculos egoístas a tomar o meu quinhão daquilo que o vulgo chama senso comum, já sabem que consequências eu vou tirando das minhas racionais primícias. Vi três mulheres à luz serena do raciocínio. Saiu-me parva a primeira, a ponto de me obrigar, sendo eu em extremo delicado, a perguntar-lhe se gostava de caldo de repolho. A segunda para me humilhar e abater o orgulho deu-me em Josino um rival preferido. Esta

terceira, a Mariana dos olhos doces, e jeitos de inocência lorpa, vão agora saber no que deu.

Grandes considerações!

Entendem cordatos fisiologistas que o amor, em certos casos, é uma depravação do nervo ótico. A imagem objetiva, que fere o órgão visual no estado patológico, adquire atributos fictícios. A alma recebe a impressão quimérica tal como o sensorio lha transmite, e com ela se identifica a ponto de revesti-la de qualidades e excelências que a mais esmerada natureza denega às suas criaturas diletas. Os *certos casos* em que acima se modifica a generalidade da definação vêm a ser aqueles em que o bom senso não pode atinar com o porquê dalgumas simpatias esquisitas, extravagantes, e estúpidas, que nos enchem de espanto, quando nos não fazem estoirar de inveja.

E tanto mais se prova a referida depravação do nervo que preside às funções da vista, quanto a alma da pessoa enferma, vítima de sua ilusão, nos parece propensa ao belo, talhada para o sublime, e opulentada de dons e méritos, que o mais digno homem requestaria com orgulho.

Se me desarmam deste convencimento, cimentado em doze anos de experiência e observações, não sei como hei de explicar o amor de D. Rita Emília ao Dr. Anselmo Sanches.

Defendo-a desta vergonha como defenderia o réu dum crime extremamente execrável. A alucinação, a doença dos nervos, a demência, enfim, explicam o crime, e deviam no máximo das vezes

absolver a mãe que mata seu filho, o filho que mata seu pai, e a mulher que se dá em alma e corpo aos Anselmos Sanches.

Posto isto, dispensam a história das repugnantes conjeturas, que então fiz, sobre o inarrável¹⁰⁵ mistério dos amores de Rita e Anselmo. Indulte-se a infeliz em nome da depravação do nervo ótico, em nome da física e da patologia, em nome da caridade evangélica, em nome de tudo que move à lástima, à piedade, e ao perdão.

Rita amava Sanches: aceitem o facto consumado. Ora, Francisco José de Sousa, ileso da enfermidade visual de sua mulher, via o doutor, qual a natureza o fabricara, feio, canhestro, mazorrall, abrutado, refratário aos dardos do deus de Gnido. Embalde se cansaria a malquerença insinuando ao brasileiro com cartas anónimas — expediente em voga, e creio mesmo que inventado no Porto — a suspeita de que sua mulher encarava no doutor com olhos menos ajuizados que os dele marido.

E a suspeita era já de si tão absurda que não houve no Porto alma de sobra danada que denegrise, até rebentar o escândalo, a virtude conjugal de Rita.

D. Margarida Carvalhosa disse-me um dia:*

— Vou contar-lhe uma enjoativa novidade, Sr. Silvestre. Prepare-se para rebater um ataque de inveja.

— De inveja, minha querida senhora? Vai vossa excelência dizer-me que mimoseou o mais feliz dos mortais com o seu coração?... Invejo, realmente invejo...

— Cale-se. Não se trata de mim: é um escândalo.

— Ah!... dissesse-me vossa excelência logo que era um escândalo: ser-me-ia impossível associar o nome de vossa excelência a um escândalo. Trata-se de Guilherme do Amaral? do barão de Bouças? de Cecília? de João José Dias?

* Esta D. Margarida e outros personagens mencionados em seguida pode o leitor conhecê-los em diferentes romances do editor.

— Não, senhor. Trata-se daquela Rita brasileira de quem o Sr. Silvestre disse que andavam enamorados os anjos.

— E os demónios, minha senhora! Diga, diga, que eu interessome em aspirar todos os aromas que rescendem das essências angélicas.

Margarida Carvalhosa descompôs-se a rir, e continuou:

— Pois o aroma da tal essência angélica está sendo um aroma d'arruda, meu caro poeta.

— Arruda, minha senhora?! Queira explicar-se.

— Rita deixou de ser a cara-metade de seu marido, e passou inteira para o Dr. Anselmo Sanches.

— Calúnia torpe! — exclamei com sincero espanto.

Margarida Carvalhosa tange a campainha, sorrindo com irônica piedade da minha boa-fé.

— Venha cá, Josefa — disse ela à criada que entrava. — Repare se a mamã está por aqui perto...

A criada disse que a Sr.^a Baronesa estava no jardim.

— Conte — prosseguiu Margarida — diante deste senhor, sem acanhamento nem receio, o que me contou a respeito da brasileira.

E, voltando-se para mim, ajuntou:

— Esta criada saiu de casa, quando os brasileiros saíram para Braga. Escute-a.

A criada hesitava; mas, animada pela ama, disse com visível repugnância:

— A brasileira... Então que quer vossa excelência que eu conte?

— Como se chamava o amante da sua ama? — disse Margarida.

— Era o Sr. Dr. Anselmo.

— Como soube você que ela amava o Dr. Anselmo?

— Como soube? soube-o porque eu era a criada do quarto da senhora.

— Aquilo é muito significativo, Sr. Silvestre — disse sorrindo com gentil malícia a filha do barão e acrescentou voltada para a moça: — E como tem você a certeza?

— Ora essa! a senhora não sabe?! Eu sabia tudo. De mim só se escondia ele. Até ela, quando o doutor começava a querer seduzir a pupila do Sr. Sousa, chorava muito e desabafava só comigo.

— Conte lá essa história da sedução da pupila. Como era isso? — disse eu.

— O Sr. Dr. sabia que a Sr.^a D. Marianazinha era rica, e disse à Sr.^a D. Rita que o melhor modo de continuarem a viver de perto sem que o mundo botasse fel, era ele fazer com que o marido consentisse no casamento dele com a menina.¹⁰⁶ Depois, a minha ama deu-lhe um desmaio, e esteve às portas da morte. Quando melhorou, abraçou-se à menina, e perguntou-lhe se o doutor já lhe tinha dito alguma palavra a respeito de casar com ela. A menina pegou a chorar, e não disse uma nem duas. Isto mais apoquentava a minha ama, e desesperava-se que metia medo. Tanto fez que a menina confessou que o doutor a perseguira quatro meses todas as vezes que a senhora não estivesse ao pé, e que vindo uma vez com ela de Guimarães, onde a menina tinha ido visitar umas parentas...

A criada, neste ponto, levou o avental ao rosto para encobrir que não corava; e no entanto, Margarida, relanceando os olhos dela para mim, e de mim para ela, com um brilho de alegria só compreensível às mulheres despenhadas, que folgam a cada vítima abismada com elas, disse com império:

— Acabe a história, Josefa.

— A história está acabada, Sr.^a D. Margarida — disse eu.

— Faltam os comentários, que tanta gente faz por sua conta. Esta D. Rita, Sr. Silvestre, quando me estendia a mão e os lábios numa sala, fazia-o com um ar de soberania, que me incomodava. Ouvi-lhe muitas vezes, falando de Cecília, dizer com virtuosas caretas: «Vergonha das mulheres!» Rejeitou convites para casa de certas senhoras que não aspiravam a santas. A mim me disse com pedantesco ar maternal: «Menina, as exterioridades, por muito francas e inocentes que sejam, bastam para condenar. Coíba-se de todas as ações que possam dar pasto à maledicência. Olhe que a

honestidade não está somente no coração: um olhar e uma palavra irrefletida bastam a depor contra as mais sisudas intenções.»

E continuou com rancorosa satisfação:

— De Mariana só lhe direi que ainda há quinze dias a vi com o seu ar virginal voltar-se à brasileira, que estava ao pé de mim na missa dos Clérigos, e murmurar a meu respeito palavras que eu não pude compreender. Esta criada, que estava ao pé delas, ouviu-as: «Aquela Margarida Carvalhosa tem modos tão desenvolvidos, e impróprios¹⁰⁷ de menina solteira!» Ora isto dito por quem oito dias antes, vindo de Guimarães, aceitara uma catástrofe tão imprópria de menina solteira, não me parece crítica muito frisante aos meus costumes. (Eu ri-me por dentro, quando ela disse *meus costumes...*)

— Enquanto ao Dr. Anselmo Sanches — continuou D. Margarida, cortando as palavras com frouxos de riso — esse deixo eu à perspicácia do Sr. Silvestre avaliá-lo... Retire-se, Josefa, que vem aí a mamã.¹⁰⁸

VII

A polícia correcional

Escrevi um artigo contra Anselmo Sanches, cuidando que assim vingava o género humano. Saiu o artigo na secção dos *comunicados*: o proprietário do jornal declinou a responsabilidade moral e legal da ofensa ao doutor. Rompeu-me assim das entranhas o ódio que as queimava:

«*Sr. redator*. Há casos em que o silêncio é um crime! À vista de infâmias que sobre-excedem e trasbordam a paciência humana, não há aí peito de ferro que se contenha!

‘..... *Nam quis iniquæ
Tam patiens urbis, tam ferreus, ut teneat se...?*’

«Aqui é o caso de dizer como o cantor de Camões:

‘Ergo-me a delatar tamanho crime
E eterna a voz me gelará nos lábios.’

«Vinde a mim, hipócritas!

«Vinde ao sevo do escândalo, celerados que andais nas encruzilhadas assalteando a honra dos infelizes descautelosos!

«Aqui tendes charco para vos rebalsardes, cerdos!

«Aqui está um dos vossos, que apunhalou a alma dum marido, crucificou uma esposa ao madeiro de eterno opróbrio, e sovou aos pés uma coroa virginal.»

Isto era o exórdio, que os meus inimigos chamaram *farfalhada*. Seguia-se depois a exposição chã da protéria de Anselmo Sanches, arranjada em três capítulos, cada um com uma epígrafe. A primeira era: *Quosque tandem, Catilina?*... Achou toda a gente literata muita novidade nesta passagem de Cícero a propósito de Anselmo.¹⁰⁹ A segunda epígrafe era: *Proh pudor, proh dolor!* — também nova. O terceiro capítulo rompia com o *Me, me adsum qui feci, in me convertite ferrum*. O todo era broslado de passagens latinas que tornavam o meu artigo um parto de indignação, e outro parto de sapiência.

Guardava eu as justas conveniências em embuçar os nomes das duas mulheres, que figuravam no quadro infesto à dignidade humana; mas absteve-me de cerimónias com o doutor.

O meu artigo levantou contra mim celeuma de *peessoas honestas*, e até jornais honestos me saíram de revés, acoimando-me de indiscreto, licencioso, e causa ocasional do escândalo. É boa tolice esta! Uma gazeta sisuda, maravilhando-se de que eu fizesse queixumes, não sendo sequer marido da dama, applicou-me os sabidos versos de Nicolau Tolentino:

«Apóstolo impertinente,
Pra que hás de tu suar,
Se não sua o padecente?»

Anselmo, como visse que a imprensa e a opinião pública estavam¹¹⁰ com ele, deu querela contra o jornal, por abuso. O responsável declinou sobre mim, e eu fui sentar-me no banco dos réus em polícia correccional.

O advogado da acusação era um jurisperito de grande nomeada e uma gravidade de colarinhos assustadora. O meu patrono foi

nomeado *ex-officio*: era um bacharel verde em anos, e sorvado em inteligência.

A acusação fez o panegírico dos séculos áureos em que não havia imprensa, nem as vidas das famílias estavam expostas aos enxovalhos de escrevinhadores devassos.

«Sr. Dr. juiz de Direito! — exclama ele — o santuário da família não pode continuar à mercê destes esfoladores de reputações! A mulher casada treme no pedestal da sua virtude; o esposo honrado, num país de imprensa livre, anda como ovos em peneira; a virgem honesta é estrangulada no seu decoro, quando se embala no inocente berço das suas afetuosas aspirações aos sacratíssimos direitos da maternidade. (*Neste ponto, o escrivão do processo limpou as lágrimas ao lenço vermelho do tabaco.*) Sr. Dr. juiz de Direito!¹¹¹ — prossegue o Demóstenes, com os braços em arco, e o semblante em lavaredas de transporte. — Todos temos mulher e filhas, filhas estremecidas e esposas ternas. Que importa a inviolabilidade destas santas afeições, se a pena do foliculário, estilando o negro fel da calúnia, nos verte no coração a peçonha da desordem doméstica, e nos expõe às vaias públicas?! Um marido vive em boa paz com sua mulher: vem um refalsado escritor, e diz-lhe: — Tua mulher é desleal! tua mulher roubou-te os doces mimos! Horrível, Sr. Dr. juiz de Direito! horrível! — Desde este momento a paz da família é como se não tivesse sido *fuissem quasi non essem*, como diz Job; o esposo tornou-se a fábula do povo; e a esposa, maculada sem mácula, aí fica infamada em si e na sua posteridade, por todos os séculos dos séculos! O cidadão probo e laborioso, se cuida que a honradez de sua vida o há de escoar dos tiros da calúnia, engana-se.

«Aqui está o exemplo palpitante da atualidade. O Dr. Anselmo Sanches alcançou o quadragésimo ano de sua existência, sem que o ódio ou a inveja lho denegrisse com a baba

pestilente da aleivosia. Todas as famílias se honraram de o terem na sua confiança. Em todas as casas honestas ele tem tido acesso como amigo, como irmão, e como brasão das virtudes familiares em que ele é conselheiro, e baluarte, sem rebuço o digo, e baluarte — perdoai-me a modéstia do meu honrosíssimo cliente — hei de chamar-lhe sem lisonja baluarte, *paladium*¹¹² *sancta sanctorum*, das virtudes das famílias suas relacionadas. Pois ei-lo aqui, pedindo às leis que o justifiquem perante o mundo, e impondo ao fel cuspidor por infamadora boca que volte ao negro peito donde saiu!...»

Esqueceu-me o restante do discurso, que não precisava deter-se mais para ganhar o bom êxito. Os espetadores, os escrivães, o juiz, os esbirros, as testemunhas da acusação, todos estavam comovidos, quando o meu advogado tomou a palavra e disse que eu escrevera um romance sem intenção de ofender designadamente pessoa nenhuma. Anselmo Sanches é um nome — argumentava o causídico — que eu inventara, sem talvez saber que ele já estivesse inventado, e tanto assim era que o seu cliente ficara pasmado de se ver citado aos tribunais para responder pelos involuntários devaneios da sua imaginação opulenta, e já provada noutros muitos contos de que ninguém se queixara.

Isto fez sensação.

O doutor pediu licença para dizer que, se era verdade eu não o querer ofender, declarasse¹¹³ que todas as alusões, julgadas pela opinião pública em descrédito dele autor, eram um mero composto de fantasia.

O juiz voltou-se para mim e disse:

— Declara, pois, o Sr. Silvestre da Silva que é romance o seu artigo?

— Nada, não declaro.

— Como?! — tornou o juiz.

— O meu Anselmo Sanches é aquele — redargui apontando a grão-besta.

Este gesto, se fosse visto por gente fina, devia de produzir a comoção, que faz nos espetadores o «Ninguém!» de *D. João de Portugal* apontando o seu retrato, na tragédia de Garrett.

— Pois o Sr. Silvestre insiste em caluniar o cavalheiro que generosamente lhe perdoa?!

— Rejeito o perdão de quem o deve pedir a Deus, e à sociedade, e ao seu amigo que atraçou, à mulher do seu amigo que cobriu de ignomínia, à pupila do seu amigo, que debalde quer lavar nas lágrimas a nódoa eterna.

— Mas que testemunhas dá o senhor da verdade das suas acusações?

— Três — respondi.

— Quais?! Do processo não consta alguma, nem o senhor aduziu alguma em sua defesa.

— As minhas testemunhas depõem em silêncio.

— Isso é absurdo.

— Pois, Sr. juiz, creia vossa senhoria no absurdo, como Tertuliano: «*Quod absurdum, credo.*»

— Não tenho que ver com Tertuliano; provas da arguição é do que a lei conhece aqui. Quem são as três testemunhas?

— É um marido que está prostrado de vergonha e de aflição num leito. É a mulher deste marido que está douda. É uma órfã, recolhida nas Ursulinas de Braga, que está... prostituída. São estas as três testemunhas.

Anselmo Sanches pôs os olhos no teto, e exclamou:

— Ó céus!

— É a repetição da calúnia, que o Sr. Silvestre nos está dando? — interpelou o juiz.

O juiz recolheu-se ao santuário da sua consciência. Reinou profundo sossego de meia hora; finda a qual, os autos passaram à mão do escrivão, que leu a sentença.

Fui condenado em cinquenta mil réis de multa, três meses de prisão, e custas do processo.

Bati, como Galileu, o chão com o pé, e disse: «Seja como for, o Sr. Sanches é um infame.»

Paguei a multa e custas, e remi o tempo de prisão a dinheiro.

Anselmo Sanches recebeu os emboras dos seus numerosos amigos.

A mim deram-me o epíteto de caluniador convicto. Os jornais acharam cordata a sentença, e lamentaram que as aberrações do bom senso compromettessem a imprensa em semelhantes derrotas, desprestigiando-a, e armando contra ela os inimigos.

Olhei em derredor de mim, procurando amigos, que me robrassem a consciência da minha justiça, esmagada a coices de seus sacerdotes. Fugiam das minhas declamações os que me haviam excitado a verberar o doutor.

Tive, então, nojo mortal da sociedade, e de mim, que Deus fizera dum barro menos vil, mas amassado no fel e vinagre do que se chama força d'alma, e desprezo do martírio.

Entendi que devia corrigir a obra do Criador. A minha primeira operação de reforma foi renunciar para sempre às manifestações da inteligência, e jurei comigo de nunca mais dar na estampa escrito que não abonasse uma conscienciosa parvoíce, talismã de tantos que aí correm, e à conta dos quais muitos meus colegas na imprensa se afortunaram e benquistaram com o mundo.

Acabou, pois, aqui, a minha vida intelectual.

Nem já coração, nem cabeça. Principia agora o meu auspicioso reinado do estômago.

NOTA

O autor remata aqui o período da sua vida de escritor, omitindo fases importantes e subsídios preciosos para a história literária das províncias do norte. Em romance dispensam-se bem certas miudezas, que não deleitam, nem fazem chorar nem rir; é porém minha opinião que as menores coisas, na vida dum homem extremado do vulgo, são factos significativos.

Silvestre estudou conscienciosamente o viver íntimo da cidade heroica, e enfeixou as suas observações sob o título: O MUNDO-PATARATA, que, no seu modo de sentir, era sinónimo de *mundo-elegante*.

No vigésimo oitavo caderno dos seus manuscritos, li as seguintes páginas, que merecem entrar no templo da imortal memória com seu autor:

SE O MUNDO-ELEGANTE NO PORTO SERÁ O MUNDO
PATARATA DE TODA PARTE?

«O mundo elegante é a sociedade polida, lustrada, invernizada no corpo e no pensamento, na ação e na palavra, na intenção e na obra.

«*Patarata* quer dizer *ostentação vã*.

«*Elegância* quer dizer *escolha*.

«Poderão as duas coisas imparceirar-se num mesmo indivíduo, numa mesma classe?

«É onde bate o ponto.

«Demonstrado que ostentação vã é a máxima pataraticice, o mundo-elegante geme sob a pressão racionalíssima da lógica.

«Por outro lado, evidenciada a urgência da patarata na vida real, como as visualidades na ilusão teatral, a pataraticice é incremento da civilização.

«É o luxo o estímulo das artes e da circulação do numérico — dizem os economistas infalíveis. A pataraticice é a arte amestrada pelo aguilhão do luxo. Ora, se o mundo-elegante é o consumidor das espécies, que constituem o luxo, e o fomentador da prosperidade das artes, segue-se que o mundo-elegante é o mundo-patarata.

«Crê nisto toda a pessoa, que já ouviu dizer que há uma coisa chamada lógica pela qual se prova que o mundo cabe num cesto, se o cesto for maior que o mundo.

«A *elegância* também é sinónimo de beleza.

«A sociedade elegante não pode ser substancial e formalmente a sociedade bela.

«A tomarmo-la assim, fumigaríamos com incenso derrancado olfatos modestos que espirrariam contra a lisonja.

«A lisonja é a assa-fétida das boas almas, das almas escolhidas, ou elegantes.

«Na sociedade escolhida, há pessoas que têm a consciência de serem feias.

«Aí se compreendem todas as caras possíveis desde a malaia até à georgiana;

«Todas as inteligências imagináveis;

«Todas as progénies admissíveis na ordem da propagação;

«Todas as virtudes, ainda as mais hipotéticas.

«Há uma sociedade, que não tem obrigação de ser outra coisa, logo que é *elegante*.

«A sua missão é andar à tona do mar revolto da vida como as alforrecas.

«O pássaro é um animal volátil, o peixe é um animal nadador, o réptil é um animal rasteiro, o *elegante* é um animal... elegante.

«Diz A. Karr que Deus fizera a *fêmea*, e o homem fizera a *mulher*.

«Ora, a mulher não se limitou a fazer do *macho* um *homem*: fez uma brochura dependente do engenho do encadernador.

«O espírito subiu da glândula pineal para o frisado; o entendimento desceu a reluzir no polimento das botas; o coração intumescido enfunou os bofes da camisa; as aspirações grandiosas acolchetaram-se à abotoadura dos diamantes; os apertos d'alma atribulada passaram para o atesamento da luva.

«A alma, conquanto seja um ser imponderável, veste tafetás e lemistes, calça verniz, enluva-se de pelica, bamboa-se em coxins; e, se exercita algumas operações intelectuais e filosóficas, é quando se mete no estômago, como Diógenes na cuba.

«Do mundo-elegante são excluídas as pessoas de todos os sexos possíveis, as quais não provarem que dispendem como se tivessem para mais de doze mil cruzados de renda.

«Se os têm ou não, essa averiguação incumbe aos lançadores da décima, impostos anexos, e quinto para a amortização das notas.

«Cá, o essencial e condicional é parecer que os tem; porquanto:

«A benigna lei económica da circulação monetária aceita como factos legitimamente consumados todos os factos do dinheiro;

«Porque a modista, o alfaiate, sapateiro, luveiro, boleeiro, camaroteiro, e os demais satélites do orbe elegante, são entes de índole tão sincera, que nem por pensamento suspeitam da má natureza dos mananciais, donde a moeda deriva pelos meandros da sociedade escolhida.

«Como quer que seja, a sociedade honesta não fica desairada encasando-se no mundo-elegante. A pataratices de alguns *raios* posições da boa *roda* não tem que ver com o eixo — a parte sã e legitimamente escolhida da *alta-sociedade*.

«O mundo-elegante, na segunda cidade de Portugal, denota civilização muito adiantada.

«Aqui é tudo asiático, menos o espírito que se ala quasi nada às idealizações do oriente.

«Regalias materiais, fausto, cortesia, gentileza, puritanismo de raça, bizzarria, donaire, feitiço de gestos e maneiras, é um pasmar o que por aí vai disso!

«Não se explica a celeridade com que as camadas se desbastaram nestes últimos vinte anos. A que estava então no topo da jerarquia social ficou fazendo as mesuras solenes das velhas açafatas, por se não mesclar com o gracioso despejo da sociedade média. Esta, porém, com toda a pujança de um sangue novo, surgiu de salto, feita, e composta, como se o bom-tom lhe fosse herança de séculos.

«É pasmoso!

«As damas portuenses são muito mais iluminadas que os homens portuenses.

«Entra-se num salão, e admira-se o desembaraço das senhoras, e o encolhimento canhestro dos galãs. O mais audaz encosta-se ao batente da porta, e não ousa transpor o limiar sem que a rebecada do coro, nuncia da primeira contradança, autorize a entrada em gorgolões, como a dos rapazes pela escola dentro.

«Este acanhamento, porém, é de bom agouro.

«Homens de talento e espírito são os que mais se acovardam diante de senhoras. No Porto há muito talento e espírito por força.

«Os patetas, os lorpas, os atiradiços são por via de regra os mais festeiros e festejados na sociedade, umas vezes com a cristã virtude da indulgência, outras com o riso zombeteiro da ironia.

«Há por cá de tudo, Deus louvado!

«E bom é que haja para que os tédios da uniformidade não volvam o mundo-elegante às fórmulas dorminhocas da sociedade velha, em que o casquilho tomava a quinta chávena de chá, a pedido da dona da casa, e torcia um tendão a dançar o minuete, enquanto a menina fazia tossir ao cravo notas roufenhas, com grande aplauso, e grandes abrimentos de boca, de seis velhas entendidas em cravo.» *Etc.*

Não é menos valioso elemento, para quem se der a escrever a fisiologia do Porto, um artigo de Silvestre, que trasladamos dum jornal coevo. Dedicamos ele o seu escrito

«ÀS PESSOAS MELANCÓLICAS

Eureka!

ARQUIMEDES.

«Pela primeira vez, em minha vida, sinto a legítima vaidade de ser útil à humanidade padecente.

«Por imprevisto acaso, entrei no grémio dos ‘humanitários’ como agora se diz.

«Oferece-se mais uma cabeça às bênçãos da humanidade por entre as cabeças do *Hollowe* dos unguentos, do inventor da Revallenta, do inspirado manipulador da pílula de família, do mirífico engenho que espremeu do fígado do bacalhau o óleo restaurador dos pulmões.

«Declaro desde já que não inventei o remédio para a epizootia, nem os pós inseticidas, nem a cura do mormo real.

«Os meus estudos patológicos atuam todos sobre a raça humana, posto que as enfermidades do gado vacum e suíno chamem de preferência a atenção do homem, animal carnívoro, que come o boi, porque o boi se não emancipou ainda, e está dois séculos mais atrasado que o jumento, cuja emancipação é hoje indisputável.

«De passagem direi que me espanta e indigna o disvelo que os governos empregam no exame das moléstias, que dizimam os animais prestantes para a cozinha.

«É uma questão de estômago e não há aí questão de estômago que não avulte as proporções duma questão nacional.

«Se acontece grassar uma febre que devora centenaes de pessoas, os conselhos de saúde descuram de averiguar os sintomas do andaço, não delegam visitantes às farmácias homicidas de província, nem alvitram os melhoramentos higiénicos de que depende a salubridade pública.

«Adoece, porém, o boi, e para logo surgem os Hipócrates bovinos escrevendo aforismos, e as corporações medicatrizes instauram congressos de sanidade, e destacam membros científicos a vencerem tanto por dia.

«Não se cura tão pressurosamente de valer ao homem, porque o homem não é comestível. Pois indivíduos há que comem o boi, e são por isso mais antropófagos que se comessem o homem.

«Fecha-se a digressão impertinente.

«No que eu trazia há muito empenhadas as minhas vigílias era no descobrimento dum antídoto contra a melancolia.

«A medicina conhece uma doença moral chamada ‘hipocondria’. Os sintomas desta enfermidade são as desordens digestivas, as flatulências, os espasmos, a exaltação da sensibilidade, os terrores pânicos, a impermanência dos sentimentos morais, etc. Os indivíduos mais inteligentes e mais imaginativos, quando irritados pelas paixões, ou fatigados pelo trabalho de espírito, são mais sujeitos a estes sucessos incuráveis, quando as influências morais os não curam.

«Não era esta enfermidade, de origem corpórea, a que me preocupava. A melancolia, sem flatulências nem perturbações estomacais, a que tanto ataca os inteligentes como os idiotas, era esse o meu fito.

«Horas e dias terríveis passam por nós como períodos negros da existência.

«Cai-nos a frente para o seio, onde o coração nos dói premido por mão de ferro. Não há lembrança feliz que possa estrelar-nos o caos da imaginação: não há raio de sol que faça abrir flor de esperança em nossa alma arada pelo desconforto.

«Essa situação é comum a muitas pessoas: só não a conhecem aquelas que travaram aliança ofensiva e defensiva com a estúpida alegria, contra as intermitências dolorosas do espírito.

«O amador ditoso tem horas de melancolia terna: essas são as melhores da sua vida. Ai dele quando o murmúrio do regato, e a cruz do ermo, e a lua espelhada nas águas lhe não humedecer os olhos de dulcíssimas lágrimas!

«O amante infeliz tem sezões aflitivas que o excruciam e desesperam. Para esses dois, tão diferentes no padecer, há uma só panaceia: é o coração da mulher, essa divina botica de todos os bálsamos para todas as feridas, abertas na refrega das paixões nobres.

«Mas afóra a melancolia do amor, há uma outra sem causa, sem preexistência dolorosa, sem antecedentes que possam indicar ao médico da alma os meios terapêuticos.

«Sentem-na aqueles mesmos que a fortuna acaricia com todos os mimos deste mundo.

«É a que mata os ricos da Grã-Bretanha, e a que tortura os ricos ociosos de todas as nações, onde há sol e lua, onde o céu é azul e a atmosfera diáfana.

«Não é costume nosso matarmo-nos quando o aborrecimento da vida nos enoja.

«Em país algum seria maior a estatística dos suicídios, do que em Portugal, se o tédio nos vencesse.

«E no Porto?

«Deus nos livre disso!

«O vestíbulo do teatro lírico seria em cada noite um cemitério; nos bailes, a cada instante, se ouviria a detonação dum tiro; as senhoras levariam cristais de ácido prússico para se matarem ao cabo da tediosa parolice do par dançante; do jardim de São Lázaro, aos domingos, iria o pároco levantar algumas dezenas de cadáveres; os próprios templos onde há organistas seriam borrifados de sangue suicida.

«Aqui no teatro não se morre de tédio; mas abre-se a boca, e buzina-se um vagido sonolento.

«No baile ninguém se mata; mas devoram-se gelados para apagar o vulcão da ideia suicida, ou abarrota-se o estômago de *sandwichs* para que a alma bruta predomine sobre a outra, ou tresfega-se a garrafeira do dono da casa para alucinar e entreter o espírito, como coisa exótica, do ar artificial de uma estufa.

«Mas estes remédios não passam de paliativos. A reação, depois, é pior. Falecida a vida de empréstimo, o espírito fica letárgico, marasmado, e até inábil para exercer as funções¹¹⁴ da presidência de uma câmara municipal.

«Depois do artigo de fundo, a coisa que mais brutaliza a alma é a melancolia.

«O poeta, que vos incampa as suas amarguras em redondilha maior, escreveu as trovas, com ânimo folgado, no intervalo de duas orgias.

«A melancolia é sorna e estéril. Camões escreveu a sua epopeia nos dias da esperança.

«Quando a tristeza desanimadora o entrou, já não pôde escrever para o fidalgo, que lha pedia, uma paráfrase dos salmos.

«Uma inteligência em quietismo não danifica os interesses materiais de um¹¹⁵ país, e até certo ponto pode considerar-se providencial o pousio; mas um cidadão analfabeto, embrutecido pela melancolia, se a sua qualidade civil é importante como deve ser, pode prejudicar gravemente os interesses da cidade.

«Ainda bem que a melancolia raro se atreve a perturbar o funcionalismo intelectual de certas cabeças, cuja organização é maravilha. Daí provém a traça metódica e auspiciosa com que o homem supinamente ignorante regula os seus negócios. Há nessa cabeça a perene claridade dum fundo de garrafa de cristal. As ideias impendem-lhe congeladas da abóbada craniana como os estalactites duma caverna. Dessa imobilidade imperturbável de cérebro resulta a fixidez da mira posta num alvo, a pertinácia das empresas, e o conseguimento dos bons efeitos.

«Ainda não vi tão cabal e logicamente explicado o fortunoso êxito de algumas riquezas granjeadas pela inépcia.

«Não obstante, o número dos bastardos da fortuna é muito maior. O leitor é decerto um dos que tem em cada dia uma hora de enojo, de quebranto, de melancolia, de concentração dolorosa, de desapego da vida, de misantropia, e de diálogo terrível com o fantasma da aniquilação.

«É para esse que eu vim, à hora decretada pela providência dos descobrimentos, com o coração a trasbordar de filantrópico júbilo, anunciar o antídoto contra a melancolia.

«Bem pudera eu, à imitação de famigerados varões, apresentar, como de engenho meu, o invento da receita, que um obscuro químico deixou como legado de penosas lucubrações. Quem ele fosse não posso eu dizê-lo, porque o modesto inventor julgou-se um átomo da humanidade, e, doando-lhe o seu óbolo de talento, não

quis glorificar-se de um tesouro que não era mais que transitório depósito em suas mãos.

«Eis aqui a receita:

| | |
|-----------------------------|----------------|
| ‘Junco cheiroso..... | onça e meia. |
| Íris de Florença | uma onça. |
| Pau sândalo..... | } onça e meia. |
| Pau de roseira | |
| Casca de laranja e limão... | » » |
| Cravo da Índia..... | uma oitava. |
| Vinagre rosado..... | quatro onças.’ |

«Estes ingredientes lançam-se numa vasilha, que se coloca ao fogo. A pessoa melancólica aspira-lhe o perfume por alguns segundos. A primeira sensação é deliciosa para o olfato. Segue-se um geral sentimento de bem-estar físico, de desopressão cerebral, de transporte e contentamento de espírito.

«Resta fazer uma reflexão toda pessoal que intende com o desinteresse do signatário do artigo. Não vão pensar que se tem d’olho uma daquelas medalhas com que a Real Sociedade Humanitária galardoa os que socorrem o próximo em aflição. Por enquanto o instituto desta munificentíssima sociedade não premeia os socorros prestados à alma: a caridade destes bons tempos de máxima ilustração verte os seus bálsamos somente sobre o corpo. Quando, porém, retrogradarmos ao ponto de se considerarem beneméritos da Real Sociedade Humanitária os propagadores de receitas contra a melancolia, hipocondria e outras enfermidades espirituais, então, não só as medalhas humanitárias, mas até os hábitos de Cristo que a munificência régia dá aos pianistas, virão galardoar os obreiros do espírito que se dedicam a melhorar a alma do seu semelhante.»

FIM DA SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE

ESTÔMAGO

DE COMO ME CASEI

I

Procurei o refúgio dos penates, o lar em que derivaram bem-aventuradas as gerações dos meus passados. Saboreei-me nas delícias do repouso, posto que em volta de mim só visse as imagens da numerosa família que descansava no pavimento da pequenina igreja. Lá estavam todos, como operários, que findaram sua jeira, e, ao entardecer, encostaram a face ao pedestal da cruz, e adormeceram.

Meditei no suave viver de meus pais, e comparei-o às dores, umas lastimáveis e outras ridículas, que me tinham delido o coração, e desconcertado o aparelho de pensamento. Viver segundo a razão, alvitre que os filósofos pregoam, é bom de dizer-se e desejar-se; mas enquanto os filósofos não derem uma razão a cada homem, e essa razão igual à de todos os homens, o apostolado é de todo inútil.

Melhor avisados andam os moralistas religiosos, subordinando a humanidade aos ditames de uma mesma fé; todavia, — e sem menoscabo dos preceitos evangélicos que altamente venero, parece-me que o homem, sincero crente, e devotado cristão, no meio destes mouros, que vivem à luz do século, e meneiam os negócios temporais a seu sabor, tal homem, se pedir a seu bom juízo religioso a norma dos deveres a respeitar, e dos direitos a reclamar,

ganha créditos de parvo, e morre sequestrado dos prazeres da vida, se quiser poupar-se ao desgosto de ser apupado, procurando-os.

Como sabem, eu nunca andei em boas-avenças com a religião de meus pais; e por isso me abstenho de lhe imputar a responsabilidade das minhas quedas, seja dos pináculos aéreos onde o coração me alçou, seja do raso da razão, onde as quedas, bem que baixas, são mais ignominiosas. Eu comparo o cair das alturas do coração à queda que se dá dum garboso cavalo: quem nos vê cair pode ser que nos deplore; mas decerto nos não acha ridículos. Ora, o cair da baixeza dos cálculos racionais é coisa que faz riso aos outros, e por isso muito comparável ao tombo que damos dum ignóbil burro. O cavalo despenha-nos, e, com as crinas eriçadas, resfolga e arqueia-se com gentis corcovos. O burro, depois que nos sacode pelas orelhas, não é raro escoucear-nos. É o mesmo, se a comparação vos quadra, nas quedas do amor, e nas quedas do raciocínio. Das primeiras erguemo-nos sacudindo as folhas secas de umas ilusões enquanto outros gomos vêm já desabrolhando na alma para mais tarde refluírem. Das segundas, não há senão lama a sacudir, e muita pisadura a curar com o bálsamo do tempo e duma vida brutalmente desapegada de tudo que ultrapassa o momento da sensação.

A este viver assim de convalescença é que eu, por não sei que simpatia com a víscera essencial das nobilíssimas funções animais e espirituais, denominei o estômago.

Não cuidem, porém, que eu hei de consumir o restante da minha individualidade em comer. Há faculdades que não se obliteram imolando-as a uma única manifestação da vida orgânica: o mais que pode fazer o espírito é impulsioná-las, concentrá-las e convergi-las todas para um ponto. De maneira que todas as minhas faculdades de ora em diante em volta do estômago se movem, o estômago as rege, e não há de alguma ideia preocupar-me sem sair elaborada nas mesmas cinco horas que os fisiologistas assinam às funções digestivas.

Logo que me aposentei para largo tempo na minha casa, curei de remover e prevenir todos os impeços ao sossego das minhas digestões.

Quando esta providência¹¹⁶ falta, nenhum cálculo vinga. Nenhuma semente vos desabrocha bem prosperada, se descurais o amanhã da terra. Antes sair com as mãos feridas do arroteamento de carrascais e silvedos, que ver abafados os renovos entre o mato. Notem já que a minha linguagem vai adquirindo um corpo e cor, e uma certa consistência que não tinha. Os entendidos hão de achar que esta gravidade sentenciosa só pode dá-la uma inteligência algum tanto espalmada pela pressão do estômago. E assim é que se explicam os adiposos bacamartes do frade, cujo intellecto se nutria e inflava nas roscas¹¹⁷ do cachaço, pedestal digno daquelas grandes e repletas cabeças. A ciência do frade, pois, era a ciência das funções alimentícias. Todo o estômago, bem regulado, produz um génio.

Convinha-me, pois, bassoirar da minha testada uma influência odiosa: era o regedor da freguesia, que nunca me havia perdoado os artigos em que lhe excruciei a estúpida ferocidade contra recrutas. A segunda vítima, destinada ao sacrifício da minha pachorrenta paz, era o vigário.

Enquanto ao regedor, as dificuldades deviam ser enormes, visto que todos os governos tinham achado nele um galopim, que vingava trezentos e vinte sufrágios.

Era preciso contaminar-lhe os créditos com a broca da retórica. Acerquei-me de três lavradores influentes da freguesia, expus-lhes a decadência do país, e a inevitável perda da independência nacional, se continuássemos a dar o nosso voto irracionalmente a deputados da confiança do regedor.

Dei em minha casa preleções de direito constitucional a estes e outros lavradores levados pelos primeiros. Feri faíscas naquelas cabeças tapadas como pedreiras de mármore negro, e posso afoutamente asseverar que nunca a eloquência fez maiores milagres. Falei-lhes em nome do estômago, como Menénio Agripa, no monte sagrado, aos romanos fugidiços de Roma. Compreenderam o apólogo melhor que eu mesmo, e pediam-me com entusiasmo a repetição da história. O meu fito, remedando o meu ilustre predecessor no doutrinamento da plebe, mirava a convencê-la de que o regedor da freguesia era o cancro do estômago social. Facto admirável do instinto! Quando eu disse isto, levaram todos a mão à barriga.¹¹⁸ E assim se prova que o órgão mais sensível à eloquência é ela, e que a humanidade sofredora é um estômago desconcertado, e bem assim se prova que todos os regedores facciosos podem ser banidos da confiança popular mediante o argumento do cancro, que eu ofereço a todas as oposições.¹¹⁹

Acertou de estar próxima a luta eleitoral. O regedor bateu às portas dos eleitores com o macete das listas, e encontrou em cada lavrador um doutrinário, um cidadão que falava da liberdade do sufrágio com muito menos parvoçadas que a maior parte dos jornalistas. Enraivecido contra as minhas sugestões, o funcionário oficiou ao governador civil pedindo-lhe autorização para me prender. O governador civil deu a ordem pedida, mandando ao secretário que a lavrasse, e citou a lei do código eleitoral, que me applicava a captura. Ora, como quer que o secretário folheasse o código, e não encontrasse o artigo, a autoridade superior do distrito oficiou ao regedor lamentando com ele a impossibilidade da minha prisão.

Seguiu-se perder o governo as eleições, e o regedor adoeceu de maleitas.

Passados meses, caiu o ministério, caíram as autoridades, e eu fui nomeado regedor.

Eis aqui o meu primeiro pulo na carreira política.

O meu velho inimigo, quando recebeu o ofício da demissão, tremia como Marino Faliero ouvindo as fatais badaladas de São Marcos. Um meu criado — para nada faltar à comparação com o desastre do infausto doge — foi ao campanário da igreja, e repinicou o sino. Ao mesmo tempo, o meu vizinho Joaquim do Quinchoso atirou aos astros dois foguetes de lágrimas, que tinha sisado ao mordomo da festa do orago. Na aldeia próxima saiu à rua o tio Manuel da Bouça com o bombo, e o meu compadre¹²⁰ João da Fonte, que fora músico das milícias de Mirandela, acordou os ecos das serras com o seu trompão.

O ex-regedor, escorrendo o suor glacial da morte, ergueu-se sobre os joelhos no seu catre, inteiriçou os braços descarnados; e quando ia morrer nos braços do vigário, comeu uma perna de galinha, e salvou-se.

Mais um argumento da capacidade do estômago para afogar em si as decepções da política!

Como a câmara eletiva fosse dissolvida, decretou o poder executivo novas eleições. Deram-se contra mim os pés o vigário e o ex-regedor. A influência do primeiro era temível. Para contrariar-lha nas vésperas do sufrágio, industriei o meu fiel criado a prender a consciência política do padre com o cabresto do garrano do mesmo. O leitor acha dura de entender esta metáfora. Foi assim: o meu criado entrou numa bouça¹²¹, onde pastava o garrano; tirou-o para o monte; desceu com ele a garganta de duas montanhas, e foi prendê-lo num recôncavo de matagal onde o vigário só pudesse encontrá-lo com tardias informações dalgum pastor desgarrado por aquelas brenhas. Cumpre, porém, dizer em pró da minha equidade que o garrano indigno de ser castigado com o amo, recebia todas as noites porção de feno, e bebia do arroio límpido que lhe banhava os pés.

O vigário, azoado com a perda, e tolhido de ir arengar aos paroquianos das aldeias vizinhas, sentiu-se baldo de entusiasmo e patriotismo, e deixou o seu correligionário em campo.

Venci as eleições por espantosa maioria. Disse-o o sino a reboar por aquelas quebradas; disseram-no as violas e zabumbas de sete aldeias: o ar incendiou-se de foguetes de três estalos, e eu fiz subir às nuvens um balão, feito de jornais, em que eu fora redator.

O garrano voltou, nesse mesmo dia, à porta do vigário, que o estreitou ao peito em fervoroso amplexo, e exclamou:

— Fizeste-me perder a eleição; mas para outra vez a ganharemos!
Vem, filho pródigo!

III

Dois meses depois, recebi o hábito de Cristo, solicitado pelo governador civil.

Seguiu-se a romaria de São João, e eu levei¹²² o hábito. O ex-regedor, quando me viu a cruz e a fitinha escarlate, estava encostado a uma pipa bebendo o seu quartilho, e discorrendo acerca do real d'água, e quinto para a amortização das notas, que ele chamava uma ladroeira. De repente dá de cara comigo. Cai-lhe da mão convulsa o copo, encosta a fronte pálida ao ombro da taverneira, que tinha boas espáduas para suportar aquela esfera de granito, e ia desmaiar, quando, ao chegarem-lhe aos beiços uma caneca d'água, ele disse que o mais acertado era chegarem-lhe vinho. E bebendo, recobrou-se de cores, ganhou o aprumo, e, para disfarce, deu um piparote no nariz da moça.

Deixá-lo lá com as suas foscas, o infeliz! Come-lhe as entranhas o rancor político. Um dia virá em que ele, descoroçoado de apanhar a regedoria, veja a pátria pelos olhos de Bruto, e, com *b* pequeno, se deixe morrer duma fartadela de rojões de porco, sem alguma esperança de renome entre as vítimas do patriotismo. Não! pobre tolo que tinhas em ti uma alma tal e qual, *ceteris paribus*, como a dos grandes estadistas, que se hão de rir de tuas agonias: não, meu émulo desditoso, a posteridade falará de ti, as gerações provindouras lerão nesta página, mais durável que o bronze das estátuas, o teu infortúnio e a minha generosidade. *Være perennius victis!*

O hábito de Cristo foi causa a episódios não despreciandos nestas memórias.

No arraial de São João andava o sargento-mor de Soutelo com sua filha única, Tomásia.

Tomásia era mulher de carne e osso mais que o ordinário. Vestia de amazona: mas ficava um pouco aquém dos limites da elegância, porque era mais larga na cintura que nos ombros — visível defeito do vestido. Tinha uns longes de cara admiráveis: figurava-se-me uma flor de magnólia entre duas rocas de cerejas.

O sargento-mor, que também era cavaleiro de Cristo, desde 1812, pensava desde muito casar Tomásia com cavaleiro da mesma ordem. Conhecia-me ele de nome, e formava de mim opinião desvantajosa: não assim a moça que me tinha visto anos antes, numa festa¹²³ de endoenças, e gostara de me ver com a opa verde de irmão das almas, funcionando nas cerimónias da igreja.

A casa do sargento-mor rendia quinhentas medidas de centeio, meia pipa de azeite, e vinte carros de castanha; sustentava três juntas de bois, e quatro irmãos padres.

O leitor ignora, talvez, a jerarquia dum sargento-mor. Pensa que é uma patente destas que enchem a cobiça do coração de uma costureira ou criada de sala, a quem o sargento oferece sua alma e oito vinténs diários de pré?

O sargento-mor das antigas milícias era um potentado, imediato na jerarquia ao capitão-mor, com quem por igual se repartiam os lombos e os respeitos sociais. O baque da monarquia absoluta, esmagando com os privilégios o acatamento que os privilegiados incutiam, respeitou o sargento-mor de Soutelo. Os povos reverenciavam-no ao teor antigo, e testemunhavam seu acatamento presenteando-o com os lombos dos cevados, tal e qual como nas ominosas eras em que o sargento e o capitão mores representavam, no aparelho gástrico do absolutismo, um dos intestinos mais importantes — o reto, se quiserem.

Tomásia era uma rapariga desempenada, e com olhares derretidos. De entendimento era escura, como quem não sabia ler,

nem tivera, alguma hora, desgosto de sua ignorância. Tinha vinte e seis anos, e nunca estivera doente. Nunca tomara chá nem café. Almoçava caldo d'ovos com talhadas de choiriço. O sol, ao nascer, nunca a surpreendeu em jejum. Trabalhava de portas adentro com as criadas: fazia as barrelas, fabricava o pão, administrava a salgadeira, e vendia os cereais e as castanhas. Regularmente calçava soquinhas debruadas de escarlata e sarapintadas de verde. As meias eram de lã ou algodão azuis; mas não usava ligas, de jeito que as meias caíam em refegos à roda do tornozelo — o que não era feio. Nas romarias, calçava sapato de fitas, e trazia chapéu desabado com plumas brancas. Os pulsos eram duma cana só, como lá dizem, para exprimirem a força. Cada palma de mão parecia uma lixa; e elogiar-lhe o cuidado das unhas seria adulação indigna da minha sinceridade. Dentes nunca os vi mais ricos de esmalte. Limpava-os com uma erva do monte, que lá chamam mentrasto; e as pomadas das suas opulentas tranças louras eram a água cristalina do tanque em que ela mergulhava a cabeça todas as manhãs. Sentava-se depois à sombra dum castanheiro, nos dias festivos, a pentear-se, e era belo vê-la então coberta de seus cabelos até à cintura, que moira mais linda a não sonharam poetas, em orvalhadas de São João, alisando as madeixas com pente de ouro.

Assim foi que eu a vi, quando cheguei à janela do quarto em que pernoitara na casa do sargento-mor, descendo eu duma feira onde fora vender um macho, e comprar bezerros para criação.

O pai de Tomásia, erguida a toalha da mesa, onde almoçámos, às sete horas da manhã, sopa d'ovos, salpicão, batatas ensopadas com toicinho, e toicinho cozido com batatas, disse-me que sua filha estava casadeira, e ele disposto a casá-la comigo, se eu quisesse. Antes que eu respondesse, inventariou os seus cabedais, o valor do património dos seus quatro irmãos padres, os quais estavam presentes, e unanimemente disseram que tudo deixavam por escritura a sua sobrinha.

Pedi espera de alguns dias para responder; e a instâncias de todos, passei aquele dia em Soutelo.

Tomásia, que tinha almoçado na cozinha, segundo o seu costume, quando havia hóspedes em casa, apareceu-me, meia hora depois do almoço, perguntando-me se queria comer uma tigela de requeijão e beber um pichel de vinho verde.

Gostei desta patriarcal franqueza, e desci à cozinha, onde encontrei sobre a mesa do escabelo, adorno da lareira, uma tigela vermelha vidrada com requeijão, e um pichel reluzente de estanho a trasbordar de espumoso vinho verde. Tomásia sentou-se do outro lado, e comeu e bebeu como a filha de Labão com Jacob.

Conversámos nestes termos também patriarcais:

— Quantos anos tem a Sr.^a Tomásia? — perguntei.

— Vinte e seis, feitos pela Santa Luzia.

— Muito bem empregados. Admiro que vossemecê não esteja ainda casada!

— Ainda não é tarde.

— Também digo: mas quem é tão bonita como a Sr.^a Tomásia onde quer acha um noivo.

— Sou sã e escorreita, Deus louvado. Se lhe pareço bonita, isso é dos seus olhos. Coma uma colher de requieijão, e beba, que o vinho está muito fresco.

— Está excelente, mas eu não posso mais.

— Então fraco homem é!

— Almocei contra¹²⁴ o meu costume. Estou afeito a almoços leves de café ou chá.

— Credo! vossemecê bebe chá por almoço?!

— Pois então!

— Ora essa! Cá em casa há chá, que o compra meu tio padre João, mas é para as dores de barriga. À minha boca nunca ele foi, em boa hora o diga!

— As comidas fortes dão-se bem com o seu estômago?

— Ora se dão! Nunca estive doente dois dias a fio.

— Costuma ceiar?

— Pudera não! Almoço, janto, merendo e ceio: é o costume cá de casa¹²⁵; e vossemecê?

— Eu começo agora, desde que vim para a aldeia, a comer melhor; mas não pude ainda habituar-me a ceiar.

— Pois quem não ceia, toda a noite rabeia: é ditado dos velhos. Então não come mais?

— Mais nada.

— Pois se quer vir daí até à casa da eira, eu vou lá ver o que fazem os moços. Isto de servos, se a gente lhe¹²⁶ tira os olhos de cima, pegam a mandriar que não fazem nada. Quer vir?

— Com muito gosto.

Tomásia encheu um grande cabaz de fruta, e uma cabaça de vinho.

— Levo isto aos moços — disse ela — porque eles, quando eu chego à sua beira, estão sempre a olhar-me para as mãos.

— Se quer, eu levo o cabaz e o vinho — disse eu.

- Não é preciso: eu posso bem com isto.
- Ao menos deixe-me levar uma das coisas.
- Então leve a cabaça, que pesa menos.

Caminhámos ombro a ombro para a casa da eira.

Tomásia parou muitas vezes a saudar os velhos e velhas que ia encontrando.

Os velhos diziam-lhe:

- Deus te guarde, flor.

E as velhas já de longe vinham dizendo:

- Aí vem o anjinho do céu, a mãe da pobreza.

E ela ia tirando do cabaz alguns punhados de fruta para dar às que não a¹²⁷ tinham de sua casa.

Passámos no adro da igreja.

Em frente da porta principal, Tomásia depôs o cesto sobre o baixo muro do adro, fitou os olhos no santo, que tinha o seu nicho sobre a padieira da porta, fez curta oração, benzeu-se, e tomou o cabaz.

Ao assormos ao beirado da eira, os criados, que andavam a limpar o centeio com pás e peneiras, redobraram de canseira.

— Assim que nos lobrigaram — disse Tomásia — olhe como eles labutam! São uns calaceiros daquela casta!

E levantando a voz, disse:

— Venham à fruta, a ver se refrescam. O serviço, que vocês todos seis têm feito, fazia-o eu sozinha com uma perna às costas. Sempre estão umas rabaças, vocês!

Enquanto os criados comiam sofregamente as cerejas, as peras, os malápios e os gelemendes, Tomásia, ora com a pá, ora com a peneira, limpou uma rima de centeio, procurando a eminência mais ventilada da eira. O vento sacudia-lhe levemente a fímbria da saia de chita curta de grandes rofegos na cintura. Como erguia os braços ao alto, as largas mangas da camisa arregaçavam até aos ombros, e os folhos alvíssimos do peitilho, soprados pela viração, descobriam-lhe o seio, até onde o vento pode descobrir sem desairar o pudor.

Pareceu-me bonita assim, muito mais que vestida de amazona, calçada de duraque, e implumada, qual a vi na romagem do São João.

Voltaram os servos para o trabalho, e Tomásia veio sentar-se ao pé de mim debaixo dum coberto de colmo.

— Está fatigada? — disse-lhe eu.

— Àgora estou! Vim para aqui fazer-lhe um migalho de companhia, e depois torno lá. Hoje o pão há de ficar nas tulhas, custe o que custar¹²⁸.

— E deixa-me sozinho aqui?!

— Vossemecê, em se aborrecendo, vá para a casa que lá está o pai e os tios. Vá jogar a bisca com os padres, que eles gostam muito. Sempre são!... Eu se tivesse filhos, padre, Deus me perdoe, que não havia de ser nenhum!

— Porquê? tem zanga aos padres?

— Àgora tenho; os padres são a imagem de Deus; mas não fazem nada numa casa; dizem a sua missa, vão aos enterros e às festas, mas coisa de botarem a mão a uma sachola para tapar uma poça, ou cortar um agueiro, isso não é capaz! Olhe vossemecê ali em minha casa quatro padres duma assentada sem fazerem nada, a olharem uns pros outros, e a lerem a gazeta de Lisboa... Eles aí vêm... é milagre saírem de casa a esta hora! Vêm cá p'r amor do Sr. Silvestre.

Chegaram os quatro clérigos, e um deles vinha com a *Nação* em punho, explicando aos outros um relanço difícil do artigo de fundo.

Fui consultado acerca da passagem obscura, e o meu parecer esclareceu as dúvidas. Tomásia, enquanto eu falava uma linguagem para ela inapercebida, estava com os olhos postos em mim. Os padres louvaram a minha esperteza, e o mais velho, oráculo dos outros, disse:

— Ora o senhor, com esse talento que Deus lhe deu, devia ser realista!... É uma ingratidão não defender a religião de nossos pais, quem tanto deve à Providência.

Redargui que respeitava a religião de nossos pais, e que a política era uma coisa incidental na vida das nações, de todo o ponto estranha à religião.

Discutimos mansamente uma hora.

Tomásia fatigou-se logo de nos ouvir, e foi trabalhar.

À hora da sesta, fui sentar-me num escuro souto de castanheiros, e meditei.

Estava o estômago no mais ativo da sua quilificação. Havia uma insólita claridade no meu espírito. Nenhum devaneio dos que arrobam poetas em ermos e sombras me perturbava o cozimento das pingues substâncias em que abundara o jantar. As minhas meditações eram pachorrentas, terra a terra, sem enlevos que me deslocassem da felicidade do momento para me transportarem ao passado, onde estava a saudade, ou ao futuro donde me podia estar mentindo a esperança.

Que a saudade, para além dos trinta anos, é uma enchente de lágrimas que desborda o peito daqueles mesmos que se não sentem viver no coração.

E a esperança é uma virgem de encantos doidos, a qual vos não deixa gozar os encantos doutra virgem, que vos alinda os bens presentes.

E a meditar assim, adormeci, reclinado sobre uma moita de malmequeres e boninas.

Quando acordei, tinha sobre a face um lenço de linho, branco de neve.

Enxuguei o suor, relanceei em derredor¹²⁹ os olhos, e vi, a distância de cem passos, Tomásia, sentada à beira dum tanque, coberto de ramagens de parra, costurando, e cantando a meia voz.

— Boas tardes, Sr. Silvestre! — disse ela, risonha. — Ande lá que se regalou de dormir; e, se não sou eu, as moscas e os mosquitos chupavam-lhe o sangue.

— Muito obrigado, menina.

— *Menina!* — tornou ela. — Eu sou mulher, não sou menina.

Ergui-me, e fui lavar a cara na bica do tanque. Tomásia tirou o seu avental de linho para eu me limpar. Sentei-me, depois, à sua beira, e vi que ela estava remendando uma camisa.

— Remenda o teu pano, e chegar-te-á ao ano; torna-o a remendar, e tornará a chegar — disse ela.

Estivemos silenciosos alguns segundos. Cortou Tomásia o silêncio, perguntando:

— Vai-se embora amanhã?

— Vou.

— Não gosta de estar connosco?

— Gosto; mas cada um de nós tem a sua casa.

— Isso é verdade... — disse ela, com a mão da agulha suspensa, e os olhos fitos em qualquer coisa distante.

— É feliz, não é, Sr.^a Tomásia?

— Feliz é quem está no céu. Diz meu tio padre João que neste mundo ninguém é contente da sorte que tem.

— Que lhe falta a si? Não tem tudo o que deseja?

— Eu desejo pouco...

— Então que mais quer para ser feliz?

— Queria que o Sr. Silvestre se deixasse estar mais alguns dias por aqui; mas, se tem que fazer na sua casa, vá. Lembra-se quando estivemos, faz dez anos para a semana santa, nas endoenças de Santo Amaro?

— Lembro.

— Pois olhe que nunca mais me esqueceu! Vossemecê lembrou-se de me ver?

— Mal me recordo...

— Lá me parecia...

— Porquê? Tem razão para supor que eu não a¹³⁰ devia lembrar?

— É um modo de dizer... Nem se lembra que eu lhe dei duas cavacas em casa do Sr. vigário?

— Ah!, agora me lembro... que me deu duas cavacas a *Madalena*.

— Pois era eu que ia de *Santa Maria Madalena* na procissão do enterro...

— Ora, se lembro!... levava os cabelos loiros com laços de fita, não levava?

— E vestido vermelho de cetim.

— Tal e qual. Que linda ia! Fiquei a pensar em si muitos dias...

— Mas esqueceu-se, e nem me conheceu agora. Uma rapariga em dez anos muda de cara; estou já velha...

— Não está sequer mudada, menina.

— E ele a dar-lhe!... não gosto que me chame *menina*. Chame-me Tomásia.

Neste momento, chegou o sargento-mor, e disse com muito afável gesto:

— Ó rapariga, olha que teus tios já lá estão perguntando se tu fugiste com o Sr. Silvestre.

— Estamos a tratar disso, meu pai; quer vossemecê fugir também connosco? — respondeu ela com muita graça e desembaraço.

— Pois vamos lá com Deus.

E o velho, aproximando-se mais, reparou na costura de Tomásia, e disse:

— Não tens vergonha de estar a remendar camisas, diante deste senhor?

— Agora tenho! Pois isto é vergonha? vergonha é trazê-las rotas. Ó Sr. Silvestre, ainda que eu seja confiada, diga-me: quem lhe arranja a sua roupa?

— A minha roupa está sempre desarranjada; quando se rompe, compro outra.

— É bom governo esse! — tornou ela — assim é que há de ir para diante a sua casa!... Se eu morasse mais perto de si, dizia-lhe

que mandasse a roupa para cá... Ri-se? Talvez cuide que eu não sei engomar! Veja o colarinho da camisa de meu pai como está rijo!

— Pois o melhor de tudo — atalhou o velho — é que o Sr. Silvestre venha cá para casa de vez, e então lhe tratarás da roupa.

Tomásia compreendeu o figurado do dizer, e pôs os olhos na costura.

Chegavam os padres, discutindo outro ponto do artigo de fundo da *Nação*, e caminhámos todos polemicando, até chegarmos a um campo marginal do rio, onde o sargento-mor tinha uma pequena casa com adega.

Entrámos na adega, cuja frescura consolava. Pouco depois, chegou uma rapariga com o cesto da merenda. Era uma travessa de barro vermelho cogulada de trutas fritas.

Tomásia foi a uma poça colher celgas e agriões de que fez salada, depois de esfregar as mãos com areia da margem do rio.

Rodeámos uma dorna de fundo ao alto, sobre a qual se colocou a travessa das trutas, e o alguidar da salada, donde nos servimos todos com garfos de ferro mui lustrosos.

Tomásia tirou uma truta para cima dum fatia de pão, e sentou-se no socalco da pipa, donde tirava o vinho, que ressaltava espumando pelo batoque. Bebíamos todos do mesmo pichel de estanho; e o pichel, quando caía na mão dum padre, voltava vazio à torneira.

— Dão-me que fazer os tios!... — disse Tomásia a rir.

— Anda lá, rapariga — acudiu o padre João — que tu também gostas de ver o fundo à caneca... Essas cores não se criam com água.

— Bebe, bebe, cachopa — disse o sargento-mor — que o vinho é meia manutenção.

Quando o pichel passou da minha mão à de Tomásia, reparei que ela assentou os lábios no rebordo molhado por onde eu tinha bebido. E, como visse que eu dera fé, corou.

Ao entardecer voltámos a casa.

Depois da ceia,¹³¹ Tomásia saiu a uma varanda de cantaria, que dominava dilatadas várzeas, orladas de arvoredos.

Os padres, o sargento-mor, e eu ficámos praticando em sistemas de governo, e discutindo as vantagens da representação nacional sob¹³² o alvitre dum só homem. Os ardores da polémica eram refrigerados com beijos no pichel, beijos longos, longos, e absorventes como beijos de amantes.

O sargento-mor, como já não entendesse as teorias absolutistas dos irmãos, nem as minhas de emancipação social, adormeceu encostado ao espaldar duma cadeira de coiro.

A questão foi esmorecendo consoante as forças intelectuais iam convergindo para o lavor da digestão. A ceia tinha sido pouco menos chorumenta que o jantar. Afora duas galinhas, amarelas de gordas, com o seu préstito de salpicões, no centro da mesa, estava o alguidar do anho assado, que loirejava estirado sobre um vasto plano de arroz, atauxiado de rodela de linguiça.

Três padres foram deitar-se, e o mais letrado dos quatro, padre João, disse-me se eu queria ir à varanda ver o rio prateado pela lua, e as penumbras dos altos serros circumpostos à graciosa aldeia.

Quando passávamos para a varanda, parei, e pedi ao padre que parasse.

Estava Tomásia cantando uma toada popular, triste como todas as cantilenas populares do Minho e Trás-os-Montes.

A melancolia não a dava a letra menos que a música. Dizia assim:

«Teus cabelos me prenderam,
E teus olhos me mataram;
Teus lindos pés me fugiram,
Quando morta me deixaram.

«Entre as mãos frias de neve
Um raminho me puseste;
Levaste as rosas e os cravos,
Deixaste murta e cipreste.»

Entrei de surpresa na varanda, e disse à maviosa cantora:

— Quem lhe ensinou essa letra tão triste e bonita?

— Ai! — exclamou ela — não cuidei que estava aí... Estas cantigas eram as da menina de Chaves.

— Quem era a menina de Chaves?

O padre tomou à sua conta a resposta, e disse:

— Era a namorada dum meu condiscípulo no seminário de Braga, que morreu de amores por ele no convento de Santana¹³³, e ele também morreu por ela. Eram ambos de Chaves. Eu fiquei com o papelinho em que a coitada escreveu as coplas, que minha sobrinha canta a chorar.

— E está a chorar! — disse eu vendo-lhe nos olhos espelhado um raio da lua.

— Não que eu — disse Tomásia entre risonha e lagrimosa — tenho uma pena da criatura!...

— Dela somente? — interrompi.

— E dele, que lá foi procurá-la ao outro mundo.

As lágrimas desta mulher que nome têm, senão são a sublime poesia da ternura, que eu ainda agora encontro pela primeira vez!... — disse eu entre mim, de modo que o estômago me não ouvisse. E as cinzas, que foram coração, estremeceram levemente.

VII

Ao amanhecer do dia seguinte ouvi a voz do sargento-mor, que passeava no pomar contíguo à casa.

Desci ao pomar, e perguntei-lhe se tinha resolvido seriamente dar-me sua filha.

O velho encostou o queixo às mãos, que assentavam sobre uma bengala alta de cana encastoadada em marfim, e disse:

— Eu tenho uma só palavra: sou o sargento-mor de Soutelo, cavaleiro professo na ordem de Cristo desde 1812¹³⁴, e cavaleiro da ordem da Verdade, filha de Cristo, desde que me conheço. Dou-lhe minha filha, com a condição de que o Sr. Silvestre há de viver comigo, enquanto eu vivo for; depois, se quiser leva¹³⁵ a mulher para sua casa. Não a doto com isto nem com aquilo. Tudo que eu tenho e têm meus irmãos dela é. O senhor entra aqui mais como filho, que como genro. Come, bebe, e veste da casa. Os rendimentos da sua aplique-os ao desempenho dela, que, pelos modos, o senhor lá por esse mundo gastou muito e mal. Pagou o tributo; todos o pagam cada um por seu feitio. Eu também as fiz boas, e vi-as fazer peiores a meus irmãos padres, quando já tinham a cabeça rapada. Agora com águas passadas não mói o moinho. Faça-se homem, e descanse. Mande ao diabo as extravagâncias e os prazeres das cidades. Aqui é que reina a paz e a alegria nas boas consciências.

Prosseguiu o sargento-mor até que a filha assomou à janela da cozinha, dizendo:

— Venham daí ao almoço.

— O senhor vai hoje ou fica? — perguntou, no caminho para casa, o velho.

— Vou dar as providências necessárias, e voltarei, passados vinte dias, para ficar.

— Isso é decidido? É palavra de cavaleiro?

— Não mereço que o respeitável pai de Tomásia me faça essa pergunta.

— Desculpe à minha satisfação estas dúvidas. Boas são as venturas de que a gente duvida, quando as tem já na mão.

E abraçou-me com os olhos húmidos.

Estávamos à mesa. Tomásia, segundo o seu costume, andava da sala para a cozinha, levando e trazendo pratos e iguarias.

O pai mandou-a sentar ao meu lado.

Padre João, meu vizinho da direita, rolou o abdómen para dar lugar à sobrinha.

Tomásia parecia outra no acanhamento, e não desfitava os olhos do pai.

— Tu que me queres, moça, que olhas tão sisuda para mim? — disse ele. — Ó rapariga, o sangue parece que te quer saltar pela cara! É assim, é assim que eu vi tua mãe há trinta e dois anos. O casamento dela foi tal qual como o teu. Soube-o na véspera do dia, como tu, e eu resolvi-me, de à noite para pela manhã, porque ela era virtuosa, trabalhadeira, e pura como as estrelas do céu. Aí tens o teu noivo, Tomásia. Bebamos à saúde do nosso Silvestre!

Saíram do armário sete canecas de louça da Índia com que as saúdes se fizeram.

— São as mesmas que serviram há trinta e dois anos em casa de meu sogro — disse o sargento-mor.

Eu fiz um brinde em termos chãos à minha nova família.

Durante o almoço, Tomásia nunca me esperou um olhar.

Findo o almoço, perguntei por ela para despedir-me, e soube que estava na igreja.

Esperei-a. Entretanto, padre João entregou-me a certidão de idade da sobrinha, e pediu-me que no mais breve termo lhe remetesse a minha para se lerem os banhos.

Voltou Tomásia acelerada porque a foram chamar. Logo que pôde falar-me a sós, tirou do peito um embrulho, e deu-mo, pedindo-me que lançasse ao pescoço o que ia dentro do lenço. Despedi-me, e abracei-a. Tomásia não quis que outra pessoa me segurasse o estribo, quando eu montava.

— Já cuida dele como de coisa sua! — disse o velho a rir, e os padres riam todos.

Depois, tornou ela dentro à casa, mandando-me que esperasse¹³⁶ um pouquinho, e veio logo com¹³⁷ um pequenino alforge.

— É para o caminho — disse ela, atando-o às fivelas da sela.

Dei o último adeus, e Tomásia subiu ao topo de um outeiro donde se avistava grande espaço de estrada, e ali estava¹³⁸ acenando-me até que me sumi numa baixa de serra.

Abri o embrulho: era um *Agnus Dei*, encastado em prata. O lenço, que o envolvia, tinha no centro um coração com muitos aleijões, atravessado por uma flecha que a caprichosa bordadeira deixava ver em todo o seu comprimento, de modo que parecia uma seta grudada ao coração.

Dali três léguas, sentei-me à sombra duns azinheiros, e abri o alforge: era uma galinha assada, uma cabaça de vinho, e um pão.

A leitora de coração fino e melindroso pergunta-me se eu gostei daquilo, se me não seria mais saboroso encontrar um ramo de flores?

Não, minha senhora, eu gostei muito mais de encontrar a galinha, o pão, e a cabaça.

Os prazeres das flores cedo-os bizarramente aos amadores de vossa excelência e a vossa excelência não levo a mal que se ria da filha do sargento-mor de Soutelo, que punha flores aos santos, e cuidava seriamente do estômago das pessoas que lhe eram caras.

VIII

Ceguei a minha casa, e estranhei-a como se não fosse a minha.

Vi uns velhos criados, que se moviam taciturnos e tristes. Pesava-me no peito aquela solidão, mais amargurada pelas lembranças da infância. O espírito refugiava-se em Soutelo, e eu pasmava de não sentir renascer o coração ao calor daqueles desejos, que similhavam saudades.

Abreviei os meus arranjos, fazendo ler o primeiro proclame do meu casamento no dia imediato que era domingo, dispondo novos arrendamentos dos bens, demitindo-me da regedoria, e comprando na vila próxima algumas prendas de noivado.

Nestes preparativos, andava comigo um contentamento plácido e sereno como eu nunca houvera experimentado. Adormecia e acordava alegre, bem que esta alegria do despertar não fosse um alvoroço, uma embriaguez de gozo como eu sentira em outra idade, nos efêmeros prazeres, ou meras esperanças de os alcançar. Agora, a minha satisfação era toda ver-me sequestrado do mundo, estimado de cinco velhos felizes, ligado a uma mulher inocente, moldada pelas doces imagens que eu julgava extintas nos tempos bíblicos. Figurava-se-me a minha vida futura no decurso de trinta anos, que podia ainda viver. Antevia a uniformidade dos meus dias, iguais, sossegados, vividos na intimidade, no trabalho sem fadiga, e no respeito e estima dos meus conterrâneos. Lia da minha pequena

livraria os poetas bucólicos, e especialmente relia e decorava uma ode de Melendez, que principiava assim:

«*Ya vuelvo á ti pacifico retiro:
Altas collinas, valle silencioso
Término á mis deseos,
Faustos me recibid; dadme el reposo
Por que en vano suspiro
Entre el tumulto y tristes devaneos
De la corte engañosa*¹³⁹:
*Con vuestra sombra amiga
Mi inocencia cubrid, y en paz dichosa
Dadme esperar el golpe doloroso
De la parca enemiga...*
.....»

Algumas vezes interrogava a minha consciência, perguntando-lhe se eu amava Tomásia. Não me respondia, por se julgar desautorizada para a resposta. Ao coração é que tocava o discutirmos semelhantes pontos de pouquíssima importância para o complemento da minha felicidade. Eu tinha lido a Bíblia, e não vira lá os patriarcas oferecendo ou pedindo amor às mulheres com quem se esposavam. Booz não diz a Rute que a ama. Jacob, conquanto dessimpatize com os olhos doentios de Lia, não se declara amoroso de Raquel. Abraão casou com Sara, sem se dispender em maravilhas do coração. Na idade de ouro, a mulher era a fêmea do homem: casavam para procriarem, segundo suas espécies, e procriando envelheciam ditosos.

O amor inventou-o depois o estragamento dos bons costumes gregos e romanos, como coisa necessária e acirrante aos paladares botos dos filhos viciosos das cidades.

Ainda agora nas aldeias, afastadas dos focos da corrupção, coisa que eu nunca ouvi dizer é: «A Maria do Ribeiro *ama* o António da Capela.» Lá não se diz *ama*; é — *querem-se*. «Querem-se» é

outra coisa; é amalgamarem-se num só ser, em uma só vontade, numa identidade d'alma e corpo tal, e tão uma, que nem sequer cogitam se há desgraça com força de desuni-los aquém da morte. E para lá da sepultura ainda eles têm como segura a vida imortal em união de penas ou glórias.

O amor dispensa-se onde está a profunda estima. Lá, nesses consórcios bem-aventurados, que florescem obscuros nas gargantas das serranias, e nas selvas, que bordam as margens dos rios, não há tempo nem ocasião de discutirem subtilezas do coração. Crê-se ali que o vínculo é eterno, e o sacramento do matrimónio uma religião, ou o dogma mais sacratíssimo dela. Pode ser que nem isto mesmo pensem: o que eles deveras sabem é que são felizes.

Eu cismava estas e outras coisas, quando me estava preparando para entregar a minha vida às quietas delícias dum casamento, que faria rir de piedade os meus amigos.

Fui.

No carvalhal que forma o ádito da povoação de Soutelo, esperavam-me os quatro clérigos, o sargento-mor, o abade, o boticário, e o juiz eleito. Abraçaram-me todos sem ser apresentado aos três personagens, que ampliavam o círculo das minhas relações. Aquela boa gente das aldeias vem direita a um homem, dá-lhe um abraço de amolgar as costelas, e levanta-o ao ar na veemência de sua credulidade. Coisa que nunca por lá me disseram foi: «Aqui lhe apresento o Sr. Fulano.»

Os fulanos da aldeia julgam-se sempre assaz visíveis para dispensarem que outrem diga deles: «Aqui lho mostro.»

Abalámos dali para casa.

Tomásia veio receber-me ao patim da escada, e logo me perguntou pelo *Agnus Dei*. Mostrei-lho, tirando-o do peito. A contente moça beijou a relíquia, e disse:

— Vê, meu pai? cá o tem ao peito. Vossemecê dizia que o Sr. Silvestre não punha isto!... Eu bem sabia que ele era cristão!

Estava a mesa posta, e coberta de pratos de trutas e escalos, entre açafates de fruta.

Merendámos, e ficámos em palestra na varanda de cantaria até ao toque das ave-marias.

Depois da reza, saíram os convidados:¹⁴⁰ os padres também saíram para rezar breviário, o sargento-mor foi tomar um banho no rio, e eu fiquei sozinho com Tomásia.

Coaxavam as rãs, e zumbiam os bisoiros. Dos soutos e carvalheiras vinha o pio gemente das corujas e dos mochos. Os morcegos voejavam por entre os pilares da varanda. Nas cortes, vizinhas da casa, balavam os cordeiros, e refocilavam-se¹⁴¹ as cabras, produzindo o som cavo do embate das marradas: — divertimento que a humanidade usa com menos estrondo e mais às claras.

Tomei a mão de Tomásia, e disse-lhe:

— És muito minha amiga?

— Sou — respondeu ela, dando a outra mão, que eu apertei entre as minhas.

— És feliz em casar comigo?

— Agora é que tenho quanto desejo.

— E, se eu não voltasse, se eu não casasse contigo, eras desgraçada?

— Deus me livre! Morria como a menina de Chaves.

— E, se te dissessem que eu gostava doutra mulher, querias-me?

— Se o Sr. Silvestre gostasse doutra, não me queria a mim.

— Mas se eu viesse a gostar depois de casado?

Tomásia retirou as mãos. Não sei se perdeu a cor, que era insuficiente a claridade das estrelas para este estudo.

— Porque tiras as tuas mãos das minhas?! — perguntei.

Tomásia deu-as outra vez, sem responder.

Insisti na pergunta.

— Isso não pode ser — disse ela.

— O que não pode ser?

— Casar comigo, e gostar doutra depois... Meu pai quis sempre muito a minha mãe, e todos os casados, que conheço, são como era meu pai.

— E eu serei como eles, minha amiga. Não penses mais nestas perguntas.

Abracei-a, dei-lhe um beijo na face, e deixei-a ir dar as ordens para a ceia.

O beijo recebeu-o sem estremecimentos de pudor, como as donzelinhas dos romances.

Dois dias depois, às seis horas da manhã, ouvi um tiroteio que vinha soando das montanhas e vales convizinhos da aldeia.

Eram os amigos do sargento-mor, chamados e não chamados a festejar o casamento da *morgada*. Assim a denunciavam por ser filha única.

Encheram-se os extensos casarões de gente. Chamavam lá sobrados¹⁴² e casarões ao que nas terras, onde já chegou a ilustração das palavras, se chama «salas».

Vinham à mistura com os lavradores muitas moças de alegres rostos, com abadas de flores desfolhadas.

O juiz eleito vestia casaca, e o boticário parecia trazer na gola da sua todo o laboratório farmacêutico.

Tomásia trajava de cetim azul. Fora mandado ir de Chaves o vestido. A irmã do juiz eleito, que estivera a banhos na Foz, penteou-a à moda do Porto; mas a minha noiva, vendo-se ao espelho, desmanchou o penteado, e formou da grande trança loira um diadema, sem mais enfeites que uma rosa de Alexandria. Por cima dos ombros, que o vestido deixava nus, lançou Tomásia um xaile de touquim escarlate, que eu havia mandado a minha mãe, e ela nunca vestira.

Sáímos para a igreja entre alas de ativo bombardeamento. Eram centenares de pessoas d'ambos os sexos.

As velhas erguiam as mãos aos céus, exclamando:

— Como tu vais linda! Bendito seja Deus! Pareces Nossa Senhora!

Confessámo-nos, comungámos e recebemos as bênçãos.

Desde que saímos da igreja até à entrada de casa, caminhámos sempre debaixo de nuvens de flores. O estrondo dos bacamartes era atroador, e os dois sinos da freguesia repicaram desde que saímos do templo até ao anoitecer desse dia.

Meia hora depois que chegámos, entrei no quarto de minha mulher, e encontrei-a de joelhos diante duma imagem de *São João dos Bem Casados*.

Ergueu-se ela, benzendo-se, e esperou que eu a beijasse pela segunda vez. Penso que o público me releva a confissão de que, ao dar-lhe este segundo beijo, encontrei os lábios. Era o instinto das sensações agradáveis, mas honestas, que ensinou a minha mulher o segredo do máximo prazer de um beijo.

Estava o almoço na mesa.

O EDITOR AO RESPEITÁVEL PÚBLICO

Os autógrafos do meu amigo Silvestre da Silva carecem de nexos e ordem, desde a data do seu casamento. Salta logo aos olhos que o ilustre autobiógrafo, chegado ao marco da bem-aventurança, ficou-se a repousar da peregrinação — Deus sabe quão penosa! — que trouxera pelas precipitosas veredas de seu passado.¹⁴³

Vejo aqui muito fragmento de obras bosquejadas, sobre assuntos de higiene caseira. Os mais aproveitáveis tendem a mostrar que a deusa da fortuna é a predileta amiga dos que submetem a vida ao régimen suave da matéria, e só exercitam seu espírito para corrigir-lhe as demasias. Estes trechos soltos acho-os enfeixados sob o título: *A felicidade pelo estômago*.

Há outros manuscritos que encarecem o egoísmo, mas o racional egoísmo de Bentham. É esta uma das suas máximas: «O homem só vive bem com os outros quando vive mais para si.» E neste ponto de sentenças podia eu mostrar, se tivesse paciência para copiá-las, que Silvestre da Silva, se cultivasse o género, poderia ser um La Rochefoucauld fora de Soutelo.

Pospondo como coisas de segunda ordem¹⁴⁴ as manifestações intelectuais de Silvestre, vou tentar, auxiliado pelos apontamentos dele, e notícias que alcancei, organizar a sucessão dos factos posteriores ao casamento.

Silvestre foi eleito presidente da câmara de Carrazedo de Montenegro, que assim se denomina o concelho onde a ventura

lhe bafejara o outono da vida. Estreiou-se nas funções municipais mandando construir uma porca nova para o sino da igreja, e compor uma estrada descalçada que lhe passava à porta; depois propôs em sessão que se pedisse ao governo uma estrada do Porto a Chaves, com um ramal por Soutelo.

Este alvitre criou-lhe créditos, que foram um espeque à sua reputação algum tanto abalada com o facto de consumir os dinheiros do cofre municipal na reconstrução do caminho de sua exclusiva serventia. Mais meiga lhe soprou a aura popular, quando ele, mediante a solicitude do deputado, que fizera eleger, conseguiu que o concelho de Carrazedo absorvesse, na divisão do território, outro conselho limítrofe.

Nas próximas eleições, Silvestre da Silva, sem inculcar-se aos povos, nem recomendar sua candidatura, foi eleito deputado, contra vontade das autoridades.

Tomásia, sabendo que seu marido se apartava dela no segundo ano de casada, fez tamanha e tão sincera choradeira que Silvestre desistiu da candidatura, e fez que no escrutínio suplementar saísse deputado o juiz eleito, que também não serviu por se ter recusado a prestar o juramento, como legitimista que era de entranhas.

O governo chamou ao seu partido a influência de Silvestre, e conseguiu fazer eleger no seu círculo um candidato desconhecido aos eleitores. Ganhou com isso o genro do sargento-mor uma comenda para seu sogro, e outra para ele, e uma abadia pingue para o padre Atanásio, tio de sua mulher. Em consequência do que todos os padres voltaram a sotaina, e proclamaram a legitimidade da Sr.^a D. Maria II, com grande desgosto do juiz eleito, que rompeu relações com a família dos renegados, ou *arrenegados*, como ele dizia.

Desta desavença resultou que os jornais do Porto agrediram Silvestre da Silva, acoimando-o de desviar os dinheiros do município em benefício das suas propriedades.

Agora é tempo de dizer que Silvestre saíra muito empenhado do Porto, e os credores o tinham em conta de insolvente por saberem que a sua pequena casa estava hipotecada a dívidas mais antigas.

Ora, como quer que os credores o vissem tratado nos periódicos como proprietário, e indagassem, até saber que ele casara rico, e onde, remeteram deprecadas para ele ser citado com sua mulher. Então se saiu Silvestre com uma escritura nupcial, em que os bens havidos e por haver de sua mulher ficavam isentos de pagar as dívidas do marido, contraídas até à data do casamento. Os credores mais antigos saíram com as suas ações de execução sobre as hipotecas, e retiraram pasmados de verem cópias de escrituras anteriores. O certo é que Silvestre da Silva, se necessário fosse, mostraria que seus avós tinham hipotecado a casa, alguns séculos antes de ela existir.

É mui pouco de louvar-se este proceder; mas uma razão ilustrada concede que o homem maltratado pelas mulheres se vingasse nos credores. Um espírito sublime, quando trata de despicar-se, vinga-se em globo. Verdadeiramente inultos são aqueles que nem credores têm, sequer!

O sargento-mor, conquanto fosse caráter dos bons tempos, transigiu com as velhacadas do genro, e admirou-lhe a esperteza. A comenda iluminara-lhe o espírito, a cuja luz ele viu as coisas, os homens, e a época.

Ao terceiro ano de casado, Silvestre formava com o peito e abdómen um arco. A gordura embargava-lhe a ação, e abafava-lhe o espírito nas enxúndias.

Vi-o na Foz, e conheci então a Sr.^a D. Tomásia, e seu pai, e um menino de dois anos, que era a doidice do avô.

Falei em assuntos literários com o meu antigo colega na imprensa. O homem ria-se de mim, e dizia:

— Ainda estás nisso, pobrezote!? Esquece-te, brutaliza-te, faz-te estômago, se queres viver à imagem do Deus, que faz os homens neste tempo!

O único livro que lhe vi à cabeceira da cama era a *Fisiologia do Paladar* de Brillat-Savarin, e a *Gastronomia*, poema de Bouchet.

Pedi-me que fosse passar com ele uma temporada a Soutelo, se queria voltar ao mundo com alma nova. Anuí, e lá me detive dois

meses, voltando com o estômago arruinado pelo sarro do muito toucinho, sobre o qual o meu amigo me prometia reconstruir o aparelho espiritual.

Observei, na Foz, que Silvestre procurava a distração do jogo: dizia que a fortuna dos seus credores dependia dos ganhos que ele obtivesse. Os credores do meu amigo perdiam com ele, como pessoas infelicíssimas que eram.

Explicava Silvestre a excentricidade deste modo:

— Quando me eu entregava de olhos fechados ao mundo, julgando-o bom e de nenhum modo interessado em ludibriar-me, o mundo folgou de explorar um tolo que abria o coração e a algibeira a todas as perfídias e zombarias.

Não tive um sincero amigo, que me desse dinheiro sem primeiro me furar as algibeiras para o aparar com uma das mãos, enquanto a outra mo emprestava, já cerceado dos juros. Os meus mais dedicados amigos serviam-me de indicadores de usurários, que me davam o décimo do valor da letra, que eu assinava. Era um jogo de ladrões; foram empréstimos da infâmia; só podem ser pagos com infames meios. A consciência de Santo António, e de São Francisco das Chagas não foram mais puras do que há de ir a minha à presença do Supremo Juiz. Creio que não devo nada, porque os juros que paguei excedem o capital: ora o que eu não devo, só por absurdo posso pagá-lo com o que não for meu.

Parece-me que a lógica manqueja nesta argumentação. Seja como for, há muito quem deixe de pagar como Silvestre da Silva; mas não pagar, firmado em raciocínios, à primeira vista, irrefutáveis, nisso é que ele foi singular.

Direi o que me pareceu a vida doméstica do meu amigo.

D. Tomásia adorava-o, e, sem o querer, polira-se por amor dele, a ponto de renunciar às suas antigas ocupações de portas adentro. Andavam à competência de quem engordaria mais; e, nas horas de dormir, excediam a toda a gente, menos um ao outro. Silvestre levara do Porto um cozinheiro, que contribuiu grandemente para derrancar o estômago do sargento-mor e dos padres. A mesa de

Silvestre cobrou fama nos arredores, principalmente depois que o boticário, comensal insaciável, morreu de uma indigestão de almôndegas. Estava sendo no verão que eu lá passei muito concorrida a casa de famílias remotas, entre as quais vi gente que o dilúvio respeitou, e eu também.

Posso jurar que Silvestre nunca deu sombra de ciúme a sua mulher. A segurança, em que mutuamente se tinham, é escusado dizê-la. D. Tomásia era folgazã, ria até rebentar, fazia rir com as suas simplicidades:¹⁴⁵ porém, no que diz respeito à invulnerabilidade da sua castidade de esposa, nunca ninguém, exceto a leitora casada, me deu tão alto grau de certeza. E era bela, a não poder ser mais, aquela mulher de trinta e dois anos! A mesma exuberância de carnes parecia enfeitar-lhe as formas duma certa majestade, que faria o terror de vossa excelência, menina de Lisboa, cuja cintura, como a quebrar-se, vai ondeando ao capricho da brisa.

Mais de uma vez tentei espertar o entorpecido engenho do meu amigo, recordando as nossas palestras literárias nos cafés, e citando passagens mais conhecidas dos seus folhetins. Silvestre acordava por instantes, ouvia-me com aspeto melancólico de saudade; mas para logo retomava o ar alarve e motejador de quem se bandeia com os mofadores das letras. Aqui se me depara agora uma poesia, que ele, em hora bem-humorada, tirou desta mesma pasta para me ler. Quando a releio, e aquilato a tendência satírica de Silvestre, mal posso perdoar ao mundo que o exilou da pátria luminosa do espírito para as trevas estúpidas de uma vida¹⁴⁶, cuja felicidade eu desejaria, como vingança, a quem ma aconselhasse. Aqui tem o leitor os versos:

«Da oca ostentação as vãs negaças,
E os tantos seus *ridículos* tamanhos,
Fazem chorar e rir.
Ó eras primitivas dos rebanhos,
Ó tempos patriarcais
Deixai que possa esta alma reflorir!

«A filha de Labão enchia a bilha;
 Penélope, a rainha, ensaboava
 Os carpins conjugais.
 Lucrecia com a roca cirandava,
 E muito grandes damas,
 Faziam tudo aquilo, e muito mais.

«E era um gosto ver como elas tinham
 As casas petrechadas, trastejadas
 Moirejadas, varridas!
 Curavam por mãos suas as meadas,
 Teciam suas teias
 E tinham sempre as arcas bem fornidas.

«Ao domingo, depois de ouvirem missa,
 Cuidavam do jantar à portuguesa,
 Farta sopa e cozido.
 Depois, para ajudar a natureza,
 Vão dar seu passeio
 Desentourindo o bucho entumecido.

«Ao lusco-fusco, as portas se trancavam,
 E marido e mulher, numa só alma,
 E numa cama só,
 Ressonavam em doce e mansa calma;
 Sonhavam sonhos d'ouro,
 E amor os estreitava em mago nó.

«Ó tempos patriarcais!... Com que saudade
 Eu, filho destas eras pataratas,
 Invejo os meus avós!
 Vivíeis pendurados dos rabichos,
 Virtudes portuguesas!
 O rabicho caiu, caístes vós.

«E agora... ai! que desmancho, que toleimas,
 Que gente, que nação, e que costumes
 Os teus, ó Portugal!
 Se há civilização, é só nos lumes,
 Nos lumes-prontos só;
 E, se teimam que há luz, é infernal!

«Vão ver o que se passa em cada casa,
 Que vive à lei de gótica nobreza,
 E seus festins nos dá!
 Se é jantar, o talher que vem à mesa,
 O usurário o dera
 Em troca do serviço que é do chá.

«Se é baile, vai em troca do serviço
 A inútil baixela do jantar;
 E assim se faz figura;
 E, se é jantar e chá, vão-se alugar
 Ao sórdido judeu
 Ambas as coisas, que absorve a usura.

«As famílias do tom mais miserandas
 Aquelas são que têm sege em cocheira
 E seu guarda-portão;
 Que dos riscos de giz do merceeiro
 Deduz-se que a barriga
 É imolada às glórias do brasão.

«São moda agora uns fofos vaporentos
Omelettes soufflées denominados,
 E *omelettes sucrées*;
 Emblema são do tempo estes bocados,
 De todo o ponto avessos
 Ao estômago sincero português!

«Pondera alguém que as raças se depuram
 Ao passo que a tintura vermelhaça
 Dos semblantes se some;
 Dizem que a palidez extrema a raça;
 Mas eu de mim não creio
 Que seja perfeição: acho que é fome.»

Em caução da minha crítica, declaro que me afasto dos admiradores de Silvestre, se alguns ele tem, como poeta. A genuína poesia não é aquilo, nem o foi nunca. O poeta puro-sangue levanta-se sobre o lodo da vida real, e senhoreia-se dos milhares de mundos que Deus criou para os génios, e os génios tomaram das mãos de Deus para cantá-los. Poeta que canta a sopa e o cozido falseia a sua vocação de medíocre cozinheiro. Assim é que eu, zeloso sacerdote da arte, intendo a poesia, e nem aos mortos indulto. Antes quisera ter de o criticar somente por umas bagatelas métricas com que Silvestre da Silva algumas vezes rasteou Nicolau Tolentino. A mordacidade distancia-se da poesia quanto as *Satyras* de Boileau descriminam das *Contemplações* de Victor Hugo. Aqui se traslada, ainda assim, o género em que prelevou Silvestre, à competência com Faustino Xavier de Novais, ambos para assim o dizer, feridos do mesmo dente da musa mordente:

«.....»

«Eu já fui rapaz do tom,
 E, com pesar de o ter sido,
 Resolvi fazer-me bom;
 E ao mundo que hei ofendido,
 Em paga, faço-lhe um dom.

«Dos meus colegas, é certo
 Que os artifícios traidores

Hei de mostrar bem de perto.
Quero pôr a descoberto
Seus planos sedutores.

«Quando a vítima incauta,
(Quero dizer a donzela)
Chilreando em tom de flauta,
Lança à noite da janela
Cartinha escrita por pauta: ¹⁴⁷

«O poetastro entra em casa,
Devora, sôfrego, a empada,
E, se não é maré vaza
De inspiração desgrenhada,
Bate do estro a negra asa.

«O que primeiro lhe acode
Não é o ardente dizer,
Que pintá-lo melhor pode;
Primeiro, cumpre saber
Se há de ser canção ou ode.

«Vai, depois, pondo em fileira
As regrinhas desasadas;
Arrepela a cabeleira,
Rói as unhas mal lavadas,
E, por fim, rebenta asneira.

«Borra a pintura que fez,
E versos novos maquina;
Recorda doutros que, há um mês,
Mandara a certa menina,
Que, com ele, amava três.

«Nova edição incorreta
 Da cataplasma daninha
 Impinge o vesgo poeta
 À analfabeta vizinha
 Que engole os versos e a peta.

«Engole, digo, pois, quando
 Ela, com custo, os soletra,
 Parece está-los mascando;
 E admira não ver *setra*
 Com dois corações sangrando!

«Repete os versos à amiga
 Que diz nunca os vira iguais;
 Mas, não sabendo o que diga
 Em resposta a mimos tais,
 Manda-lhe velha cantiga.

«Os diques da inspiração
 Rompem-se alfim em torrentes
 De frutos de maldição;
 Não são trovas, são candentes
 Jorros de aceso vulcão.

«Já começa a dar gemidos
 A imprensa pouco honesta
 Com os versos nunca lidos,
 Que o leitor grave detesta
 Porque os fins são já sabidos.

«E não leva a bela a mal
 Que o mundo diga que é ela
 Quem figura no jornal,
 Disfarçada em nívea estrela
 Com promessas de imortal.

«À inveja de certa amiga
Nem isto quer que se esconda;
E, soberba, se impertiga,
Vendo-se em letra redonda,
Do pai cruel inimiga.

«Já o vate exímio abarca
Um pensamento profundo,
Vem-lhe à memória Petrarca,
Que deixou cá neste mundo
Laura zombando da parca.

«E est'outra Laura, tão sua,
Quer fazê-la eterna em verso;
E, quando pensa que atua
Na admiração do universo,
Não o conhecem ¹⁴⁸ na rua.

«Trinta cadernos apronta
De pavorosa escritura,
Tira prospetos por conta
De equívoca assinatura,
Que por um terço desconta.

«Sai a lume, e em trevas morre,
Filho da asneira e do amor,
Livro que insónias socorre;
Mas quem risco amargo corre
É decerto o impressor.

«Entretanto, a virgem meiga
Os versinhos, doce prenda,
Cada vez mais n'alma arreiga,
A tempo já que na tenda
Se embrulha nela ¹⁴⁹ manteiga.

«Vive na fé, todavia,
 Que do amante a loquaz fama,
 Que até aos astros a envia,
 Já seu talento proclama
 Muito além da freguesia.

«E, convicta disto assim,
 Tendo-se em conta de eterna,
 Julga ser mister ruim,
 Coser ceroula paterna
 Ou remendar o carpim.

«Infeliz pai! que aflições
 Não tens tu de amargarur
 Ao tirar dos gavetões
 A peúga sem calcanhar,
 E a camisa sem botões!

«Em velhice desditosa,
 Dói-me ao ver-te submerso!
 Enquanto a filha radiosa
 Se fez imortal em verso,
 Morres tu em chilra prosa.

«.....

«Mas, ó patusca poesia,
 És a varinha de condão,
 És no deserto água fria,
 És tábua de salvação,
 És farol que à pátria guia!

«Sem ti, doce companheira,
 Amiga, sócia fiel,

A fábrica da Abelheira
 Não venderia o papel,
 Nem teria prémio a asneira,

«Nem seria a mulher rola,
 Nem ceeste o seu sorriso,
 Talvez fosse menos tola,
 E tivesse mais juízo;
 Mas isso de que consola?

.....»

Aí têm as futilidades com que, a grandes intervalos de tempo, se saía aquele espírito, que tão bem sorteado entrara na república das letras! Vejam como se descompadem a felicidade estúpida do marido de Tomásia e o engenho! Quão melhor lhe fora pedir ele à sociedade que lhe rasgasse de novo as cicatrizes, e instilasse nelas o veneno que transpira depois em vociferações eloquentes na comédia, no poema, e no romance! Ao menos, aquele brilhante astro, afogado no charco do estômago, irradiaria como tantos outros infelizes em volta da região intangível da felicidade, e o mundo, que o crucificara, seria depois o primeiro a apregoá-lo grande.

Saí de Soutelo no fim do verão.

Silvestre acompanhou-me aos banhos da Póvoa, e já vinha com todos os sintomas de caquexia, resultante da imobilidade, e cansaço das molas digestivas. Retirou-se para a província, logo que os primeiros banhos, e as primeiras perdas ao jogo lhe molestaram o corpo e o espírito. De lá me escreveu, contando os progressos da doença, e prognosticando o seu próximo fim. Nesta carta prometia o meu amigo legar-me os seus papéis, com plena autorização de divulgá-los, se eu visse que podiam ser de proveito para a iniciação da mocidade. À maneira do moralista Duclos, dizia ele: *J'ai vécu, je voudrais être utile à ceux qui ont à vivre.*

Poucos meses depois recebi da mão de um almocreve uma chapeleira de coiro repleta de embrulhos, que me enviava a Sr.^a D. Tomásia, e uma carta do sargento-mor asseverando-me que seu genro morrera, como um passarinho — a morte do justo; com a diferença que não ajustou contas com os credores, para quem a salvação do meu amigo é coisa muito duvidosa...¹⁵⁰

Na carta do saudoso sogro vinha o seguinte soneto que o moribundo fizera, à imitação dos distintos gênios de ambos os sexos, que sonetaram à hora da morte, tais como a poetisa D. Catarina Balsemão, e Bocage.

O soneto reza assim:

«Abri meu coração às mil quimeras;
Encheram-mo de fel, e tédio, e lama,
Tive, em paga do amor, riso que infama...
Ai! pobre coração! quão tolo eras!

«Dobrei-me da razão às leis austeras;
Quis moldar-me ao viver que o mundo ama:
O escárnio, a detração me suja a fama,
E a lei me pune as intenções severas.

«Cabeça e coração senti sem vida,
No estômago busquei uma alma nova
E encontrá-la pensei... Crença perdida!

«Mulher aos pés o coração me sova;
Foge ao mundo a razão espavorida;
E por muito comer eu desço à cova!»

Bem se vê que o soneto era o da morte. Um grande merecimento tem ele: é ser o último.

NOTA À EDIÇÃO DE *CORAÇÃO, CABEÇA E ESTÔMAGO*

Coração, Cabeça e Estômago foi editado, pela primeira vez, em 1862, o mesmo ano em que surge *Amor de Perdição*. Uma 2.^a edição da obra aparece dois anos depois, em 1864. Ambas foram publicadas pela Livraria António Maria Pereira.

Sendo as duas edições publicadas em vida do autor, adota-se aqui como testemunho-base a 2.^a, porque será a que se encontra mais próxima da última vontade autoral. Inclui, pela primeira vez, uma «Advertência do autor», e acrescenta à 1.^a uma nota do editor e um ensaio crítico de A. A. Teixeira de Vasconcelos, precedendo o texto de Camilo. Todos estes textos constam da presente edição crítica de *Coração, Cabeça e Estômago*. É também na 2.^a edição que o título paratextual «prefácio» é substituído por «preâmbulo».

Apesar de a 2.^a edição ser a de referência, usada para a fixação do texto, contém mais erros de composição do que a 1.^a Algumas das variantes entre edições resultam de erros atribuíveis ao tipógrafo da 2.^a Assim, por exemplo:

- que nunca a arte dos Canovas fez cabeça mais magnífica em adornos, que a da Sr.^a [2 Sr.] D. Martinha
- Amei-a como o [2 e] rouxinol a sombra das [2 da] sinceras
- Marcolina saiu de Lisboa [2 Lishoa]

- não assim a moça que me tinha visto anos antes, numa [2 com] festa de endoenças
- Chamavam lá sobrados [2 cobrados] e casarões

A paginação é, em termos gerais, mantida de uma edição para a outra. Quando ocorrem desvios, estes resultam quase todos do esforço empreendido para corrigir pequenos erros e para fazer ajustes na composição que eliminem, onde isso é possível, a translineação. Por vezes, estas alterações têm como consequência a subida do texto de uma ou duas linhas, mas a diferença é intencionalmente anulada na página seguinte. Veja-se, a título de exemplo, as páginas 60 de cada uma das edições: a terceira linha do terceiro parágrafo acaba com a translineação de uma palavra (...*re-/deas tambem*) que, na 2.^a edição, é recolhida por inteiro na terceira linha (...*redeas / tambem*). Como consequência, todo o texto sobe uma linha, terminando as duas páginas em lugar diferente do texto. As páginas 61 começam, por isso, também, com palavras diferentes, mas a igualdade repõe-se abrindo uma nova linha de espaço a seguir ao numeral romano (V), o que permite que as páginas terminem exatamente na mesma palavra.

Caso diferente é o erro que ocorre nas duas últimas folhas (pp. 157 a 160) do décimo caderno da 1.^a edição. Nestas folhas foi erradamente composta parte da NOTA que devia terminar, mais adiante, a Segunda Parte do romance. Não se trata de um erro de imposição, visto que a p. 157 se inicia com texto anterior à NOTA e que aparece na sequência correta do texto (*vestre avalial-o... Retire-se, Josefa, que vem ahi a / maman.*). Tão-pouco existe erro de paginação. Mais fácil será explicar a ocorrência como um acidente na ordem ou na numeração das tiras do manuscrito usado como original de imprensa. Infelizmente o autógrafo camiliano que poderia esclarecer a questão não sobreviveu. Terminado o décimo caderno, o tipógrafo apercebeu-se do erro. Corrigiu-o no caderno seguinte, repetindo a paginação e a frase anterior à NOTA

(curiosamente com uma variante gráfica: *vestre avalial-o... Retire-se, Josefa, que vem ahi a / mamã.*), à qual agora sucede, corretamente, o texto sob o título VII, *A polícia correccional*, da nova p. 157 até à 164. É na p. 164 que começa de novo a NOTA que tinha sido antecipada, estendendo-se até ao final do décimo primeiro caderno, que termina na p. 172, e rematando a Segunda Parte do romance na p. 173 (primeira do décimo segundo caderno).

Poder-se-á estranhar que a tipografia, que percebeu o erro, não o tenha corrigido de forma mais radical, isto é, substituindo as duas folhas que tinham texto errado. Em vez disso, permitiu a sobrevivência de paginação duplicada (pp. 157 à 160) e quatro páginas de texto repetido. Evitá-lo implicaria, porém, a repetição do trabalho de composição de todo o caderno, desperdiçando a composição de 12 boas páginas para corrigir apenas quatro*. Seria uma perda de tempo e de recursos desnecessária, quando o erro podia facilmente ser eliminado depois da encadernação, com o corte das duas folhas espúrias. No exemplar conservado na Biblioteca Nacional de Portugal, usado para esta edição, o corte não foi feito, provavelmente por opção ou desinteresse do seu antigo possuidor, mas não será certamente impossível que tenham sobrevivido exemplares em que já não restem deste acidente tipográfico senão os vestígios silenciosos de duas pestanas no final do décimo caderno.

Na 2.^a edição, este erro não se repete. Apesar disso, este tipógrafo comete as suas próprias faltas. Na p. 81[†], dá início a uma das habituais NOTAS com que o narrador interrompe frequentemente a narrativa dos amores de Silvestre da Silva e que o código bibliográfico interpreta como elemento textual hierarquicamente

* O livro é um *in-8º*, como são normalmente todos os romances camilianos, e cada caderno resulta, portanto, de três dobragens de uma folha de papel. Cada folha era impressa em cada um dos lados de uma só vez, recorrendo-se à conhecida técnica de imposição dos deitados. Não era, por isso, possível, depois de impressa a folha, substituir apenas parte dela.

† Na p. 72 da presente edição.

intermédio, entre a narrativa e o rodapé, distinto da primeira, na página, por um corpo de letra menor e pela interposição de uma faixa (linha branca) acima e outra abaixo do título *NOTA*. Ora a *NOTA* da p. 81 era, na 1.^a edição, a segunda nota do rodapé; e a sua passagem a *NOTA* de página resultou, certamente, de instrução explícita do autor, feita ou sobre provas ou sobre exemplar da 1.^a edição usado para a revisão do texto. O tipógrafo obedeceu a esta instrução, mas manteve a ordem anterior das notas, donde resulta uma nota de rodapé bizarramente intercalada no texto, entre a narrativa e a *NOTA*.

A 2.^a edição introduz variantes gráficas e mesmo algumas linguísticas (por exemplo, *Entendem* por *Intendem*). Outras variantes, de que resulta uma certa banalização sintática, podem dever-se igualmente à mão do tipógrafo. São casos em que se altera a ordem que as palavras apresentavam na 1.^a edição:

— Saí a resfriar a cabeça para a não [2 não a] partir em casa

— nem mesmo concedeu que me ela [2 ela me] visitasse alguma vez

Conhecem-se alterações deste tipo na 1.^a edição do *Amor de Perdição* e nas seguintes. Ivo Castro considera-as fruto da «vincada atitude normativa» do revisor e elemento «com interesse para a história da sintaxe portuguesa»*.

Algumas variantes indicam que a 2.^a edição foi revista pelo autor, sendo, na maior parte, acrescentos ou substituições de vocabulário por outro que pode ser considerado mais expressivo para ilustrar a situação descrita. As adições são, muitas vezes,

* I. Castro, «Introdução» a Camilo Castelo Branco, *Amor de Perdição*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007, p. 96.

comentários acrescentados no fim de um período, como se mostra nestes exemplos:

«Dos bens terrenos não fez deixação, porque lá estavam os credores, seus presuntivos herdeiros, ainda que alguns deles declinaram a herança a benefício de inventário, lamentando que em Portugal não fosse lei a prisão por dívidas: parece que os irritou a certeza de que o cadáver insolvente não podia ser preso. [2 Em outro ponto, te darei mais detida notícia desta catástrofe.]»

«Pedi miúdos esclarecimentos acerca de todas, e particularmente da mais bonita e modesta. O cavalheiro de todas disse mal, mal, porém, que eu indultei cordialmente, defeitos que são enfeites, vícios que alindam as formosas, e denigrem as feias. O crime de todas era a casquilhice, que o leitor pode, se quiser, traduzir para *coquetterie*. Amavam toda a gente, segundo o informador. Fiquei satisfeito, cuidando que o amarem elas toda a gente era boa probabilidade para eu ser amado. [2 Eu não queria mais nada.]»

«A lua prateava-me a testa, em que o sangue, aquecido no coração, subia em arquejos daquela poesia, que não sai em rimas, e enlouquece, se a paixão a não desafoga em suspiros. [2 Aquilo é que era!]

«O italiano ergueu-se de salto e arremesso; eu saí da sala devagarinho; e ele, enquanto a mim, tornou a sentar-se. [2 Fez bem, que eu não era para graças.]»

Quanto a substituições por vocabulário que pode ter como efeito tornar mais precisa a descrição de uma situação, vejam-se estes exemplos:

— que deve ser extremamente agradável às moléculas espalhadas [2 circunfusas] do nosso amigo

- que parecia aumentar o sentimento de abominação que me causavam as [2 abominação agravado pelas] súplicas depois do insulto
- depois da minha palavra [2 promessa]

Neste mesmo sentido, há alterações de pontuação que pretendem tornar o texto mais expressivo, seja pela introdução de exclamações onde antes estavam apenas sinais de pausa, seja pela introdução de dois pontos em vez de ponto e vírgula:

- havia de amar-me expansivamente. [2 !]
- Uma para te matar, e outra para mim. [2 !]
- saíram os convidados; [2 :] os padres também saíram
- Cartinha escrita por pauta. [2 :]
- para quem a salvação do meu amigo é coisa muito duvidosa. [2 ...]

Há, no entanto, outras variantes em que o movimento foi o oposto, de simplificar as expressões ou a pontuação que constava da 1.^a edição. Assim, por exemplo:

- É ela! [2 ,] disse o meu coração em ânsias
- creio que este facto era mais horrível que pedir esmola... [2 .]
- Que veio aqui fazer Paula?! [2 ?]
- Apeei para passear <2 sozinha> entre as árvores
- Replicou-me com um insulto sem nome, e deixou-me [2 e saiu].

Por último, são ainda de registar as alterações de tempo verbal introduzidas em alguns casos:

- Perguntava-lhe [2 Perguntara-lhe] se me via algumas vezes na estrada

- Que vem [2 veio] aqui fazer Paula?
- Eu respondia [2 respondi] soluçando a tais perguntas
- O doutor pediu licença para dizer que, se era verdade eu não o querer ofender, declarava [2 declarasse] que todas as alusões
- e ali esteve [2 estava] acenando-me

O uso das aspas e das marcas de diálogo é irregular nos testemunhos, sobretudo na história de Marcolina, onde aparecem aspas dentro de aspas, sendo que algumas abrem mas não fecham. Nesta edição, a narrativa encaixada de Marcolina será, no início, aberta por aspas, que são suspensas sempre que a personagem fala com Silvestre, ou seja, quando suspende a narrativa. O discurso direto das personagens na narrativa encaixada será representado com travessão. Por outro lado, a marcação de diálogo que, tanto na 1.^a como na 2.^a edições, aparecia por vezes separada do discurso do narrador por vírgula será regularizada para o uso de travessão.

Palavras em língua estrangeira serão sempre grafadas em itálico: *Trophonius*, *rob-de-chambre*, *sandwichs* e *cognac*.

APARATO CRÍTICO

- ¹ PREÂMBULO] *Na 1.ª ed.:* PREFACIO.
² à minha beira,] *Na 1.ª ed.:* ao pé de mim,
³ Em outro ponto, te darei mais detida notícia desta catástrofe.]
A 1.ª ed. não contém este passo.
⁴ circunfusas] *Na 1.ª ed.:* espalhadas.
⁵ opinião minha] *Na 1.ª ed.:* minha opinião.
⁶ para quê] *Nas duas edições:* para que.
⁷ Acertou de ser isto] *Na 1.ª ed.:* Foi.
⁸ preâmbulo] *Na 1.ª ed.:* prefacio.
⁹ *Na 1.ª edição, o excerto do soneto camonianiano é antes epígrafe
ao prefácio, com uma variante: cousas por coisas em ambas as
ocorrências.*
¹⁰ se estava no Porto o homem] *Na 1.ª ed.:* se elle estava no
Porto.
¹¹ na segunda hipótese,] *Na 1.ª ed.:* assim.
¹² não a] *Na 1.ª ed.:* a não.
¹³ ela] *Assim na 2.ª ed.; a palavra não consta da 1.ª ed.*
¹⁴ dez] *Na 1.ª ed.:* vinte.
¹⁵ à] *Na 1.ª ed.:* para a.
¹⁶ Eu não queria mais nada.] *Assim na 2.ª ed.; o passo não existe
na 1.ª ed.*
¹⁷ Aquilo é que era!] *Assim na 2.ª ed.; o passo não existe na
1.ª ed.*

- 18 indigente: tão inútil homem era eu] *Na 1.ª ed.*: indigente, era um homem tão inutil.
- 19 quê] *A lição das duas edições é que, que grafamos quê.*
- 20 sr.ª] *Na 1.ª ed.*: sr.
- 21 do jantar,] *Na 1.ª ed.*: de jantar,
- 22 de Cabo Verde] *Na 1.ª ed.*: legitimo.
- 23 desmanchar] *Assim na 1.ª ed.; na 2.ª ed.*: demanchar.
- 24 da sua compaixão] *Na 1.ª ed.*: de sua compaixão.
- 25 uma guia] *Na 1.ª ed.*: um guia.
- 26 cabalmente] *Na 1.ª ed.*: idoneamente.
- 27 despregava] *Na 1.ª ed.*: despegava.
- 28 na Rua] *Na 1.ª ed.*: da Rua.
- 29 Fez bem, que eu não era para graças.] *Assim na 2.ª ed.; o passo não existe na 1.ª ed.*
- 30 que] *Assim na 1.ª ed.; na 2.ª ed.*: qua.
- 31 de Fausto] *Na 1.ª ed.*: do Fausto.
- 32 cujos avós] *Na 1.ª ed.*: cujos avôs.
- 33 Perguntara-lhe] *Na 1.ª ed.*: Perguntava-lhe.
- 34 umas almofadas,] *Assim na 1.ª ed.; na 2.ª ed.*: uma almofadas,
- 35 e em seguida] *Assim na 1.ª ed.; na 2.ª ed.*: o em seguida.
- 36 de sua voz] *Na 1.ª ed.*: da sua voz.
- 37 o rouxinol] *Assim na 1.ª ed.; na 2.ª ed.*: e rouxinol.
- 38 das sinceras.] *Assim na 1.ª ed.; na 2.ª ed.*: da sinceras.
- 39 toda a mulher] *Na 1.ª ed.*: toda mulher.
- 40 formaremos] *Assim na 1.ª ed.; na 2.ª ed.*: ormaremos.
- 41 gesticulou] *Em ambas as edições*: gestilicou.
- 42 que lhes dera] *Assim na 1.ª ed.; na 2.ª ed.*: lhe lhes dera.
- 43 anjo da paz] *Na 1.ª ed.*: anjo de paz.
- 44 ela] *Na 1.ª ed.*: ella!
- 45 veio] *Na 1.ª ed.*: vem.
- 46 Paula?] *Na 1.ª ed.*: Paula?!
- 47 não a] *Na 1.ª ed.*: a não.
- 48 da sua] *Na 1.ª ed.*: de sua.

- 49 recato] *Assim na 1.^a ed.; na 2.^a ed.: racato.*
- 50 referia] *Na 1.^a ed.: contava.*
- 51 esfolhadas] *Na 1.^a ed.: esfolhada.*
- 52 *Esta NOTA aparece na 1.^a ed. como nota de rodapé e não de página (v. Nota Editorial).*
- 53 embelezando] *Em ambas as edições, uma lição que parece agramatical: embellesado.*
- 54 de homem que] *Na 1.^a ed.: do que.*
- 55 esmola.] *Na 1.^a ed.: esmola...*
- 56 respondi] *Na 1.^a ed.: respondia.*
- 57 não a] *Na 1.^a ed.: a não.*
- 58 palavras] *Assim na 1.^a ed.; na 2.^a ed.: pslavras.*
- 59 de minha] *Na 1.^a ed.: da minha.*
- 60 passear] *Na 1.^a ed.: passear sosinha.*
- 61 ela me] *Na 1.^a ed.: me ella.*
- 62 o meu] *Assim na 1.^a ed.; na 2.^a ed.: e meu.*
- 63 a carta,] *Assim na 1.^a ed.; na 2.^a ed.: e carta.*
- 64 não a] *Na 1.^a ed.: a não.*
- 65 trémula] *Assim na 2.^a ed.; a palavra não consta da 1.^a ed.*
- 66 expansivamente!] *Na 1.^a ed.: expansivamente.*
- 67 certissimamente] *Assim na 2.^a ed.; a palavra não consta da 1.^a ed.*
- 68 desvariados] *Na 1.^a ed.: desvairados.*
- 69 agravado pelas súplicas] *Na 1.^a ed.: que me causavam as súplicas.*
- 70 nova] *Na 1.^a ed.: grande.*
- 71 mim!] *Na 1.^a ed.: mim.*
- 72 promessa] *Na 1.^a ed.: palavra.*
- 73 Replicou-me] *Na 1.^a ed.: Replicou.*
- 74 saiu] *Na 1.^a ed.: deixou-me.*
- 75 do que eu.] *Na 1.^a ed.: que eu.*
- 76 Ia assim] *Na 1.^a ed.: Ia em corpo.*
- 77 o forçoso] *Na 1.^a ed.: e forçoso.*
- 78 que, no hospital,] *Na 1.^a ed.: que.*
- 79 em companhia] *Na 1.^a ed.: na companhia.*

- 80 Cuidei] *Assim na 1.^a ed.; na 2.^a ed.:* Cudei.
- 81 porquê] *Em ambas as edições:* porque.
- 82 Cais do Sodré] *Na 1.^a ed.:* «caes das columnas».
- 83 irmãs] *Assim na 1.^a ed.; na 2.^a ed.:* ismãs.
- 84 Lisboa] *Assim na 1.^a ed.; na 2.^a ed.:* Lishoa.
- 85 e avelâzeiras] *Assim na 2.^a ed.; não consta da 1.^a ed.*
- 86 da epiderme.] *Na 1.^a ed.:* de epiderme.
- 87 vácuo;] *Na 1.^a ed.:* vácuo, e.
- 88 resultado] *Nas duas edições:* resulta, *que se corrige.*
- 89 que] *Assim na 1.^a ed.; na 2.^a ed.:* qne.
- 90 arremessados] *Na 1.^a ed.:* arrebessado.
- 91 Assanhado] *Na 1.^a ed.:* Assanhados.
- 92 que] *Na 2.^a ed.:* qne.
- 93 desafogo] *Na 2.^a ed.:* dosafôgo.
- 94 de gravata] *Na 1.^a ed.:* da gravata.
- 95 previdência] *Na 1.^a ed.:* providencia.
- 96 o versista] *Assim na 1.^a ed.; na 2.^a ed.:* e versista.
- 97 *Em ambas as edições (p. 141), a nota obedece ao código bibliográfico de hierarquia intermédia (em corpo menor do que o do texto, sob o título NOTA, espaçado com uma linha branca acima e outra abaixo) e está também indexada a estômago como nota de rodapé. Nas páginas seguintes, o texto da nota não ocupa o rodapé, mas continua ocupando toda a página 142 e início da 143. A indexação foi, portanto, erro da 1.^a ed., reproduzido na 2.^a por inadvertência.*
- 98 A calúnia, conquanto escrita] *Na 1.^a ed.:* As calumnias, conquanto escriptas.
- 99 Criou] *Na 1.^a ed.:* Careou.
- 100 escolhera] *Na 1.^a ed.:* escolheram.
- 101 as portas] *Na 1.^a ed.:* portas.
- 102 bisbilhoteria] *Na 1.^a ed.:* bisbilhoteira.
- 103 acompanhara-os] *Na 1.^a ed.:* acompanhava-os.
- 104 invectivas] *Assim na 1.^a ed.; na 2.^a ed.:* investidas.
- 105 inarrável] *Na 1.^a ed.:* inenarrável.

- 106 no casamento dele com a menina.] *Assim na 1.^a ed.; na 2.^a ed.:* no casamento d'ella com a menina.
- 107 impróprios] *Assim na 1.^a ed.; na 2.^a ed.:* impróprios.
- 108 *Sobre a antecipação que aqui faz a 1.^a ed. de algumas páginas da NOTA que adiante termina a Segunda Parte, v. a Nota Editorial.*
- 109 de Anselmo.] *Na 1.^a ed.:* do Anselmo.
- 110 estavam] *Na 1.^a ed.:* estava.
- 111 de direito!] *Na 1.^a ed.:* de direito.
- 112 *paladium*] *A palavra aparece sem itálico em ambas as edições.*
- 113 declarasse] *Na 1.^a ed.:* declarava.
- 114 as funções] *Na 1.^a ed.:* a funções.
- 115 de um] *Na 1.^a ed.:* d'um.
- 116 providência] *Na 1.^a ed.:* previdencia.
- 117 nas roscas] *Assim na 1.^a ed.; na 2.^a ed.:* na roscas.
- 118 barriga.] *Na 1.^a ed.:* barriga!
- 119 a todas as oposições.] *Na 1.^a ed.:* e todas as oposições.
- 120 e o meu compadre] *Na 1.^a ed.:* e meu compadre.
- 121 numa bouça] *Na 1.^a ed.:* num bouça.
- 122 e eu levei] *Na 1.^a ed.:* o eu levei.
- 123 numa festa] *Na 1.^a ed.:* n'um festa.
- 124 Almocei contra] *Na 1.^a ed.:* Almocei muito, e contra.
- 125 cá de casa] *Na 1.^a ed.:* cá da casa.
- 126 *lhe*] *A utilização da forma pronominal lhe como plural era frequente no português antigo, sendo «ainda muito vulgar na linguagem do povo» até o início do século XX, segundo Epifânio da Silva Dias. Syntaxe Historica Portuguesa. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918, p. 63.*
- 127 não a] *Na 1.^a ed.:* a não.
- 128 o que custar] *Assim na 1.^a ed.; na 2.^a ed.:* o custar.
- 129 derredor] *Assim na 1.^a ed.; na 2.^a ed.:* deredor.
- 130 não a] *Na 1.^a ed.:* a não.
- 131 da ceia,] *Assim na 1.^a ed.; na 2.^a ed.:* de ceia.

- ¹³² sob o alvitre] *Em ambas edições sobre o alvitre. Apesar da concordância dos testemunhos, parece evidente que a coerência semântica exige a emenda da preposição.*
- ¹³³ Sant'Ana] *Na 1.ª ed.: Sancta Anna.*
- ¹³⁴ 1812] *Na 1.ª ed.: 1813.*
- ¹³⁵ leva] *Na 1.ª ed.: leve.*
- ¹³⁶ esperasse] *Assim na 1.ª ed.; na 2.ª ed.: esprasse.*
- ¹³⁷ veio logo com] *Assim na 1.ª ed.; na 2.ª ed.: veio logo como.*
- ¹³⁸ estava] *Na 1.ª ed.: esteve.*
- ¹³⁹ enganosa] *Assim na 1.ª ed.; na 2.ª ed.: enganosa.*
- ¹⁴⁰ convidados:] *Na 1.ª ed.: convidados;*
- ¹⁴¹ e refocilavam-se] *Assim na 1.ª ed.; na 2.ª ed.: o refocilavam-se.*
- ¹⁴² sobrados] *Assim na 1.ª ed.; na 2.ª ed.: cobrados.*
- ¹⁴³ de seu passado.] *Na 1.ª ed.: do seu passado.*
- ¹⁴⁴ coisas de segunda ordem] *Assim na 1.ª ed.; na 2.ª ed.: coisas da segunda ordem. Conservamos a lição da 1.ª ed., uma vez que o que está em causa é a integração na categoria genérica de segunda ordem e não uma categoria específica como seria indicado pela contração da preposição de com o artigo definido a.*
- ¹⁴⁵ simplicidades:] *Na 1.ª ed.: simplicidades;*
- ¹⁴⁶ de uma vida] *Assim na 1.ª ed.; na 2.ª ed.: da uma vida.*
- ¹⁴⁷ pauta:] *Na 1.ª ed.: pauta.*
- ¹⁴⁸ Não o conhecem] *Na 1.ª ed.: Não no conhecem.*
- ¹⁴⁹ nela] *Na 1.ª ed.: n'elles.*
- ¹⁵⁰ duvidosa...] *Na 1.ª ed.: duvidosa.*

ÍNDICE

| | |
|-----|-------------------------------|
| IX | DA SEGUNDA EDIÇÃO |
| XI | BIBLIOGRAFIA |
| XXI | ADVERTÊNCIA DO AUTOR |
| 1 | PREÂMBULO |
| 7 | PRIMEIRA PARTE – CORAÇÃO |
| 11 | SETE MULHERES |
| 11 | I |
| 15 | II |
| 20 | III |
| 25 | IV |
| 29 | V |
| 37 | A MULHER QUE O MUNDO RESPEITA |
| 37 | I |
| 41 | II |
| 44 | III |
| 50 | IV |
| 54 | V |
| 58 | VI |
| 63 | VII |
| 66 | VIII |
| 68 | CONCLUSÃO |
| 70 | A MULHER QUE O MUNDO DESPREZA |
| 70 | I |
| 75 | II |
| 80 | III |
| 83 | IV |
| 88 | V |
| 91 | VI |
| 93 | VII |

| | |
|-----|----------------------------------------------------|
| 96 | VIII |
| 100 | IX |
| 103 | SEGUNDA PARTE - CABEÇA |
| 105 | JORNALISTA |
| 105 | I |
| 108 | II |
| 112 | III |
| 115 | PÁGINAS SÉRIAS DA MINHA VIDA |
| 115 | I |
| 122 | II |
| 127 | III |
| 130 | IV |
| 133 | V |
| 135 | VI |
| 140 | VII — A POLÍCIA CORRECCIONAL |
| 155 | TERCEIRA PARTE — ESTÔMAGO |
| 157 | DE COMO ME CASEI |
| 157 | I |
| 159 | II |
| 163 | III |
| 166 | IV |
| 171 | V |
| 175 | VI |
| 177 | VII |
| 180 | VIII |
| 183 | IX |
| 185 | X |
| 187 | O EDITOR AO RESPEITÁVEL PÚBLICO |
| 201 | NOTA À EDIÇÃO DE <i>CORAÇÃO, CABEÇA E ESTÔMAGO</i> |
| 209 | APARATO CRÍTICO |

Autobiografia amorosa de Silvestre da Silva,
cu o caminho em direção a Tomásia
com passagem por órfãs, viúvas,
a mulher que o mundo respeita,
a mulher que o mundo despreza...

Uma experimentação pioneira na imersão do sentimentalismo
a partir de dentro. E também de fora, claro.

Abel Barros Baptista

edição crítica
CAMILO
CASTELO
BRANCO

ISBN 978-972-27-2758-7



9 789722 727587